

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Carla Cristine Souza de Almeida

**O Pecado Contemporâneo na Obra de Nelson Rodrigues:
uma análise das peças Álbum de família, Otto Lara Resende ou
Bonitinha, mas ordinária e Toda nudez será castigada**

Mestrado em Ciências da Religião

São Paulo
2018

Carla Cristine Souza de Almeida

O Pecado Contemporâneo na Obra de Nelson Rodrigues:
uma análise das peças Álbum de família, Otto Lara Resende ou
Bonitinha, mas ordinária e Toda nudez será castigada

Mestrado em Ciências da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para a obtenção
de título de Mestre em Ciências da Religião,
sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé.

São Paulo

2018

BANCA EXAMINADORA

A você que detém
meu amor eterno,
meus desejos
mais secretos,
meus pecados
inconfessos e
pornográficos,
tal como o Anjo.

Meus agradecimentos à Fundação São Paulo – FUNDASP e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (processo n. 88.887.149.615/2017-00) pela bolsa concedida, a qual viabilizou a realização deste estudo para a obtenção do mestrado em Ciências da Religião.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são feitos com frases do meu querido autor Nelson Rodrigues, pois não encontrei uma forma de dizer obrigada de maneira mais respeitosa.

Luiz Felipe Pondé, meu orientador: “*Qualquer amor há de sofrer uma perseguição concreta e assassina. Somos impotentes do sentimento e não perdoamos o amor alheio. Por isso, não deixe ninguém saber que você ama.*”

A minha sempre Sensei: **Jacqueline Izumi Sakamoto**: “*Ninguém pode perceber que o elegante é elegante. A elegância tem de ser um segredo inescrutável.*”

Em especial aos meus pais, sempre comigo, **Nazaré e Torquato**: “*Todas as palavras são rigorosamente lindas. Nós é que as corrompemos.*”

A irmã **Cibele** e cunhado **César**: “*O amor é a arte do lazer. O amoroso precisa de tempo.*”

Professor **Fernando Londoño**: “*Toda história humana ensina que só os profetas enxergam o óbvio.*”

Professor **J. Queiroz**: “*Todo óbvio é ululante.*”

Amiga, irmã **Andrea Kogan**: “*As coisas ditas uma vez, e só uma vez, morrem inéditas.*”

A amiga **Andréia Bisuli de Sousa**: “*Acho a liberdade é mais importante que o pão.*”

Nosso departamento de Ciência da Religião da PUC de São Paulo, agradeço por acolher e respeitar minha pesquisa: “*O indivíduo que esboçar um esgar de inteligência há de ser sempre um escorraçado. Um idiota está sempre acompanhado de outros idiotas. Mas nenhum ser é menos associativo do que o inteligente.*”

Amigos da PUC e Nemes - Núcleo de Pesquisa em Mística e Santidade: **Maria Cristina Mariante Guarnieri, José Luiz Bueno, Flávia Arielo, Marta Marciano, Regilena Emy Fukui Bolognesi, Maria José, Gabriela Bal, Wilma Tomasso, Lilian Wurzuba, Isadora Sinay**: “*Sempre fui um autor correndo atrás da metáfora, atrás das mais desvairadas metáforas. O adjetivo é a minha tara estilística.*”

Minha grande amiga, leitora e revisora: **Márcia Dias**: “*Qualquer indivíduo é mais importante do que toda a Via Láctea.*”

A meu amigo **Yannis**: “*Admito que, em certas especialidades, um médico possa rir, contar anedotas, achar graça nas coisas. Mas não o cardiologista. Não e nunca. O cardiologista lida, hora a hora, dia a dia, com a morte.*”

A fotógrafa e amiga **Claudia Alencar**: “*Paisagem é hábito visual. Só começa a existir depois de 1500 olhares.*”

Mestre e instrutor de Krav Magá **Avigdor Zalmon - Kidá!**: “*O amigo é um momento de eternidade.*”

Meu pequeno e fiel amigo – **Narcissus Petkovic** – “*A perfeita solidão há de ter pelo menos a presença numerosa de um amigo real.*”

Aos novos amigos e colegas de trajetória de mestrado, de angústias e risadas: **Glair, Iago, Marcos Camilo, Paulo, Vitor, Neffertite, Marivaldo, Flávio, Débora e Bruna**, um time e tanto: “*Minha maneira de atingir o público é não pensando nele. Se você o corteja, ele não dá pelota. Mas, se você o ignora, ele sobe pelas paredes como uma lagartixa profissional. Acho uma vergonha o autor dizer que escreve para o público.*”

A meus pacientes e as amigas do **Grupo de Estudos – Ofício de Mestre**: “*Posso não ter virtudes e realmente não as tenho. Mas sei escutar. Direi, com a maior e mais deslavada imodéstia, que sou um maravilhoso ouvinte. O homem precisa ouvir mais do que ver. Qualquer conversa me fascina, e repito: - não há conversa intranscendente.*”

Ai de nós, Fulana! Uma mulher pode, perfeitamente, gostar de um ladrão. Por um motivo: porque o coração não enxerga um palmo adiante do nariz. Se ele só se inclinasse por rapazes direitos, estaria tudo salvo. De onde resultam as tragédias amorosas? Resultam, precisamente, do fato de que ninguém escolhe certo, mas escolhe, quase sempre, errado. Vou mais longe: a gente não escolhe nem certo, nem errado. A gente não escolhe. Gostamos e deixamos de gostar, por uma série de fatores estranhos à nossa vontade. De forma que, em realidade, tudo é uma pura e simples questão de sorte. Às vezes, coincide que o nosso amor seja um cidadão seríssimo, respeitador, cumpridor dos deveres. Foi o quê? Uma escolha consciente? Uma seleção hábil? Não, em absoluto. Seleção nenhuma. Escolha nenhuma. Sorte, nada mais que sorte.

A mulher pode amar, segundo sua estrela, um escafandrista, um domador, um trocador de ônibus ou um príncipe. A você, Fulana, coube a seguinte sorte: amar um ladrão. Você não teve culpa de coisa alguma. Em amor, só fazendo muita força a gente consegue ser culpada de alguma coisa. Os amorosos não têm a menor responsabilidade dos atos que praticam durante a crise sentimental. Encurtando: você deixou o Arsène Lupin. E o que fez a sua mãe? Consolou-a? Afagou-a? Deu-lhe solidariedade? Nada disso: raspou-lhe a cabeça. Nada mais, nada menos: raspou-lhe a cabeça! Ora, eu sou franca, minha cara Fulana. Ninguém tem o direito de raspar a cabeça de ninguém. E muito menos quando se trata de uma filha. Que o seu vizinho fizesse isso, seria uma violência passível de intervenção policial. E, se foi sua mãe, muito pior. Se eu fosse mãe, faria o seguinte: jamais julgaria ou condenaria minha filha. Ela só mereceria, de mim, carinho e proteção. Os outros que a julgassem e condenassem. Eu, nunca.¹

¹ CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 219-220.

RESUMO

Esta dissertação analisa se o narcisismo pode ser considerado como pecado contemporâneo, e deste modo, cria uma categoria de comportamento a fim de responder a três perguntas centrais: quem foi Nelson Rodrigues e qual a importância de sua obra para uma sociedade em declínio; se o narcisismo pode ser considerado um pecado contemporâneo; e se a leitura das peças rodrigueanas nos revela uma condição humana miserável e desgraçada, isto nos levaria a não habitarmos o narcisismo como pecado contemporâneo. Tendo como hipótese que ao se ter a clareza da “vida como ela é”, de sua própria tragédia, a leitura das peças rodrigueanas – *Álbum de família; Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária; e Toda nudez será castigada* –, selecionadas para este estudo, abre a possibilidade de saída do sofrimento e, em vista disso, de viver com a coragem para assumir uma posição mais livre das identificações e, por conseguinte, habitar um espaço de desejo. O pano de fundo ou objetivo geral é identificar se na subjetividade do homem contemporâneo, em meio a suas angústias, seu modo peculiar de agir e de viver poderia se tornar uma espécie de pecado contemporâneo, dito de outro modo, um “narcisismo atualizado para o século XXI”. E, assim, pensar se com a leitura da obra de Nelson Rodrigues há uma possibilidade de o indivíduo ter uma vida com menos identificações narcísicas e, assim, libertar-se de tamanho sofrimento. Atravessa-se as três peças de Nelson Rodrigues e outros textos para trazer luz a uma possível saída deste modo de comportamento. Ninguém está livre do narcisismo, todos precisamos de um pouco dele para levantar e se olhar no espelho diariamente, não contar um dia a menos de vida ao acordar, mas, sim, levantar, trabalhar, viver, se alimentar, se divertir, amar, chorar, brigar. Enfim, este narcisismo nos faz viver a vida, pois o que nos embota é o seu excesso, aquilo que vai sem limite com você para um abismo sem nome e sem lugar.

Palavras-chave: Narcisismo. Pecado contemporâneo. Nelson Rodrigues. Jacques Lacan. Comportamento.

ABSTRACT

This dissertation analyses if narcissism can be considered a contemporary sin and, therefore, creates a category of behavior. In order to answer central questions: who Nelson Rodrigues was and what the importance of his work is for a declining society, if narcissism can be considered a contemporary sin and if the reading of Rodrigues' plays reveals us a miserable and misfortune human condition, leading us not to live narcissism as a contemporary sin. The hypothesis is while having clarity of the "life as it is", of its own tragedy, the reading of Nelson Rodrigues' plays - *Álbum de família*; *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*; and *Toda nudez será castigada* – selected for this study, opens the possibility of leaving the suffering behind, and on that account, living with the courage to have a position free of identifications and thus, living a space of desire. The general objective or the background is to identify if in the subjectivity of the contemporary man, amid his anguishes, his peculiar way of acting and living could become a type of contemporary sin, or: "narcissism updated to the 21st century". And also think that reading Nelson Rodrigues' plays, there is a possibility of the man to have a life with less narcissistic identifications, freeing himself from such suffering. Three plays are analyzed and other texts can shed a light on a possible exit from this type of behavior. Nobody is free from narcissism, everybody needs a little bit of it to wake up and look in the mirror every day, not count one day less in one's life, but: get up, work, live, eat, have fun, love, cry, fight. So, this narcissism makes us live our lives because what makes us dull is its excess, the thing that goes with you, without limits, to an abyss without name nor place.

Keywords: Contemporary sin, Nelson Rodrigues, Jacques Lacan, Behavior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HERANÇA TRANSMITIDA: O NETO DE BARBA DE FOGO	18
1.1 Quando nasce o “Anjo Pornográfico”?	18
1.2 O peso do nome faz silêncio na vida?	20
1.3 Só ao jovem tudo é permitido	22
1.4 Há, em qualquer infância, uma antologia de mortos	24
1.5 Só há uma tosse admissível: a nossa	28
1.6 O casamento de amor devia ter o sigilo do adultério	32
1.7 A família é o inferno de todos nós	35
1.8 O ser humano, tal como o imaginamos, não existe	37
1.9 O amor não deixa sobreviventes	40
2 O NARCISISMO COMO PECADO CONTEMPORÂNEO	44
2.1 Quero crer que certas épocas são doentes mentais, por exemplo, a nossa ..	44
2.2 Amigos eis uma verdade eterna: o passado sempre tem razão.....	46
2.3 A grande, a perfeita solidão, exige a companhia ideal	49
2.4 O único lugar onde o pecado tem castigo é no meu teatro	52
2.5 Amar é ser fiel a quem nos trai.....	57
2.6 Há homens que por dinheiro são capazes até de uma boa ação.....	60
3 ÁLBUM DE FAMÍLIA – SOMENTE OS NARCISISTAS VERÃO A DEUS?	65
3.1 O pecado é anterior à memória	65
3.2 Se Deus existe, o sexo é um detalhe	68
3.3 Quando o sujeito é uma besta e não é capaz de fazer nada, faz filhos	70
3.4 As mortas não traem	74
3.5 Não admito censura nem de Jesus Cristo.....	78
3.6 Quem nunca desejou morrer com o ser amado nunca amou, nem sabe o que é amar.....	79
4 BONITINHA, MAS ORDINÁRIA – O NARCISISTA SÓ É SOLIDÁRIO NO CÂNCER?	83
4.1 Confio em tudo, menos em nossa frívola e relapsa caridade	83
4.2 O sexo é o que restou da pré-história, do vil passado do homem.....	86
4.3 O casamento que começa por um favor está liquidado	89
4.4 Os pactos de morte desapareceram. Ninguém mais se mata por amor	93
5 TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA – PIEDADE OU CONDENAÇÃO?	98
5.1 O que é a praia senão a nudez com Freud?	98
5.2 A primeira mulher nua que vi na vida foi um umbigo.....	100
5.3 Deus prefere os suicidas	103
5.4 Não se apresse em perdoar. A misericórdia também corrompe	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Posso não ter outras virtudes, e realmente não as tenho. Mas sei escutar. Direi, com a maior e deslavada imodéstia, que sou um maravilhoso ouvinte. O homem precisa ouvir mais do que ver. Qualquer conversa me fascina e repito: - Não há conversa intranscendente. E, se duas pessoas se falam, a minha vontade é parar e ficar escutando. Uma simples frase, ainda que pouco inteligente, tem a sua melodia irresistível.²

Nesta dissertação analisamos o narcisismo como pecado contemporâneo na obra de Nelson Rodrigues, nas peças: *Álbum de família; Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária; e Toda nudez será castigada.*

Pretendemos demonstrar de que maneira a leitura do Teatro de Nelson Rodrigues poderia se tornar uma forma de saída para o sofrimento do “indivíduo narcisista” estabelecido no mundo moderno, com suas subjetividades contemporâneas, de um possível pecado contemporâneo, a dizer, uma nova categoria de comportamento.

Entendemos que este tema tem importância para a academia, pois não foi encontrada uma correlação entre Nelson Rodrigues e o tema do narcisismo construído a partir do viés metodológico psicanalítico, assim, esta dissertação aponta para o ineditismo.

O tratamento entre angústia e desejo se mostrou de suma importância. A gangrena no mundo atual está embotando os seres humanos de maneira vil. Na identificação, apontamos sobre o “narcisismo”, o traço narcísico dessa era: carência, adolescência tardia, incapacidade de assumir a paternidade ou maternidade, pavor do envelhecimento. Uma alma ridículamente infantil em um corpo de adulto, o que nos remete a um diálogo direto com a obra de Nelson Rodrigues que diz: “A nossa opção, repito, é entre a angústia e a gangrena. Ou o sujeito se angustia ou apodrece”³.

O que propomos com esta pesquisa vai ao encontro do que levantamos acerca dos narcisistas atuais, que têm como características: medo da intimidade, hipocondria, superficialidade emocional, promiscuidade sexual, temor à velhice e medo eterno da morte que assombra cada vez mais os indivíduos.

² RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia: novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007 (b), p. 33.

³ RODRIGUES, Sonia (Org.). *Nelson Rodrigues por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Talvez, o “narcisismo”, pensado como um pecado contemporâneo, esteja corroendo as vísceras dos seres humanos que vivem a condição humana muito mais do que se possa imaginar. A angústia funciona como motor para a passagem do gozo ao desejo, e somente com o desejo podemos estar libertos do “pecado do narcisismo”. Cabe saber se as pessoas conseguem ter coragem para assumir tal posição mais livre das identificações ideais e alinhadas.

Esse contexto nos remete a três problemas centrais, a serem respondidos por meio deste estudo: Quem foi Nelson Rodrigues e qual a importância de sua obra para uma sociedade em declínio? O narcisismo pode ser considerado um pecado contemporâneo? A leitura das peças rodrigueanas nos revela uma condição humana miserável e desgraçada, isto nos levaria a não habitarmos o narcisismo como pecado contemporâneo?

Em relação à hipótese, ter a clareza da “vida como ela é”, como diz Nelson Rodrigues, possibilita ao leitor que se enxergue em seus personagens, atuando na tragédia de sua vida. Melhor dizendo, cada qual interpreta com suas vísceras a sua vida finita, trágica e miseravelmente pecadora. Seres caídos condenados à eterna busca da liberdade inatingível.

Ao saber-se um ser pecador, uma possibilidade se abre ao toque invisível de Deus. Reconhecer os próprios desejos, mais obscuros e viscerais, que se tenta negar com a ilusão de mostrar a vida límpida e cristalina, e viver longe do pecado como um ser burro em sua unanimidade, é o que faz com que o indivíduo perceba que a condenação maior da condição humana é que não ser livre e nem imortal.

A misericórdia que Nelson tenta mostrar em sua obra não é a de querer insistentemente salvar o mundo, mas que os indivíduos se enxerguem miseráveis e desgraçados, e assim existirá uma ínfima possibilidade de um agraciamento em silêncio, no escuro, por um “Deus que só frequenta igreja vazia”.

Esta dissertação alinha-se à afirmação de Luiz Felipe Pondé na obra “Filosofia da Adúltera”, em que aborda a vaidade e o narcisismo:

Talvez não exista problema mais velho e humano do que a vaidade. Talvez Nelson seja um dos autores que melhor confessou a miséria que é a vaidade, especificamente neste mundo da mentira chique que é o mundo da arte e da cultura. [...] Nelson reconheceu depois que o ódio que deram ao seu ‘álbum’ familiar o salvou da vaidade de ter admiradores. Preferiu continuar a mostrar a escuridão nossa de cada dia a ficar refém dessa escuridão: a vaidade de querer ser amado pode ser uma das maiores

formas de escuridão. Preferiu ódio ao amor dos que cobram amor em troca de você pensar o que eles querem. O admirador é um inimigo da liberdade.⁴

“Que a adúltera reze por nós”⁵. A adúltera que, na obra de Pondé, representa os indivíduos como seres humanos caídos e escravos do desejo, fazendo-nos perceber o quão miseráveis e autodestrutivos somos em nossa vida. A desgraça da adúltera é que ela percebe a efemeridade do corpo, e sabe que nessa condição de seres desejantes que somos, passar a vida tentando enganar e fugir da morte será em vão. “Pensar na adúltera é, antes de tudo, uma confissão de desejo pela mulher na sua condição de filha de Eva, aquela primeira infiel”⁶.

Uma adúltera, para Nelson Rodrigues, e outras formas femininas pecadoras são aquelas mais próximas das figuras bíblicas. Figuras que conhecem a condição humana caída, o sofrimento e o pecado, e estão mais perto de Deus. No fundo, quanto mais você se acha limpo, cristalino, puro e sem pecados você está mais longe de Deus.

À medida que o narcisista nega sua condição miserável e finita, ele nega sua real condição. O narcisista abraça uma imagem de si pura e virtuosa. A frase “Somente os neuróticos verão a Deus”⁷ ganha uma proporção redentora nas peças rodrigueanas. Porque reconhecer a si mesmo como pecador e culpado só pode acontecer no enfrentamento da angústia. A escolha será sempre entre angústia ou gangrena.

Diante de todo esse quadro, o objetivo geral é identificar se na subjetividade do homem contemporâneo, em meio a suas angústias, seu modo peculiar de agir e de viver poderia se tornar uma espécie de pecado contemporâneo – dito de outro modo: um “narcisismo atualizado para o século XXI”.

Nelson foi um autor que não desistiu de conhecer, de tentar entender e mostrar quem é o ser humano, escancarar ao mundo “a vida como ela é”. Diante do caminho percorrido entre as peças: *Álbum de família; Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária; Toda nudez será castigada*, privilegiamos neste trabalho a condição humana depois do pecado original e, posteriormente, como a forma

⁴ PONDÉ, Luiz Felipe. *A Filosofia da Adúltera: ensaios selvagens*. São Paulo: LeYa, 2013, p. 123-124.

⁵ Ibidem, p. 9.

⁶ Ibidem, p. 29.

⁷ RODRIGUES, Nelson. *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 118.

narcísica tem se ampliado na sociedade, tentando recolocá-la nos moldes atuais com as exigências que perpassam o nosso tempo.

Quanto aos objetivos específicos, centram-se em: a) identificar a partir da análise das peças *Álbum de família*, *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*; e *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues, privilegiando a condição humana depois do pecado original, se o narcisismo pode ser pensado como pecado contemporâneo; b) analisar e compreender se o narcisista contemporâneo poderia ser uma nova categoria de comportamento; e c) apresentar de que modo o indivíduo narcisista flerta com a morte e habita um mundo sem desejo.

Com relação à metodologia empregada para a construção desta dissertação, realizamos um levantamento bibliográfico da obra de Nelson Rodrigues, em especial sua dramaturgia; uma coleta de dados em fontes secundárias em material publicado *on-line* e impresso, tendo como foco de estudo o narcisismo, com base nos autores Nelson Rodrigues, Jacques Lacan, Sigmund Freud, Luiz Felipe Pondé e Christian Dunker.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, trabalhamos o Estado da Arte e fizemos um levantamento da herança de Nelson Rodrigues a partir de seu lendário avô – Barba de Fogo – e até onde segue o bom sangue de um homem bem-nascido, sua herança traz boas e más impressões durante sua vida e, dessa forma, suas tragédias pessoais fizeram-se presentes no decorrer de sua obra.

No segundo capítulo, abordamos mais especificamente a questão do narcisismo; fizemos uma aproximação do Mito de Narciso e de alguns contos da vida como ela é, para tornarmos mais próximo o conceito, trabalhando sempre de forma mais livre, uma vez que não se tem aqui a presunção de ser um tratado sobre o narcisismo, nem um livro com rigor didático que só interessaria a um público específico. Levamos o narcisismo a um lugar comum, onde todos possam perceber seu movimento pelo mundo, com o máximo de cuidado em não tratar o tema com moralismo e sempre pautado na ética da clínica psicanalítica lacaniana, a partir da qual analisamos este modo de comportamento contemporâneo.

No terceiro capítulo, passamos à análise da peça *Álbum de família*, colocando em evidência o que entendemos sobre pecado, para podermos seguir com as demais peças e demonstrar do que se trata nossa hipótese.

No quarto capítulo, evidenciamos o comportamento do ser humano e suas mazelas, e de que maneira cada um pode tentar não se tornar um “mineiro que só é solidário no câncer”. A vida prega peças, de forma que podemos nos colocar atentos e verificar que os pecados existem para todos. Para esta análise, trazemos a peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, por meio da qual Nelson Rodrigues convoca o ser humano a se ver frente a frente com o dilema: escolher o amor ou o dinheiro, um paradoxo atemporal na vida como ela é.

Por fim, no quinto capítulo, levantamos a palavra castigo e tentamos demonstrar de que forma cada um se castiga na vida como ela é, e o quanto castigamos os outros como nosso modo de viver, com a análise da peça *Toda nudez será castigada*.

Vale salientar que na primeira seção dos capítulos 3, 4 e 5 apresentamos uma breve contextualização do momento histórico da vida de Nelson Rodrigues, seguindo, desta maneira, o movimento feito no Estado da Arte apresentado no primeiro capítulo desta dissertação.

Em se tratando de um tema tortuoso, e para lidar com ele, precisamos do distanciamento que a pesquisa necessita e de todo o cuidado para que não sejamos mal-entendidos, valendo ressaltar que não se trata de uma crítica moralista ao comportamento narcisista e, também, evidenciar ao longo de todo o conteúdo ora apresentado, o sofrimento que exala desse ser humano do século XXI. Em momento algum apontamos um ser que esteja enquadrado no Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais – DSM-5, e não se trata de uma análise de casos clínicos empíricos, mas sim de olharmos com mais detalhe a pessoa que vive a vida com um distanciamento sofrido e, deste modo, se distancia achando ser mais seguro do que viver “a vida como ela é”.

Trabalhamos com inúmeros textos: *A filosofia da Adúltera, Amor para Corajosos, Filosofia para Corajosos*, todos do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé, com referências da clínica psicanalítica lacaniana do Prof. Dr. Christian Dunker em *Reinvenção da Intimidade* e seu lançamento *Patologias do Social*; trabalhamos com quase todas as obras de Nelson Rodrigues; vários textos de psicanálise e a própria doutrina de Freud e Lacan, propriamente ditas.

Esperamos, deste modo, apresentar um trabalho com respeito e com a seriedade suficiente para que cada leitor possa, ao final, pensar sobre o seu narcisismo, sua própria vida, e tentar perceber se está ou não mergulhado neste pecado contemporâneo.

O que se reúne sob esse termo de ética da psicanálise permitir-nos-á, mais do que qualquer outro domínio, colocar à prova as categorias através das quais, naquilo que lhes ensino, acrecido dar-lhes o instrumento mais apropriado para salientar o que a obra de Freud e a experiência da psicanálise que dela decorre trazem-nos de novo.

De novo sobre o quê? Sobre alguma coisa que é, ao mesmo tempo, muito geral e muito particular. Muito geral na medida em que a experiência da psicanálise é altamente significativa de um certo momento do homem que é aquele em que vivemos, sem poder sempre, e até pelo contrário, discernir o que significa a obra, a obra coletiva, na qual estamos mergulhados. E, por outro lado, muito particular, como é nosso trabalho de todos os dias, ou seja, a maneira pela qual temos de responder na experiência ao que lhes ensinei a articular como uma demanda, demanda do doente à qual nossa resposta confere uma significação exata – uma resposta da qual devemos conservar a mais severa disciplina para não deixar adulterar o sentido, em suma profundamente inconsciente, dessa demanda.

*Falando de ética da psicanálise, escolhi uma palavra que não me parece por acaso. Moral, poderia ainda ter dito. Se digo **Ética**, verão por quê, não é pelo prazer de utilizar um termo mais raro.⁸*

⁸ LACAN, Jacques. *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, 1959-1960. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 11-12. (Grifo nosso)

1 HERANÇA TRANSMITIDA: O NETO DE BARBA DE FOGO

1.1 Quando nasce o “Anjo Pornográfico”?

Se me perguntarem quando é que comecei a ser Nelson Rodrigues, eu diria que foi na Escola Prudente de Moraes, na Tijuca. Eu estava, se não me engano, no quarto ano primário. A escola ficava perto do Hospital Evangélico. E, um dia, houve, na aula, um concurso de composições.⁹

Recife, Pernambuco, 23 de agosto de 1912, Nelson Falcão Rodrigues “abria os olhos para a realidade além-útero e se sentia expulso do paraíso materno”¹⁰, filho de Mário Rodrigues e Maria Esther.

Francisco “Barba de Fogo”, assim era chamado seu avô, um Rodrigues legendário no Recife, conhecido por ser um multiplicador de dinheiro e pelo “poder de fogo” em relação às mulheres. Era também chamado de fauno insaciável – um de seus mais leves apelidos, devido a comportamentos um tanto quanto exacerbados ao se tratar do sexo feminino. Casado com dona Adelaide, avó de Nelson, uma mulher de família rica, uma fina dama da sociedade, que ainda recém-casada percebe que seu marido – “Barba de Fogo” – definitivamente não continha seu furor sexual diante de toda e qualquer mulher que lhe cruzasse o caminho – solteira, casada, feia, bonita. Ela resolve pesar o que havia de favorável em seu marido – pai excelente e marido gentil – e o desfavorável, o que culminou em sua plena renúncia aos feitos dele quanto às amantes, às traições, aos filhos fora do casamento, e permaneceu ao seu lado como se não se importasse.

Francisco Rodrigues tornou-se o único adúltero oficial com *habeas corpus* fornecido pela própria esposa¹¹, com a qual teve três filhos oficiais registrados: Augusto, Maria e, por último e não menos importante, Mário Rodrigues.

Mário Rodrigues envereda-se na arte de ler e escrever desde pequeno e torna-se um leitor assíduo dos jornais, despertando em suas veias o desejo de ser jornalista. Desejo este que o levou a fundar um jornal infantil e iniciar a sua trajetória de vida.

⁹ RODRIGUES, Nelson. *Memórias: a menina sem estrela*, 2009, p. 215.

¹⁰ CASTRO, 1992, p. 11.

¹¹ Ibidem, p. 13.

Em 1891, Adelaide e “Barba de Fogo” saem de Recife e se estabelecem na Alemanha, deixando seus três filhos sob os cuidados de um médico e amigo da família – dr. Coelho Leite. Anos se passaram, e o avô de Nelson é acometido por um câncer na laringe e morre em Heidelberg, sua avó não consegue trazer o corpo do marido para enterrar em sua terra, mas volta com o último filho de Barba de Fogo em seu ventre, e por uma infelicidade ambos vão a óbito.

Mãe e médico lutaram durante horas pela criança, com sofrimentos inenarráveis para Adelaide. Finalmente, quando os músculos de Adelaide desistiram e mãe e filho iam morrer, só havia uma solução: a cesariana. [...] A cirurgia não foi feita e Adelaide morreu entre os gritos desesperados de ‘Me salvem!’ e ‘Não quero morrer!’.¹²

Augusto, Maria e Mário – órfãos e sob a tutela de Coelho Leite – passaram a conhecer uma vida com dificuldades financeiras, jamais imaginada. Em relatos e justificativas do tutor às crianças, Barba de Fogo tinha muitas amantes, quase mil mulheres ou mais, que estavam devidamente catalogadas por ele em cadernetas.

Mário Rodrigues, em plena inquietude, aos 15 anos, cansado de viver de esmolas de seu tutor, começa a trabalhar pastoreando cabras, escrevendo poesias, tratando a letra e ganhando intimidade com as palavras. Torna-se um homem com temperamento ímpar. Permeavam seu corpo fúrias e doçuras, uma bipolaridade sentimental sempre carregada de muito exagero. A gagueira era algo que lhe incomodava sobremaneira, mas a inteligência lhe salvava, tinha uma capacidade de memorização assustadora, o que lhe ajudou na hora de ler a Bíblia e decorar alguns de seus versículos para tentar cair nas graças dos futuros sogro e sogra, pais de Maria Esther, por quem se apaixonou.

Maria Esther aparece na vida de Mário Rodrigues em 1903, com o tilintar dos sinos em seus corações. O casal prematuro para o amor incontrolável, 15 e 18 anos, respectivamente, foi refreado de seus sentimentos pelos pais da noiva. A família Falcão deixou claro que não queria entregar a filha a um “menino” suspeito por herdar a fama peculiar de Barba de Fogo. Mário, por sua vez, de maneira inteligente se fez sagaz e passou a acompanhar a amada e sua família aos cultos da Igreja Batista, chegando ao púlpito para proferir sermões.

¹² CASTRO, 1992, p. 14.

Em 1904, Mário e Maria Esther se casam. Ele se mostrou um homem desejante diante da nova vida, retomou os estudos, aprendeu francês e formou-se em primeiro lugar em Direito em 1909. O filho de Barba de Fogo herdara do pai a palavra, e cumprindo com a sua, teve 14 filhos com Maria Esther, e entre eles, Nelson Rodrigues, nascido em 1912.

1.2 O peso do nome faz silêncio na vida?

Em 1913, mesmo meu pai e minha mãe pareciam não ter nada a ver com a vida real. Vagavam, diáfanos, por entre as mesas e cadeiras. Depois, eu os vejo parados, com uma pose espectral de retrato antigo. Mas nem meu pai e nem minha mãe falavam. Eu não os ouvia. O que me espanta é que essa primeira infância não tem palavras. Não me lembro de uma única voz. Não guardei um ‘bom dia’, um gemido, um grito. Não há um canto de gallo no meu primeiro e segundo anos de vida. O próprio mar era silêncio.¹³

De onde veio seu nome? Mário Rodrigues escolheu o nome de seu filho Nelson em homenagem a um almirante inglês chamado Lord Nelson, vencedor da Batalha de Trafalgar em 1805¹⁴, um nome militar que para ele significava a sua admiração “pelos soldados e sua audácia de arriscar estratégias suicidas e, afinal, vitoriosas”¹⁵. A propósito, esta herança nominada parece justificar as muitas batalhas, algumas suicidas e nem todas vitoriosas, uma escalada de quem apontava desejos próprios, traçando a história da vida de Nelson Rodrigues.

A bordo do vapor, Mário Rodrigues deixa mulher e filhos e parte para o Rio de Janeiro para tentar uma nova vida. Em 1916, chega de repente ao Rio, sua mulher, seis filhos e em seu ventre. O que poderia piorar a condição de desespero de Mario, que se encontrava sem emprego, sem dinheiro e sem abrigo para sua família. Sendo um Rodrigues, tinha muitos amigos, entre eles, Olegário Mariano, o poeta das cigarras, que abriu as portas de sua casa para abrigar a família Rodrigues.

¹³ RODRIGUES N, 2009, p. 25.

¹⁴ A Batalha Naval de Trafalgar ocorreu entre França e Espanha contra a Inglaterra, em 21 de outubro de 1805, ao largo do cabo de Trafalgar, na costa espanhola. A esquadra franco-espanhola era comandada pelo almirante Villeneuve, e a inglesa pelo almirante Nelson, um dos grandes gênios em estratégia naval. A França queria invadir a Inglaterra pelo Canal da Mancha, mas antes tinha que se livrar do empecilho que era a marinha inglesa.

OPERA MUNDI. *Hoje na História: 1805 - França e Espanha se unem contra Inglaterra na Batalha de Trafalgar.* 21/10/2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/7099/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

¹⁵ RODRIGUES N, op cit, p. 17.

Entre um trabalho e outro, Mário conseguiu alugar uma casa para sua família, por 120 mil réis por mês, na Aldeia Campista, esquina da Rua Santa Luzia com a Rua Alegre, 135. Esta rua rendeu a Nelson Rodrigues a experiência dos afetos mais viscerais, que foram endereços de alguns de seus contos e peças teatrais.

Nos primeiros anos da Aldeia Campista não tínhamos empregada. Minha mãe precisou ir para a cozinha, para o tanque; fazia todo serviço, varria, espanava. Milton e Roberto, os mais velhos, tomavam conta dos menores. De vez em quando, a vizinha tocava o ‘Conde de Luxemburgo’. E então, minha mãe valsava sozinha. E, nesse momento, ela se dilacerava de felicidade. Continuei descobrindo as coisas – o céu, a folha do tinhão, a morte e o sexo.¹⁶

Uma comunidade de tísicos¹⁷, a vizinhança tossia em grupo. Nelson percebia entre a nova vizinhança que os maridos eram magros, asmáticos e espetrais, enquanto as mulheres eram ressentidas, solteiras e viúvas, quase machadianas. Em suas descobertas, aos 4 anos de idade fora surpreendido por uma vizinha que chegou de sobressalto em sua casa dizendo para sua mãe a frase traumática e chistosa: “Todos os seus filhos podem frequentar minha casa, dona Esther. Menos o Nelson!”¹⁸.

Nelson poderia morrer sem saber o que fez de tão grave. Na verdade, o garoto observava a filha de dona Maria, que era um ano mais nova do que ele, pelo muro, apenas a espiava, o que para ele não justificava tamanha indignação materna. “Seja como for, o **pecado** é anterior à memória”¹⁹.

Aos 6 anos, Nelson pediu para ingressar na escola. Dona Rosa, sua professora, foi a primeira de muitas professoras pelas quais ele se apaixonou. Costumava levar uma banana de merenda, mas via os meninos comerem algo que despertaria seu mais profundo desejo, pão com ovo. Sim, com uma gema quase mole que escorria dos lábios alheios como se fossem ouro. A fome era normal em sua casa, a família almoçava em uma pensão cuja mesa eram maravilhosos caixotes de querosene. Quando jantar era possível, o momento se transformava em um pequeno banquete, eles comiam aipim com café ralo e quente.

¹⁶ RODRIGUES N., 2009, p. 31.

¹⁷ Tísico: [...] tuberculoso [...].

HOUAISSE Eletrônico. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 3.0 Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹⁸ CASTRO, 1992, p. 23.

¹⁹ RODRIGUES N., op cit., p. 32. (Grifo nosso).

Mesmo diante dessa realidade, ninguém na família Rodrigues se fez de pedinte ou colocou o peso das desgraças da vida como uma forma de soterramento de um desejo.

O peso do nome faz um homem silenciar? Depende da maneira que ele se aceita, como detentor do manto da vitimização ou como aquele que depende totalmente das expectativas dos outros e que não sabe e nem sequer imagina que pode fazer suas próprias escolhas.

Nelson escolhe sustentar o nome dos Rodrigues. Aceita seu nome com uma calma trágica, daquele que caminha sabendo que seu destino foi tecido pelas moiras cegas. Fios estes que certamente estariam presentes na trama que fez o pano de seus teatros. E, assim, escreveu com a tinta da contingência. Aos poucos, cresce o menino que desde de cedo começa a construir seus escritos para um dia ser reconhecido como “Senhor das Palavras”.

Não, o peso no nome não faz um homem silenciar. A exemplo dos Rodrigues, pois esse DNA tem ecoado através dos tempos.

1.3 Só ao jovem tudo é permitido²⁰

O público só irá, daqui por diante, ao espetáculo pornográfico. A plateia exige as duas coisas: - o palavrão e o gesto que lhe corresponde. É como se a obscenidade de palco justificasse e absolvesse a obscenidade do espectador.²¹

Como o próprio Nelson dizia, existem “detalhes” que comprometem até o infinito. E assim foi seu feito na escola, quando ganhou um concurso de redação. A professora Amália disse para os alunos da sua turma que eles poderiam discorrer sobre qualquer tema, e deveriam finalizar e entregar na mesma aula. A redação que ganhasse seria lida em voz alta. A professora, meio trêmula, empunhava seus óculos e, sem muito perceber suas expressões, anunciou que naquele dia havia dois ganhadores.

Frederico, com uma redação comum sobre um rajá que passeava em um elefante, bem de acordo para um menino de sua idade; e a outra, a de Nelson, uma história sobre adultério, o marido esfaqueava a mulher e, após o crime, se punha de

²⁰ RODRIGUES N., 2007 (b), p. 70.

²¹ Ibidem, p. 181.

joelhos implorando seu perdão. Foi a primeira vez que Nelson tornou-se o centro de tamanha atenção. Para quem não gostava de ser olhado por se achar esquisito devido ao tamanho de sua cabeça, sentiu pela primeira vez o prazer dos olhares alheios. O adultério era algo que normalmente não habitava os pensamentos de meninos nessa idade. E, assim, Nelson Rodrigues inaugura sua escrita permeada de desfechos trágicos, em que morte e sexo caminham de mãos dadas.

Eu fui profunda e mortalmente ligado ao meu irmão Joffre, e tinha o maior sentimento, um sentimento profundo de família. A família para mim, já naquela ocasião, era uma paixão. Quando fazia minhas especulações, aos seis, sete anos, queria morrer em primeiro lugar, porque achava que não resistiria se o meu pai, minha mãe ou um dos meus irmãos morresse, embora, achasse que nenhum de nós morreria jamais. Eu entendia que a morte era um fato para os outros, para nós, não.²²

Era o começo da vida de um escritor que já desenhava seus textos colocando a condição humana latente nas letras. Morte e sexo eram e continuam sendo inquietantes.

De família batista, acompanhava a mãe à Igreja no bairro do Méier, mas não gostava da aridez da Igreja Protestante, e aos poucos, foi se fascinando pela Igreja Católica – a que especialmente lhe chamava atenção era a igreja de Santo Afonso.

[...] O certo, no entanto, é que a frequentava quando ela estava vazia, fora dos horários de serviços religiosos. A igreja enorme e silenciosa, com o sol varando de luz os santos dos vitrais, dava-lhe a sensação do mistério divino. Se o menino Nelson procurava a igreja como um refúgio onde se sentia purificado dos pecados alheios, só podemos conjecturar. Mas, pelo resto da vida, ele continuaria entrando esporadicamente em igrejas vazias e, aí, sim, por conta dos próprios pecados.²³

Nelson passa a ser conhecido como uma promessa de tarado, após a redação premiada, ainda que a tivesse elaborado sem dizer um palavrão. Nunca foi proibido, mas era um garoto reservado e com grandes pudores, nutria quase que uma nostalgia de sua pureza infantil. Entre as diversas brincadeiras e do futebol com os amigos, Nelson começa a adolescência enamorando-se por várias meninas, subitamente e com muita fluidez, como se fosse uma retomada da saga do avô Barba de Fogo. Resta saber se ele também preencheu sua caderneta de amores.

Tinha acabado de ler Dostoiévski e conhecido Sônia (a heroína de Crime e Castigo), aquela beleza que procurei em cada mulher. Tentei descobrir Sônia indo com prostitutas. Descobri nelas, mulheres sempre realizadas, todas sem neuroses, todas dizendo que o outro trabalho é chato, que bom é aquilo mesmo. Nunca motivos profissionais levaram a prostituta ao suicídio.

²² RODRIGUES S., 2012, p. 20.

²³ CASTRO, 1992, p. 30.

São mulheres tranquilas. É uma vocação. Nasce-se prostituta como se nasce poeta, violinista, chofer de táxi.²⁴

Nelson Rodrigues conheceu o mangue, e aí sim perdeu sua inocência, como a expressão utilizada na época: “[...] saía o último dos cães deste *rendez-vous*. Entrava lá com a euforia de um anjo e saía de lá me considerando o último dos pulhas”²⁵. A partir de então, começa a se aproximar da figura da prostituta, aquela que, assim como a adúltera, vive o tédio na carne e sofre como cada ser humano.

Vale frisar que tanto a prostituta como a adúltera habitam o universo rodrigueano, elas são pessoas respeitadas e abrillantam muitos contos e peças no decorrer da obra de Nelson Rodrigues.

1.4 Há, em qualquer infância, uma antologia de mortos²⁶

Minha mãe quase enlouqueceu: meu pai morria, em seguida. E meus irmãos e minhas irmãs uivavam – digo ‘uivavam’ – de desespero e de ódio. Todos nós tínhamos vergonha de estar vivos e Roberto morto. Mas só eu vira e ouvira. Só eu fora testemunha ocular e auditiva de tudo. De vez em quando, antes de dormir, começo a me lembrar. Vinte e seis de dezembro de 1929. E as coisas tomam uma nitidez desesperadora. A memória deixa de ser a intermediária entre mim e o fato, entre mim e as pessoas. Eu estou em relação física, direta, com Roberto, os outros, os móveis.²⁷

Vinte e nove de dezembro de 1925, Nelson entra pela primeira vez na redação do jornal de seu pai Mário Rodrigues, após convencê-lo de que seria repórter policial e ganharia um salário de trinta mil réis por mês. Nada mais instigante para aquele menino da redação premiada escrever sobre os pactos de morte dos amantes inconfessos, das sogras que em momentos de fúria envenenavam seus genros.

Roberto Rodrigues, irmão de Nelson, tinha olhos de “sampaku”²⁸, que para os japoneses significava ser portador de uma herança maldita associada a uma morte violenta. Nelson Rodrigues tinha um carinho evidente por Roberto, que era um homem vaidoso, bonito, com cabelos pretos evidenciados por todos e com um hábito de escandir as palavras, ou seja, soletrá-las, aliás, um detalhe que o tornava

²⁴ RODRIGUES S., 2012, p. 57.

²⁵ Ibidem, p. 26.

²⁶ RODRIGUES, N., 1997, p. 110.

²⁷ Idem, 2009, p. 125.

²⁸ CASTRO, 1992, p. 73.

um homem apaixonante e sedutor. O irmão mais velho era Milton, porém, Roberto era aquele irmão a que todos respeitavam, ele detinha certa autoridade.

A arte, mais especificamente o desenho, era o grande diferencial de Roberto, o que inclusive rendeu-lhe prêmios com menções honrosas em dois salões de Belas Artes. Como algo familiar, Roberto também tinha um tom em sua obra carregado de detalhes que salientavam a morte e o sexo.

O sexo era uma obsessão de seus personagens: faunos com pés de cabra perseguindo ninfas de maiô, cangaceiros brutalizando prisioneiras, grupos dançando hipnoticamente nos bordéis, prostitutas solitárias ou em grupos. Mas a morte sempre estava em cena, representada pelos olhos vazados de seus homens e mulheres, os corpos com músculos transparentes, os namorados de luto fechado, os esqueletos em combate, as orgias entre cruzes.²⁹

Roberto provocava suspiros no público feminino. Nota-se que o sangue do avô Barba de Fogo percorreu gerações. Casou-se com Elsa – ou El-ssa, como gostava de soletrar, o que a fazia apaixonar-se cada dia mais por ele. O casal teve dois filhos, Sérgio e Maria Teresa.

Roberto, como o ilustrador oficial do jornal de seu pai, em outubro de 1929, estampou um crime em grande estilo como manchete do Jornal.

Tanto é belo um idílio romanesco como um crime bárbaro. [...] o degolamento da menina Florinda, de catorze anos, pelo empresário espanhol radicado no Rio, Antônio Martinez. A ilustração de Roberto mostrava o assassino segurando a cabeça da vítima, separada do corpo, com o sangue escorrendo em catadupas.³⁰

Mario Rodrigues não concordava com esta exposição, estampar o horror na capa de seu jornal, mas também não podia desperdiçar o talento de seus filhos e funcionários fiéis. Imediatamente, em sua cabeça mais que criativa brotou uma ideia e não perdeu tempo em colocá-la em prática, e nasce o jornal “Última Hora”, e neste sim, até mesmo pelo nome, seria possível um espaço mais amplo para Roberto e suas magníficas e premiadas ilustrações, bem como para o talento de seu novo repórter policial, Nelson Rodrigues.

Como quase uma capa de jornal, uma foto familiar guarda a imagem da família, em 4 de outubro de 1929, Mario Rodrigues e Maria Esther comemoraram suas bodas de prata, festa essa que fora marcada por ser a última foto dos

²⁹ CASTRO, 1992, p. 75.

³⁰ Ibidem, p. 82.

Rodrigues para o próprio álbum de família, na escadaria do palacete – o pai, a mãe e seus 14 filhos.

Eu vira, nos jornais, a fotografia de Souza Filho no necrotério. Ainda tenho, na cabeça, a sua cara gorda e mais: - vejo também a pulseira de barbante, da qual pendia um cartão com a identidade e o número do cadáver. E essa pulseira, que põem em qualquer morto, como uma desfeita, uma humilhação – essa pulseira me dava cólera cega e inútil. Que fizessem isso com qualquer morto e não com meu irmão, não com um morto amado por mim.³¹

O telefone toca na casa do casal Thibau Jr., era um repórter de polícia que chamava por D. Sylvia. O inconveniente repórter lhe pedia detalhes sobre seu desquite, que era portador de graves acusações contra ela, Sylvia pontuou que não existia nada que devesse ser publicado e desligou o telefone.

Passado um tempo, Sylvia dirigiu-se à redação do jornal de seu amigo Figueiredo Pimentel, secretário de *O Jornal*, e juntos foram à redação do *Diários Associados*, ambos de Assis Chateaubriand, falar com o secretário do vespertino Rubem Gill. Explicados os fatos, Sylvia pede que alguém interceda a seu favor e pede que Rubem vá à redação de *Crítica*, de Mário Rodrigues, pedir para que a notícia de seu desquite não fosse publicada. Tarde demais. Quase sete horas da noite e Rubem Gill volta dizendo que nada mais poderia fazer, pois o jornal já estava fechado, mas que ela seria tratada com toda consideração, repetindo as palavras de Roberto Rodrigues.

Mário Rodrigues abre seu jornal naquela manhã de 26 de dezembro, e vê estampado em primeira página a manchete: “Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso caso de desquite”. A ilustração da matéria foi feita por Roberto: “uma mulher sentada numa maca e um médico examinando suas pernas”³². Mário Rodrigues nem sequer imaginava que sua vida estava por um fio com essa matéria.

O espantoso no assassinato de Roberto é que não houve ódio. Ele não foi odiado em nenhum momento. Não foi o ódio que apertou o gatilho (e era um revólver pequenininho, sim, um revólver liliputiano, que mais parecia de brinquedo). Não houve ódio e nem irritação, repito nem irritação. Eu estou ouvindo a voz: ‘Doutor Mário Rodrigues está? Doutor Mário Rodrigues está?’³³

³¹ RODRIGUES N., 2009, p. 136.

³² CASTRO, 1992, p. 88.

³³ RODRIGUES N., op cit., p. 129.

Sons inteligíveis, um tiro e um grito! Foi assim, Sylvia Seraphim, comprou um Gallant, com balas de calibre 22, e se dirigiu à redação, ao chegar pediu por Mário e foi informada de que ele não havia chegado; pede então por seu filho. Roberto se dirige com ela até uma sala e, ali mesmo, com Roberto de pé, Sylvia retira de sua bolsa a arma e à queima roupa atira no abdômen dele. Nelson, que havia descido para tomar um café, escuta o grito e sobe em disparada para ver o que havia acontecido, chega e vê o assoalho ensanguentado e seu irmão caído ao chão. Um investigador de polícia que estava na redação segue de pronto para prender Sylvia, que calmamente diz: “Podem me largar. Eu não faço mais nada. Queria matar o doutor Mário Rodrigues ou o seu filho. Estou satisfeita.”³⁴

Entra meu pai. Fizera a viagem, do mais profundo Leblon até a rua do Carmo. O carro veio, pelo caminho, estourando todos os sinais. E meu pai entrava, mais gago do que nunca. Ah, meu pai. Eu o amava mais por ser gago e direi ainda: - desde menino, acho que o gago está certo e os outros errados. (Coisa curiosa! Tenho 54 anos e jamais encontrei uma mulher gaga). Meu pai entrou na redação e começou a dizer o que iria repetir até morrer: - ‘Essa bala era para mim’.³⁵

Roberto Rodrigues morreu na manhã do dia 29 de dezembro de falência múltipla provocada pela peritonite. A viúva Elsa pediu que o padre o batizasse *in extremis*, não compareceu ao velório e nem ao enterro, pois além da dor, tinha medo de encontrar outras viúvas. O fato é que nem se percebeu a existência de outras viúvas, mas sim a de um pai que gritava e abraçava as pessoas com uma dor que exalava a tristeza e a inconformidade da morte de seu filho. As palavras cortavam seu corpo, Mario Rodrigues, um pai dilacerado que nunca se perdoaria por aquela bala maldita, entre gritos e uivos incessantes: “Aquela bala era para mim!”.

Durante 267 dias o jornal de Mario Rodrigues publicou um quadrado onde se via a foto de Sylvia – proibitivamente linda e soridente, com perolas lhe escorrendo pelo colo –, o título ‘JUSTIÇA! JUSTIÇA! MERETRIZ ASSASSINA!’ e, dia após dia, sempre o mesmo texto: ‘Faz hoje [tantos] dias que Sylvia Seraphim, ex-Thibau, esposa adultera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa ação de divórcio, para maior liberdade da cadeia de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues, artista de 23 anos de idade, chefe de família, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcedíveis. A meretriz assassina será castigada’.³⁶

³⁴ RODRIGUES N., 2009, p. 90.

³⁵ Ibidem, p. 131.

³⁶ CASTRO, 1992, p. 93. (Grifo do autor)

O luto havia se instalado naquela casa. Milton mudou-se para o porão e trancava-se no escuro, talvez à espera de um milagre. Joffre, na adolescência, chorava, e com um movimento violento passou a sair armado pelas ruas, na esperança de matar a assassina de seu irmão. Quanto a Nelson Rodrigues, este somente chorava. Mario Rodrigues, que já habitava o mundo etílico, afundou-se na bebida como tábua de salvação e o tanto que bebia era o tamanho de sua fúria nas publicações sequenciais pedindo e clamando por justiça.

Seu adoecimento era tão visível quanto o seu emagrecimento. Dia após dia, definhava como se habitasse o lugar de algum personagem pintado por Roberto em uma de suas telas, que eram feitas com algumas tintas do desespero humano. Não durou muito, 5 de março de 1930, Mario Rodrigues com apenas 44 anos, 67 dias após a morte de Roberto, teve uma trombose cerebral. Antes de morrer, nas 48 horas de sua agonia, chamou Maria Esther e alguns filhos e disse-lhes que após a sua morte as coisas ficariam difíceis e que, portanto, ela vendesse o jornal para Júlio Prestes. A dor da fome estava por chegar e se instalar na família de Nelson Rodrigues.

1.5 Só há uma tosse admissível: a nossa³⁷

No primeiro momento, a glória é casta. Desde garotinho, a minha vida fora a desesperada busca da mulher primeira, única e última. Em 1930, veio a fome. E, no período da fome, o amor passou para um plano secundário, intranscendente, nulo. Eu só pensava na fome. Mas a glória é ainda mais obsessiva, ainda mais devoradora. Eis o que que queria dizer: - Com o artigo de Manuel Bandeira, só eu existia para mim mesmo. O resto era paisagem.³⁸

No intervalo de dois anos partiram Dorinha, Roberto e Mário, e a fome consumia os que ficaram. Apenas Sylvia Seraphim não fora consumida, e em 22 de agosto teve seu julgamento iniciado. Pelo rádio acompanharam a audiência, a indignação era absoluta entre todos, o ex-marido de Sylvia derrubou a acusação dizendo que a esposa queria apenas ter uma vida literária. Transformaram a ré em vítima, aquela que foi em busca do pai e na falta dele matou alguém, em seu lugar. Assim foi o fim do julgamento: absolvida!

³⁷ RODRIGUES, N., 1997, p. 167.

³⁸ Idem, 2007 (b), p. 104. (Grifo nosso)

O jornal de Mário acabou. Às pressas, os filhos começaram a tentar reerguer o impossível e foram se consumindo aos poucos, o abismo era o único lugar que servia de paisagem aos Rodrigues. Pão com manteiga tornou-se a refeição mais substanciosa e única, a se dizer, para todos, e em dias alternados, para tentar suprir a fome e a dor que os consumia. De 1931 a 1934, fizeram inúmeras tentativas para sair daquela situação lastimável, chegaram a lançar a obra completa de Mário Rodrigues, apenas dois livros tiveram uma aceitação, os demais foram mais uma decepção.

Uma vez, num Carnaval, fui a pé da antiga Galeria Cruzeiro até o limite de Copacabana com Ipanema para comprar três pães de cem réis. Já estava faminto e muito fraco, de forma que quando cheguei a Copacabana resolvi tomar um bonde. Fiquei tapeando o condutor, para não pagar. Comprei os pães e fui procurar uma casa onde se vendia um prato de feijão. Quando fui comer o feijão, tinha uma barata. Porque na fome tudo acontece. Não se trata da fome em si, mas também das outras coisas. As pequenas não querem nada com você. Você não dá gorjeta e o garçom o trata como um mendigo. Quem pensa que eu não ia comer é um alienado total, nunca passou fome. Confesso a vocês que afastei aquele importuno e comi o feijão. A fome não tem limites. Comi sem o menor escrúpulo, pois não tinha comido nada naquele dia.³⁹

Stella, irmã de Nelson, era médica e trabalhava na Policlínica de Copacabana, ela percebeu o fantasma que rondava seu irmão: “a morte branca” – nome que Nelson achava nupcial, voluptuoso e apavorante – era a tuberculose pulmonar. Os três longos anos de fome, de precária alimentação foram cruéis com Nelson, que ficou vulnerável ao bacilo, e foram atingidos em cheio os tubérculos de seu pulmão direito. A febre o consumia. De forma cruel arrancaram-lhe todos os dentes, após isso, como se nada mais o assombrasse, seguiu para sua primeira ida a Campos do Jordão, no Sanatorinho Popular, como era chamado o Hospital que servia de abrigo aos tuberculosos da época. Nelson ficou grato a Roberto Marinho que o havia contratado para a redação de *O Globo*, e que prometeu não retirar seus salários de dois mil contos de réis mesmo enquanto estivesse internado. Durante sua internação, os pesadelos de Nelson eram recorrentes sobre Roberto parar de pagar o salário, o que lhe rendia suores e terrores noturnos inimagináveis.

Sua vaga foi de indigente, o que Nelson tentou negociar e pagar 150 mil réis para que melhorasse sua hospedagem, nunca chegando ao conforto do Hotel Toriba (mais famosa em Campos), mas que não lhe rendesse ter que varrer o chão, trocar lençóis e servir mesas. Ali quase tudo era respeitado entre os pacientes, só não o

³⁹ RODRIGUES, S., 2012, p. 45-46.

“silêncio”, no apogeu das madrugadas havia uma cacofonia de tosses. Às vezes, conversava com um paciente e outro pela manhã, e à noite, já estavam saindo em caixões. O normal daquele lugar era que os pacientes fossem esquecidos pela família. Nelson compensava as visitas de sua família – pela falta de dinheiro e condições por incessantes cartas e que iam e vinham numa frequência como aquela tosse de todos permanentes e sem fim. Fazia parte do tratamento banhos gelados, e todos dormiam com suas janelas abertas. Nelson observava que entre os pacientes o sexo habitava os seus pensamentos, todavia, existia uma silenciosa abstinência naquele ar frio.

A doença contou muito para mim. Eu odeio Campos do Jordão. Naquele tempo morria-se aos borbotões de tuberculose. Eu era um pessimista e em Campos do Jordão eu cultivei meu pessimismo porque notei que todo otimista morria. Na véspera da Hemoptise, os otimistas faziam os projetos mais mirabolantes, falando daqui a cinquenta anos. A minha tristeza em Campos do Jordão era uma coisa terrível. Não se tratava apenas de mim. Havia o ambiente e os tipos que me cercavam. A tosse, por exemplo. A partir das duas da manhã, era uma sinfonia de tosses, de todos os tipos e de alguns tons. E as escarradeiras? Todo mundo tinha. Algumas eram artísticas, prateadas, com desenhos em relevo. Logo que cheguei não sabia dessas coisas e vi um sujeito abrir uma espécie de lata muito bonita. Abriu com cuidado e fiquei olhando: ‘Mas que coisa bonita’, disse para mim mesmo. Era a escarradeira.⁴⁰

Logo no início de 1935, para passar o tempo, Nelson decide montar um *sketch* cômico sobre os pacientes, e na plateia, os enfermeiros e os doentes em pior estado. A primeira cena foi de tamanha graça que alguns tiveram acessos inconfessos de tosse, dando fim à sua primeira experiência dramática. Meados daquele ano, Nelson viu uma das cenas mais gloriosas de sua vida, os enfermeiros incendiaram seu colchão como de praxe e lhe deram alta, estava livre para voltar ao Rio e para sua família.

Após a longa estadia, Nelson manteve-se dizendo curado da tuberculose, mas em verdade retornou a Campos mais umas três vezes, após cinco crises violentas. Em 1949, chegou a ser tratado com estreptomicina, sua companheira durante 15 anos foi a tuberculose. Nesse meio tempo, o incansável Mario Filho, em idas e vindas a jornais, conseguiu, em 1936, comprar o *Jornal dos Sports*, e a vida voltava-lhes a sorrir! Mas por pouquíssimo tempo.

⁴⁰ RODRIGUES, S., 2012, p. 48.

Arpoador, domingo de abril de 1936, Joffre e Augustinho se deliciavam na praia. Joffre era um personagem do lugar, também lhe corria nas veias o sangue de Barba de Fogo, e em pouco tempo se tornou atlético, falante e um namorador nato. Avistava-se um forte garoto de 21 anos, que não demonstrava no corpo o sofrimento perpassado pela grande fome, e vivia na boemia, no divertimento pleno que lhe dava direito a sua tenra idade. Talvez o Sol de quarenta graus tenha sido o maior vilão daquela manhã, e fez iniciar naquela noite uma febre demasiadamente agônica.

Joffre era amigo de Lamartine Babo (também tuberculoso), que a cada palavra dita aos amigos soltava uma chuva de perdigotos, mas nem com esta afirmativa, Nelson tirou da cabeça que fora o responsável pela transmissão da maldita “morte branca”. O caso de Joffre era gravíssimo, e tão logo Nelson disse “vamos para o Sanatorinho”, ele negou o pedido, e para que ficasse perto da família no Rio, decidiu ir a Petrópolis (Correias), em outro hospital que detinha cuidados específicos aos pacientes que tentavam enfrentar a tuberculose. Mário Filho conseguiu com Dr. Soto Mayor que arcasse com as despesas da internação, e mais uma vez, Roberto Marinho continuou pagando os réis de Nelson Rodrigues.

Não haveria volta, a tuberculose de Joffre era galopante, além dos pulmões, também ficaram comprometidos os rins, intestinos e outros órgãos. Ele nunca soube que não voltaria. Nelson ficou com o irmão os sete meses de vida que lhe restaram, e no dia 16 de dezembro de 1936, Joffre também deixa a família Rodrigues.

Augustinho e Mário Filho foram buscá-los – e buscar Joffre que seria enterrado no Rio, com o túmulo dado pelo Flamengo. Seus amigos resolveram ir também e, com isso, um cortejo de carros desceu pela Rio-Petrópolis trazendo-o. A miséria, a doença e a morte, para os Rodrigues, tinham sido consequência de um único tiro de Sylvia Seraphim em 1929. Aquele tiro acabara de fazer mais uma vítima entre eles. Quem seria o próximo?⁴¹

Como um fantasma, primeiro ressurge nas notícias Sylvia Seraphim, que após ser inocentada naquele julgamento, decidiu que deveria estudar Direito. Tentou ingressar na Faculdade de Niterói, mas não obteve sucesso. Na época, queria se casar de papel passado, mas a impossibilidade da lei brasileira era dada devido a seu desquite. Viajou com o então amante e pai de seu filho recente (Ronald) o tenente-aviador Armando Serra Menezes. Ficou no Uruguai para cumprir estágio quando soube que seu “amor” anunciara noivado no Rio com outra mulher.

⁴¹ CASTRO, 1992, p. 136.

Enlouquecida, pegou o filho e voltou ao Rio. Tentou se matricular em Niterói, onde descobriu que ela havia falsificado documentos para sua admissão. Um juiz fluminense a condenou por falsidade ideológica, sem direito a fiança.

Como de costume, na tentativa de se defender do indefensável, foge com o filho para esconder-se em Curitiba, quando consegue encontrar Menezes, que tentando se largar do problema chamado “Sylvia”, confirma seu noivado com outra.

Naquela madrugada de 21 de abril de 1936, a mulher traída corta os pulsos no silêncio da noite em um hotel barato e obscuro, como fora a própria vida de Sylvia Seraphim. Para tristeza de muitos, os empregados do Hotel ouviram os gritos do menino e a socorreram a tempo, Sylvia foi internada na Casa de Detenção de Niterói.

A porta de sua cela ficava aberta e seu filho brincava como podia nos corredores. Naquela noite de 27 de abril, Sylvia foi medicada a pedidos próprios por não conseguir dormir com o então sonífero “veronal”. Na calada da noite, tomou todo o frasco, arrancou suas ataduras, com suas próprias unhas reabriu os cortes e, desta vez, em silêncio agonizou e pôs fim à vida daquela mulher que atormentou a vida da família Rodrigues, que reagiu friamente à notícia de sua morte.

Nelson, o único Rodrigues que foi à redação de *O Globo* tomar notas da morte daquela que desgraçou a vida de sua família.

Queria acompanhar de perto aquele desfecho que ninguém esperava. No passado Sylvia Seraphim lhe parecera tão poderosa, tão invencível, que ele chegara a considerá-la imortal. E, agora, ali estava naquela foto, tão morta quanto seu irmão e seu pai, e pelas mesmas mãos – as dela própria.⁴²

Fim deste trágico capítulo intitulado *Sylvia Seraphim*. E assim, a dor, a fome e a morte pararam de rondar a Família Rodrigues, a vida parecia retomar o seu curso.

1.6 O casamento de amor devia ter o sigilo do adultério⁴³

Não há dúvida de que, para Nelson, somos seres capturados numa armadilha interior: desejamos um amor ideal, mas ele não existe. Como não existe, caímos em desgraça inevitavelmente, daí amor é seu mal infinito: queremos sempre mais e, quanto mais queremos, mais dependentes e inseguros ficamos. Ciúmes, delírios de traição, impotência de controlar o outro. Por isso, a adultera representa o necessário fracasso de um animal

⁴² CASTRO, 1992, p. 139. (Grifo nosso)

⁴³ RODRIGUES, N., 1997, p. 39.

*atormentado por um desejo de amor sempre impossível. O pecado moral nasce dessa vontade esmagadora.*⁴⁴

Havia um assunto que perturbava a inteligência de Nelson, e ele não sossegou enquanto não escreveu: *Ópera!* Ganhou uma oportunidade para fazê-lo no *O Globo*. Sua crítica saiu a 30 de março de 1930: visceral e violento foi a sua pontuação sobre a ópera brasileira *EsmERALDA*, do compositor Carlos de Mesquita. A quem Nelson, de maneira nada delicada, chamara de “romântico retardado”. Falou de tudo, da heroína ser uma mulher sem complexos, sem recalques, namorada de um corcunda. Sugeriu que o maestro olhasse em sua própria rua e que ali encontraria personagens dignos de uma ópera, que conhecesse seus semelhantes e que, quiçá, procurasse adquirir uma certa cultura freudiana.

É fácil imaginar o susto que Carlos Mesquita, já velhinho e coberto de ouropéis, deve ter levado. Estava quieto no seu canto, dedicando suas fusas e colcheias a um mundo morto, e vinha este moleque exigir que ele compusesse para buzinas, falasse de tarados e ainda lesse Freud! (Não que o próprio Nelson tivesse lido Freud em 1936, mas as ideias do pai da psicanálise já eram conhecidas em alguns círculos do Rio e eram vulgarizadas pelos jornais, geralmente para ser atacadas. Freud era então o tarado oficial).⁴⁵

Sua carreira como crítico foi interrompida de uma forma abrupta, também porque Nelson teve uma recaída em sua saúde e precisou voltar para Campos do Jordão. Ele disse certa feita que a ópera nada mais era que um teatro cantado. Como experiência futura, assistiu a óperas inteiras, o que foi fundamental em sua carreira para em breve se tornar autor de *A mulher sem pecado* e *Vestido de Noiva*. De volta ao Rio, em 1937, retorna ao jornal e nota que houve uma mudança e uma contração feita por Roberto Marinho que viria a mudar sua vida, para muito melhor.

Nem só de tragédias vive um homem. Passados anos com tantas mortes na família dos Rodrigues, Nelson começa a escrever seu Teatro, e para tanto, pode-se dizer que assim como Sonia apareceu na vida de Raskólnikov⁴⁶, Elza aparece na vida de Nelson. Irmã de um amigo para ser a secretária de Henrique Tavares, gerente de *O Globo Juvenil*. Além de linda, Elza era diploma pela *Remington*. Nelson, com um dom investigativo foi se informar e descobriu uma ficha com as informações: Elza Bretanha, dezenove anos, moradora do Estácio e dura na queda.

⁴⁴ PONDÉ, 2013, p. 30.

⁴⁵ CASTRO, 1992, p. 141.

⁴⁶ Rodion Românovitch Raskólnikov é o personagem principal do livro *Crime e Castigo* de Fiodor Dostoiévski (1866). Sônia, principal personagem feminina, uma jovem que se prostituía para diminuir a penúria da família.

Sabedora das buscas extraoficiais de Nelson lhe mandou um recado bem carinhoso: “Comigo, só casando!”.

Aproximou-se de Elza com delicadeza e carinho, e nunca lhe escondeu sua precariedade. Após oito anos recheados de desgraças, algo lhe parecia anunciar uma época de calmaria. Sua família foi a favor de seu interesse, mas o problema estava do outro lado, a futura sogra pontuou veementemente que não, não aprovaria o casamento com um homem “daquele naipe”, pobre e tuberculoso.

‘Escute aqui’, disse Roberto Marinho para Elza, ‘você por acaso, fez curso de Ana Néri? Está sabendo que vai se casar com um rapaz preguiçoso e doente?’ [...] Entre outras, tinha um bom pretexto para não acordar cedo: era o redator mais rápido do que já passara naquela redação. Além disso, continuava um assíduo usuário do Mangue, onde ficava até muito tarde da noite.⁴⁷

Passou o ano inteiro de 1938 aguentando a ojeriza da mãe de Elza, sem saber que o futuro genro era aquele que pregava aos quatro ventos o “amor eterno”. Continuava com sua situação financeira não muito otimista, mas seguiu a vida. Mesmo sem o consentimento de dona Concetta (a sogra), no dia do aniversário de Elza, marcou data para se casarem em de maio de 1939, porém, antes do suposto acontecido, em meados de março passou um bilhete a Elza na redação dizendo que estava com sua alma cheia de pensamentos tristes. E foi batata! em abril, voltou ao Sanatorinho, e Roberto Marinho, como sempre, não o abandonou financeiramente.

Fora sozinho, mas desta vez levou sua máquina de escrever, e com ela produziu inúmeras cartas à sua amada Elza. Isso não durou muito, porque devido à sua fraqueza e à violência da tuberculose, teve que permanecer deitado. Quatro meses se passaram, e entre idas e vindas de bilhetes à amada, Nelson era tomado por um fantasma maior do que o da “morte branca”: o “ciúme”, que o tomou por completo. Retornou ao Rio com uma relação meio estremecida com Elza, consequência do ciúme, mas após roubar-lhe um beijo, daqueles dignos de seus contos: *A Vida como Ela É*, retomaram ao amor e marcaram contra tudo e todos nova data para o casamento.

No dia 29 de abril de 1940, Nelson vestiu um terno de Mario Filho e Elza trocou sua roupa na casa de uma amiga e se encontraram no cartório para então casarem-se. Foram ao juiz, se casaram e saíram para tomar uma média, esta foi a

⁴⁷ CASTRO, 1992, p. 143-144.

comemoração de seu casamento, retornaram com a felicidade silenciosa, entraram na redação e trabalharam como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

Um prometeu ao outro que a noite de núpcias só existiria depois do matrimônio religioso, e assim, com essa atitude, as tias de Elza conseguiram convencer a futura sogra a permitir e abençoar a união daqueles dois jovens apaixonados. Casaram-se na Igreja do Sagrado Coração, na Glória, em 17 de maio de 1940.

Violeta Coelho Neto cantou a ‘Ave Maria’ de Schubert. A madrinha de Nelson foi sua irmã Irene e a recepção foi na casa de dona Concetta. De terno alugado na ‘Casa Rollas’, ele apenas levou simbolicamente a taça de champanhe aos lábios na hora do brinde. Estava louco para sair dali com Elza. Sob o alarido dos convidados, tomaram um táxi para o Engenho Novo. O táxi parou num sinal no ‘Ponto de cem réis’, em Vila Isabel, e Elza, em seu vestido de noiva, foi vaiada pela turma de um bonde que descia o Boulevard. Na Eduardo Raboeira, Nelson pagou o táxi, enfiou a chave na porta e, contrariando as ordens do médico, que o proibia de carregar peso, pegou Elza como uma noiva de comédia americana e adentrou a casa com ela no colo.⁴⁸

Encerra-se aqui o primeiro ato, contado até então com tinta trágica. A partir de agora, abre-se uma nova cortina na vida de Nelson Rodrigues – surge o grande dramaturgo e seu espetacular e controverso Teatro, com suas 17 peças, dentre as quais, *Álbum de família; Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária; e Toda nudez será castigada*, estudadas nesta dissertação.

1.7 A família é o inferno de todos nós⁴⁹

*Todavia, no meio do meu primeiro ato, começou a minha ambição literária. E o curioso é que, até então, me sentia romancista e não teatrólogo. Mas como ia dizendo: - a peça era a história de um paralítico que, nos seus delírios eróticos, induzia a mulher ao adultério. No fim, apelei para uma solução dramática que não estava nos meus cálculos: - o paralítico não era paralítico. Simplesmente, testava a fidelidade da mulher. E quando, finalmente, se ergueu da cadeira de rodas, era tarde demais. A mulher fugira com o chofer.*⁵⁰

Dinheiro – ou melhor, a falta dele – foi motor para Nelson pensar em produzir sua primeira peça de teatro. Elza estava grávida de seu primeiro filho (que viria a se chamar Joffre) e ele queria dar-lhe condições melhores. Quando se casaram, Nelson pediu que Elza saísse do emprego e ficasse em casa, sempre linda esperando por

⁴⁸ CASTRO, 1992, p. 148.

⁴⁹ RODRIGUES, N., 1997, p. 61.

⁵⁰ Idem, 2007 (b), p. 213.

ele. Como marido – ciumento –, dava-lhe todo o salário e só lhe pedia alguns níqueis para assistir a jogos de futebol. E foi assim que Nelson começou seu teatro. Sua primeira peça, em resumo, apresenta um homem ciumento que testa a fidelidade de sua mulher, se finge de paralítico durante sete meses até que para surpresa de todos levanta-se da cadeira, mas já era tarde demais, pois a mulher havia fugido e atendido as suas preces para traí-lo. Inaugura seu teatro com a figura da mulher adúltera ou pelo menos aquela que por tanta insistência virou adúltera. Após a estreia, Nelson e Elza foram comemorar sozinhos, ao tomar o bonde Lapa-Praça da Bandeira, já apareceu em sua mente o título daquela que seria sua segunda peça: *Vestido de Noiva*.

Ao mesmo tempo, todos os suplementos literários falavam de mim. Álvaro Lins abriu meia página do Correio da Manhã sobre *Vestido de noiva*. Dizia: - ‘Nelson Rodrigues ocupa no teatro brasileiro uma posição excepcional e revolucionária como a de Carlos Drummond na poesia.’ Só esse paralelo era de causar vertigem. Eu e Carlos Drummond, lado a lado. Pompeu de Sousa lançou toda uma série de artigos. Em São Paulo, outros escreviam, e com a mesma exaltação.⁵¹

De acordo com Ruy Castro, a segunda peça de Nelson saiu “às golfadas: um ato a cada dois dias”⁵². Em seis dias ele escreveu *Vestido de Noiva*, os três atos, e no domingo não descansou, os revisou. Ao término, pediu para Elza datilografar cópias para encaminhar aos críticos, jornalistas atores e amigos. Foi um sucesso para alguns, e para outros, algo que não conseguiam entender. A peça se passa em três planos, o que dificultou muito o entendimento por parte de algumas pessoas. Contudo, Nelson não desistiu por críticas desfavoráveis, continuou, e agora para além, o complexo *Álbum de família*, a primeira peça estudada neste trabalho.

O nosso romancista está em crise de solidão. Falta-lhe solidão. Tem de sair, de picareta, ceifando, demolindo as admirações que hão de corrompê-lo fatalmente. Foi isso, pouco mais ou menos, que fiz, depois da apoteose de *Vestido de Noiva*. O furioso *Álbum de Família* foi, sim, uma tentativa de solidão, ruptura, aniquilamento.⁵³

Novamente, a tuberculose atravessa o caminho de Nelson, em março de 1945, mais um susto o levou novamente ao Sanatorinho. Desta vez, a mulher, a sogra e o filho Joffre foram instalados em uma pensão em Abernéssia. Nelson se correspondia com a esposa por meio de cartas amorosas e apaixonadas, pouco tempo depois, ele conseguiu liberação para continuar o próprio tratamento na

⁵¹ RODRIGUES, N., 2009, p. 322.

⁵² CASTRO, 1992, p. 156.

⁵³ Ibidem, p. 323.

pensão onde estava hospedada sua família. Elza enfrentava uma gravidez bastante conturbada, do segundo filho, Nelsinho, que nasce ao retornarem para o Rio, em 23 de junho daquele mesmo ano, e junto de seu filho nasce também a peça que mudaria a vida de Nelson: *Álbum de família*.

A família do meu álbum não é uma família de esquina, é a família humana. Ora, em 1946 a censura olhou este álbum e declarou: ‘Tem incesto demais.’ Como se pudesse ser de mais ou de menos.

Não escrevi uma peça sobre incesto. Escrevi um trabalho exaustivo sobre o homem em estado de paixão pura. Ali, naquela família e no seu álbum, não existem as medidas porque não há valores em jogo. Há, isso sim, a violência da primeira família humana ainda sem os sofrimentos provocados pelo mundo exterior. Há o homem, granito fremente e apaixonado.⁵⁴

Quando Nelson afirma que a família é o inferno de todos nós, choca o público e os críticos, porque como poderiam permitir algo tão perturbador. O medo de se verem naqueles personagens era muito maior. A família que ele escreveu pode ser a família que mora ao seu lado, vizinha, ou até mesmo pode existir algo daquele álbum que você próprio conheça e repele de sua própria vida. A peça permaneceu censurada por 21 anos. Como ele mesmo dizia, ficou “enjaulada como uma cachorra hidrófoba”⁵⁵. Apesar da censura e das inimizades que obteve com sua terceira peça, Nelson não parou, continuou sabendo que não poderia depender da opinião de todos para seu sucesso ou até mesmo insucesso, ele começou a compreender que o que tocava o corpo de um censor poderia ser de agrado de um colega de redação. Caberia, então, a cada um decidir o que lhe dava maior satisfação ou temor.

1.8 O ser humano, tal como o imaginamos, não existe⁵⁶

Quais taras passam pela cabeça de alguém que dá aulas de educação sexual? Qual mundo acha que deve existir? Com quem as crianças devem transar? A figura de Palhares em sua ‘ingênua intenção’ de dar aulas de educação sexual para meninas para poder comê-las preconiza o que de fato toda ciência do sexo contemporânea é: canalhice a serviço do interesse e da visão de mundo (do sexo) que o ‘teórico’ tem e nada mais. [...] Da intenção ‘ingênua’ de Palhares, que pelo menos era canalha confesso, se fez todo um edifício pseudoteórico à serviço de muitos canalhas inconfessos.⁵⁷

Era 1962, e aos gritos Otto Lara Rezende recebeu a homenagem feita por seu querido amigo Nelson Rodrigues. Quando descobriu que seria título de sua nova

⁵⁴ RODRIGUES, S., 2012, p. 65-66.

⁵⁵ Ibidem, p. 67.

⁵⁶ RODRIGUES, N., 1997, p. 152.

⁵⁷ PONDÉ, 2013, p. 61-62.

peça, a recém-saída do forno: *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*. Era sabido pelos amigos de Nelson que quando alguém ficasse contrariado, nunca, em hipótese alguma, deveria reclamar para ele, pois faria desta reclamação o mote para perturbar aquela pessoa o quanto pudesse. Foi o que aconteceu com Otto, e bem lembrado pelo amigo comum, o psicanalista Hélio Pellegrino, que lhe lembrou deste detalhe que comprometeria sua vida até o infinito. Dizendo em tom piadista que não se queixasse a Nelson, que deveria fingir que não ligou, pois do contrário poderia ser bem pior.

Há toda uma geração mineira atrelada a sua figura. Outro dia, esbarrei num bêbado imundo. Resmungava qualquer outra coisa. Era o nome de Otto que escorria do seu lábio como baba. No caso de meu amigo, a glória antecipou-se à obra, o mito antecipou-se ao homem. Um vago cumprimento seu é um impacto, como se ele estivesse inaugurando o bom-dia. [...] para muitos o título de minha peça cria o problema do ridículo. Jamais. Só os lorpas, os pascáciros, os bovinos é que têm o pânico do ridículo. O sujeito que não resiste, ou não sobrevive ao ridículo – está liquidado. O exemplo do diabo não me deixa mentir. O Príncipe das Trevas só passou a ser levado a sério quando virou piada. Por outro lado, ninguém consegue ser herói, ou santo, ou anjo, sem um mínimo de grotesco.⁵⁸

O problema estaria no nome da peça – *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*. A fúria maior se deu ao redor da frase que eternizou Nelson e Otto: “O mineiro só é solidário no câncer”, foi isso o que fez Otto engasgar-se com a peça. Mas entre mortos e feridos, a peça foi marcante assim como a frase, e nesta metáfora posta por Nelson Rodrigues, nada foi ofensivo tanto ao povo mineiro e tão pouco ao autor Otto Lara, apenas dizia do ser humano não ser aquilo que pensamos, e que pode ser solícito e ajudar a tudo e todos quando o problema não for ele, mas sim não importando o tamanho seja na vida da outra pessoa. Assim é possível a solidariedade. A dor desta frase é tamanha quando na época da peça, em sua vida pessoal, Nelson poderia pensar nela como um castigo ou uma constatação absoluta.

Com 49 anos de idade, casado, pai de dois filhos, um homem que parecia carregar em seu corpo uma tristeza perene. Doente, era visto assim, tinha uma úlcera que cuidava a leite de pires, cardíaco, dono de uma enxaqueca feroz e sofria também com suas hemorroidas. Este era o retrato de Nelson Rodrigues quando conheceu Lúcia em uma festa (amiga de sua irmã Helena). A pequena tinha “vinte e

⁵⁸ RODRIGUES, S., 2012, p. 82-83.

cinco anos, linda, loura, olhos verdes, ‘mignon’, 48 quilos, leve e delicada como Audrey Hepburn.”⁵⁹

Paixão ou amor à primeira vista? Não temos como afirmar, mas foi esta mulher que cruzou a vida de Nelson Rodrigues, fazendo com que ele se separasse de Elza, 21 anos de casamento: já lhe parecia remédio vencido o casamento, mas era tempo demais para que houvesse uma separação. O fato é que Nelson decidiu e viu em Lúcia um renascer, tomado pela “*pathos*” desta paixão, separou-se de Elza e esperou que Lúcia (que também era casada) ficasse livre para que este encontro amoroso acontecesse. Era neto de Barba de Fogo, e assim como ele, ganhou de sua esposa Elza uma “certa liberação”, com muitas aspas, mas ela disse em algum momento que Nelson precisava viver apaixonado, era o que o alimentava para ser o autor de tamanha obra teatral e de seus inúmeros romances.

Foi assim, separou-se e uniu-se a Lucia, construíram sua própria “solidão a dois”, e em uma noite de 19 de junho de 1963, Lucia não se sentia bem, estava grávida de seis meses, uma gravidez de risco. Seu pai, o respeitado clínico doutor Cruz Lima, e sua mãe dona Lindinha falaram à filha que fosse melhor desistir daquela gravidez. Nelson foi pontual e contra o aborto. A coragem dos dois foi muito grande, eles só não sabiam e não tinham a menor preparação para o que estava por vir com o nascimento daquela menina. Uma noite, um telefonema assustou Lúcia, que começou a jorrar um líquido de suas pernas, era o líquido amniótico que estava esvaindo de seu corpo, o medo agiu como paralisia e ela demorou a pedir ajuda a seu irmão, que meio atônito demorou a chamar um médico.

O médico não considerou tão grave. Essas coisas acontecem, a criança era muito pequena, o líquido iria recompor-se. Lucia tinha só de repousar. E Lúcia só foi para casa de saúde São José, no Humaitá, na tarde do dia seguinte. Nelson fora avisado de manhã. Quando chegou à casa de saúde, os pais de Lúcia o cumprimentaram friamente. Ela já fora levada para a sala de parto. Perdeu-se tempo precioso tentando induzir o parto, quando poderiam ter feito logo a cesariana.

Daniela, nasceu à noite, com 1,5 quilo, e não queria respirar. Seu cérebro ficou minutos fatais sem oxigenação.

Tudo era prematuro em Daniela: baço, fígado, pulmões. Finalmente conseguiram fazê-la respirar, mas, pela manhã ela voltou a estar clinicamente morta. Uma junta de médicos, entre os quais doutor Cruz e Lima, conseguiu salvá-la. Na realidade, conseguiram que ela não morresse. Poucos dias depois, ainda na casa de saúde, Daniela sofreu uma espécie de icterícia e tiveram que lhe trocar o sangue.⁶⁰

⁵⁹ CASTRO, 1992, p. 322.

⁶⁰ Ibidem, p. 334.

De acordo com Ruy Castro, em sua biografia, a vida de Nelson realmente foi virada pelo avesso, sua filha Daniela passou seu primeiro ano em uma tenda de oxigênio. Seu choro era contínuo, quase não dormia, e em função da paralisia cerebral, não existia nenhuma esperança de que fosse andar. Seria muda e irreversivelmente cega, mas isso eles não sabiam ainda. Um dos maiores medos de Nelson Rodrigues era a cegueira, algo desta escuridão eterna era assustador. Lúcia soube primeiro e teve que ser medicada com calmantes, mas para Nelson, a notícia lhe veio de outra maneira, a sua própria percepção ativou o medo que lhe assombrava.

Com Daniela em seu colo, percebeu que seus olhinhos azuis não tinham vida, lhe pareciam a descrição que fez dos cegos em sua peça *Anjo Negro*. O médico e amigo doutor Abreu Fialho passou uma noite na casa de Nelson e ofereceu carona até a TV Rio, e nesse trajeto, contou sobre a cegueira de sua filha. Sem presença de espírito, Nelson fez seu programa e, depois, ao retornar para casa, desfez-se de todas as suas defesas e começou a chorar e soluçar: “Estava fora de si. Entre os espasmos de choro, só conseguia fôlego para chamar o médico de ‘burro’ e dizer que ia matá-lo.”⁶¹

Não foi esta tragédia, quer dizer mais uma tragédia em sua vida que o calou. Era um homem que com certeza não tinha mais medo do ridículo, como tampouco se importava mais em escrever para agradar a críticos e amigos, mas escrevia porque não sabia fazer outra coisa que lhe tocasse com amor, assim como quando ele olhava para os olhos sem vida de Daniela.

1.9 O amor não deixa sobreviventes⁶²

Geni, a protagonista desta peça, é a prostituta arquetípica de Nelson: sua nudez é castigada até o fim, seja pelo nojo das ‘cunhadadas’ velhas, azedas e feias (hoje seriam representadas como carolas feministas, e não carolas clássicas), seja pelo enteado gay que, no fundo, a odeia e tem nojo dela (mas por quem ela se apaixona), seja pelo cunhado do novo marido, um Palhares ressentido porque é falido. Uma mulher nua só vale se sua alma estiver arrasada pela vergonha e pelo pudor, mesmo que disfarçada em promiscuidade raivosa.⁶³

⁶¹ CASTRO, 1992, p. 335.

⁶² RODRIGUES, N., 1997, p. 126.

⁶³ PONDÉ, 2013, p. 67.

Toda nudez será castigada (1965) foi uma encomenda da atriz, em início de carreira, Fernanda Montenegro, porém para máxima desilusão de Nelson Rodrigues, ela se sentiu ofendida por se tratar de mais uma tragédia, e justificou que havia pedido uma comédia, utilizando também como desculpa para não aceitar ser a atriz principal: a Geni, dizendo-se grávida de seu filho (Cláudio).

Nelson, como já estava de certo modo acostumado com as intempéries da vida, apenas respondeu à atriz com uma frase mágica: “Mas isso é a comédia humana, minha flor!”⁶⁴ Ovação de pé, foi assim o início da carreira de *Toda nudez será castigada*, que estreou em 21 de junho de 1965. As cenas individuais foram aplaudidas do início ao fim. Foram mais de seis meses consecutivos de apresentações e, também, excursionada pelo Brasil – “pode ter feito com que algumas daquelas atrizes se arrependesse de seu julgamento. Para Nelson, foi uma vingança com sabor de pitanga – doce, mas com um travo de azedume”.⁶⁵

Um dia, meu pai trouxe para casa o Crime e castigo, de Dostoievski. Lembro-me de que ele escreveu, sobre Raskólnikov, um artigo chamado ‘Paradoxas Vermelhas’. Fui ler o livro no quarto trancado. Comecei as sete da noite, antes do jantar, e não jantei. Claro que me assombrou a morte da velha usurária e de sua irmã. O que me doeu mais, porém, foi a figura de Sônia. A princípio, não percebi tudo. O livro falava em ‘livrinho amarelo’. Não entendi e voltei atrás. Acabei entendendo que era prostituta, Sônia, prostituta! Comecei a sentir uma pena absurda e tão funda, e tão doce, uma pena que nascera comigo, que existia antes de mim.⁶⁶

Nelson foi um leitor obsessivo de Dostoievski, talvez esta leitura tenha sido diluída nas tintas de suas escritas em suas peças. *Toda nudez será castigada* fala do suicídio de uma prostituta, a narração da peça é a voz da morte, que por amar o enteado se mata, o amor não deixou para Geni nenhuma forma de sobrevivência quando viu seu amado fugir com outro. Nelson é tomado por uma piedade grandiosa em sua escrita, a adultera foi sempre uma de suas principais personagens, sempre levada à sua máxima evidência. Bárbara Heliodora, no prefácio do livro dedicado a Daniela – *Memórias: a menina sem estrela* –, resume a grandiosidade de Nelson de maneira memorável:

A tragicidade da visão de Nelson fica esclarecida e justificada com as múltiplas experiências trágicas que ele viveu em sua família, e nos fazem sentir a necessidade premente de tornar a ler a sua obra dramática, onde a presença da morte, dos perigos do ciúme e do adultério, das implacáveis consequências de escolhas e espectadores de sessenta anos atrás. Deixar

⁶⁴ CASTRO, 1992, p. 343.

⁶⁵ Ibidem, p. 343.

⁶⁶ RODRIGUES, N., 2009, p. 266.

à luz do dia verdades que naquele tempo também existiam, mas eram cuidadosamente escondidas, como no empenho da dona de casa vitoriana em lavar quase que diariamente suas cortinas brancas para que ninguém pudesse ver a fuligem que as enegreciam, ou na poeira que, não podendo ser removida, era cuidadosamente varrida para debaixo dos tapetes, foi a missão do Nelson polemizado, ofendido e humilhado; porém era sua função também deixar transparecer o amor, a cumplicidade, de toda a família, que passavam incólumes pelas grandes dores, e se afirmava com o progresso e as realizações de cada um.⁶⁷

A unanimidade burra não importava mais a Nelson, que escrevia com a alma sangrando, estilhaços de sua nova vida, que lhe trouxe uma monteira de dívidas. Ele sabia escrever com a agilidade de aviões de caça, da mesma maneira que às avessas que se enrolava em dívidas e que como personagens via que ela descrevia, pessoas de péssimo caráter o davam calotes. Nessa época, Nelson fazia várias colunas, jornais, aparecia na TV quase que diariamente e em quatro aparições diárias. Mas nunca desistiu, mesmo com o corpo tomado por dores e doenças, sempre seguiu como um profeta enxergando o óbvio, por excelência e não menos um Senhor das Palavras!

⁶⁷ RODRIGUES, N., 2009, p. 14.

Morbidez? Sensacionalismo? Não. E explico: a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No ‘Crime e castigo’, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele matou por todos. E, no teatro, que é mais plástico, direto, e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se mais válido. Para salvar a platéia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los.⁶⁸

⁶⁸ CASTRO, 1992, p. 273.

2 O NARCISISMO COMO PECADO CONTEMPORÂNEO

2.1 Quero crer que certas épocas são doentes mentais, por exemplo, a nossa⁶⁹

Um clique e anos de fotografias, marcas de uma história de amor, desaparecem para sempre. Dois cliques e todos os números dela são desintegrados para sempre do telefone celular. Três cliques e o Facebook altera o estatuto de uma relação, adicionalmente apagando todos os contatos, a partir de então indesejáveis. Quatro cliques e os e-mails dele vão para o cemitério infinito, sem lugar e sem rastro. Aquele cujo nome não deve ser mais pronunciado foi devidamente excluído de sua vida. Você está pronto para começar de novo. A verdadeira relação líquida deve corresponder ao que alguns analistas de consumo chamam de geração teflon, ou seja, feita para que nada grude. Tida como inodora, insípida e translúcida, essa forma de vida inspira duas dificuldades que têm merecido vasto esforço interpretativo dos psicanalistas: a separação e o compromisso.⁷⁰

Em um dia qualquer de 1950, ouvem-se gritos vindos de dentro de uma *garçonne*, era Elza com Nelsinho a tira colo com 4 anos e Joffre com 8 anos, surpreendendo Nelson com as “calças na mão” em um encontro às escondidas com sua amante Nonoca, que de pronto fora se esconder no quarto. “Você vai sair daí, já, já, e voltar para casa! Senão eu atiro nossos filhos pela janela!”⁷¹. Silenciou e apenas ouviu tudo o que Elza queria dizer, ali estava posto o ponto final em seu romance extraconjugal com Nonoca. Saiu calado e quase puxado pela orelha por sua mulher e filhos voltou para casa. Um prenúncio do que seria a “a vida como ela é”, talvez nem fosse a cena primordial, mas certamente já tinha o tom do que viriam a ser os contos mais famosos do Brasil.

Nelson começou a andar cabisbaixo, comportando-se como o marido perfeito, de casa para o trabalho e do trabalho para casa, em uma mão 250 gramas de manteiga e na outra *O Globo*. Após a cena rodrigueana, abandonou a *garçonne*. Nonoca não quis mais sustentar sua posição de outra em sua vida e ele teve que sustentar sua depressão com os afazeres do lar.

Samuel Wainer, diretor-chefe do jornal *Última Hora*, convidou Nelson para escrever uma coluna diária em seu jornal. Como uma boia em meio de um mar revolto, Nelson foi ressurgindo, escrevendo sobre a atualidade, sobre a vida real das

⁶⁹ RODRIGUES, N., 1997, p. 150.

⁷⁰ DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano* São Paulo: Ubu, 2017, p. 45. (Grifo do autor)

⁷¹ CASTRO, 1992, p. 229.

ruas, pessoas, amantes, amores, e não poderia deixar de fora as notícias que surgiam nas colunas policiais.

A primeira sugestão de Samuel Wainer para o nome da coluna foi *Atire a primeira pedra*. Nelson Rodrigues aceitou por um instante, mas logo sugeriu *A vida como ela é*. No Rio dos anos 1950, as histórias surgiram de fatos do cotidiano, a agressividade imposta nos textos dava o toque de que ninguém foge do seu destino, seria uma coluna triste, na qual seriam transformados em palavras as paixões, os crimes, os adultérios, o sexo e as mortes.

Dias antes de começar ‘A vida como ela é...’, estive, acidentalmente, numa policlínica. Lá, numa sala apinhada, estava um menino de três ou quatro anos, no colo materno. Súbito, a criança começa a chorar. Mas seu pranto era diferente: ele chorava pus. Desejo ser sóbrio, mas permitam-me dizê-lo: viva eu cem, duzentos, trezentos anos e terei comigo, cravada em mim, essa lágrima espantosa. Durante meses, tive vergonha de minha alegria, remorso do meu riso, horror de minhas lágrimas normais e apresentáveis. Por vezes, penso: rir num mundo tristíssimo é o mesmo que, num velório, acender o cigarro na chama de um círio.⁷²

A coluna se tornou quase uma leitura obrigatória com grande ênfase da população masculina, que adorava e ao mesmo tempo temia o que Nelson escrevia, porque dava ideias às mulheres de como trair sem serem notadas, do sexo e da morte que habitavam todos os cantos das casas e da cidade. A excitação erótica era um dos maiores atrativos da coluna.

Desde o primeiro momento, ‘A vida como ela é...’ apresentou uma característica quase invariável: é uma coluna triste. Impossível qualquer disfarce, qualquer sofisma. Por uma destinação irresistível, só trata de paixões, crimes, velórios e adultérios. Impôs-se uma dupla condição: sofriam os personagens e os leitores. A princípio, ninguém disse nada. Um mês depois, porém, surgiram as primeiras reclamações. Os próprios companheiros ponderavam: — Que diabo! Vê se dá um final menos trágico a teu negócio! Todo dia você mata um! Eu procurava ser jocoso: — ‘Vou tratar disso! — Era o primeiro a achar graça quando me perguntavam: — Muita morte, hoje? Ria: — Mais ou menos.

Todos acham ‘A vida como ela é...’ de uma imensa tristeza. Torno a esclarecer que essa coluna é assim mesmo, por natureza, por destino e, em última análise, por necessidade. Senão vejamos: ‘A vida como ela é...’ enterra suas raízes onde? Nos fatos policiais. Muito bem. A matéria-prima, que necessariamente uso, é, e aqui faço dois pontos: punhalada, tiro, atropelamento, adultério. Pergunto: posso fazer, de uma punhalada, de um tiro, de uma morte enfim, um episódio de alta comédia? Devo fazer rir com o enterro das vítimas? Posso transformar em chanchadas as tragédias daqui ou alhures?⁷³

⁷² CASTRO, 1992, p. 239. (Grifo nosso)

⁷³ Ibidem, p. 238.

Naquela época, as famílias se amontoavam nas casas, a pílula não existia, tampouco os motéis onde os adultérios poderiam ser escondidos, as cunhadas, as sogras, o marido, a mulher e os filhos se esbarravam nos corredores de suas casas, uma espécie de convivência compulsória e sufocante, em que o desejo quase sempre se tornava uma faísca para os incêndios sexuais, as taras mais profundas eram exibidas em suas colunas. Começaram os rumores de Nelson o “tarado”, mas nada que afetasse diretamente o jornalista, que escrevia a realidade a céu aberto, o mesmo homem que sentia vergonha ao lembrar daquela lágrima purulenta, a vida para ele tinha que ser como ela é.

2.2 Amigos eis uma verdade eterna: o passado sempre tem razão⁷⁴

Nelson reconheceu depois que o ódio que deram ao seu ‘álbum’ familiar o salvou da vaidade de ter admiradores. Preferiu continuar a mostrar a escuridão nossa de cada dia a ficar refém dessa escuridão: a vaidade de querer ser amado pode ser uma das maiores formas de escuridão. Preferiu o ódio ao amor dos que cobram amor em troca de você pensar o que eles querem. O admirador é um inimigo da liberdade. Só os melhores entre nós, talvez, consigam entender que viver em busca da autoestima é uma das maiores formas de escuridão que existe. Vaidade é o nome elegante para o vazio que nos define (vanitas, em latim é tanto vaidade quanto vazio, portanto os dois são a mesma coisa). Sempre que vivemos pela vaidade (o que nos acomete quase todo o tempo), vivemos presos no vazio.⁷⁵

As personagens de *A esbofeteada* iniciam o conto de *A vida como ela é*, passeando pela rua, Ismênia e Silene (amiga e confidente) falando de todos os desatinos do namorado, vulgo Sinval, que é descrito como um homem baixo, mirrado, tísico, braços e mãos finas, características que não diziam de um homem violento, a não ser pelo testemunho da própria Ismênia: “Eu apanhei! Eu!”.⁷⁶ Nada como fazer propaganda de seu objeto de desejo para os outros. Silene ficou tocada, e esbravejando em casa chegou a dizer que se um homem lhe esbofeteasse, davá-lhe um tiro. Como as verdades não são ditas por completo, algo ascendeu em seu desejo frente ao namorado da amiga, a história fica em seu pensamento, e após o quarto dia, pega seu telefone e liga para Sinval.

⁷⁴ RODRIGUES, N., 1997, p. 130.

⁷⁵ PONDÉ, 2013, p. 123-124.

⁷⁶ A Esbofeteada – É um conto que está inserido em *A vida como ela é* – em série. Pode ser visto também em vídeo que foi produzido pela Rede Globo de televisão para o programa Fantástico, disponível em: <<https://youtube/QufNd4BPwbE>>. Acesso em: 1º fev. 2018.

Sinval, como um bom canalha, diz que havia sido transmissão de pensamento e marcam um encontro. Um misto de medo e tesão invade Silene, e durante o encontro, cheio de palavras açucaradas em seu ouvido, Sinval dá a cartada final dizendo que a ama. Porém, apesar de escondidos, foram descobertos por Ismênia, e aos gritos em praça pública, acabou-se ali a amizade confidente, o desafeto tomou lugar entre elas.

O casal pode então desfilar livremente, sem a preocupação de ser descoberto. Ocorre que, no fundo, Silene queria conhecer aquele homem “ciumento” e “violento” que a amiga havia propagandeado. Começa então com provocações ao namorado, ela precisa de uma reação, se não tem ciúmes não gosta de mim como da outra. A mente humana é capaz de criar as fantasias mais loucas que se possam imaginar. Silene tinha apenas uma convicção: deveria provocá-lo até que o ciúme lhe fizesse companhia. Sua máxima se fez: sem ciúmes, não há amor. De tanto repetir suas provocações, conseguiu que Sinval visse uma cena que mudou para sempre sua vida amorosa:

Com um sorriso maligno, anuncia: ‘Ele me beijou.’ Sinval não disse uma palavra: derruba a noiva com uma tremenda bofetada. Ela cai longe, com os lábios sangrando. Enquanto ele a contempla e espera, a pequena, de rastros, com a boca torcida, aproxima-se. Está a seus pés. E súbito, abraça-se às suas pernas, soluçando:

– Esperei tanto por essa bofetada! Agora eu sei que tu me amas e agora eu sei que posso te amar!

Passou. Mas nos seus momentos de carinho, e quando estavam a sós, ela pedia, transfigurada: ‘Me bate, anda! Me bate!’ Foram felicíssimos.⁷⁷

Em tempos politicamente corretos, dizer que o amor só pode ser entendido como verdadeiro se o homem esbofetejar a mulher, é impossível agora e sempre. Mas o que Nelson Rodrigues quis dizer em relação a sua frase famosa “Toda mulher gosta de apanhar”⁷⁸, é que a mulher sente falta daquele *homem das cavernas*⁷⁹, que tinha pegada, um homem que sabia fazer a corte, abrir a porta, colocar a mulher no lugar de desejo dele; não falou e nunca quis falar, tampouco fazer apologia sobre a violência contra a mulher. Nelson foi um homem apaixonado por mulheres, viveu entre muitas e fora criado para ter respeito por todas.

⁷⁷ RODRIGUES, N. *A vida como ela é... em série*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012 (b), p. 18. (Grifo nosso)

⁷⁸ Idem, 1997, p. 113.

⁷⁹ RODRIGUES S., 2012. (Grifo nosso).

Na abertura deste capítulo, colocamos a frase “[...] Amigos eis uma verdade eterna: o passado sempre tem razão”, olhando para a sociedade contemporânea, que parece viver em uma epidemia narcisista, quiçá o passado não tenha mais tanta importância, talvez se reserve um tempo apenas para o imediato, dedicar-se ao tempo real que fica exposto constantemente no mundo virtual, a rapidez é uma característica desta época fugaz. Quem sabe sobre tempo para atacar a forma que Nelson expunha a alma humana, o desejo feminino, quando coloca na boca de Silene o desejo de levar uma bofetada para que se realizasse o amor.

O historiador Watson Christopher Lasch (1932-1994), tido como um dos mais severos críticos das sociedades industriais modernas, apontou que viveríamos uma epidemia social, a que denominou “*A cultura do narcisismo*” (1983), título do seu livro publicado originalmente em 1979. O indivíduo narcisista não se preocupa com o futuro, não se apega mais a tradições e ao seu próprio passado. O vínculo é algo que tende a desaparecer do seu círculo de convívio, um sofredor em potencial que mergulha cada vez mais em tristeza e vazio.

Como se habitasse um mundo moribundo, onde a competição é motor para nutrição desta cultura centralizada no eu, diferentemente do modo de competir entre Silene e Ismênia, duas mulheres disputando o mesmo homem. E se olharmos para o contexto de Nelson Rodrigues, do lugar de onde escrevia “*A vida como ela é*”, atualmente é visto afetivamente de modo distante, as pessoas hoje não têm tempo para o outro, o amor parece que se tornar mais piegas a cada dia. Talvez existam Ismêrias e Silenes por aí, perdidas, com uma pureza discreta e secreta que parece não habitar mais o mundo contemporâneo.

O narcisista é aquele que vive voltado para si, não porque se acha o ser mais lindo do mundo, ao contrário, sente-se o pior dos piores, o mais feio de todos. Cria mecanismos para que o mundo trabalhe a seu favor, para que ele sofra menos. Corre em alta velocidade para que o mundo o sustente, o ratifique, diga que o que ele pensa é lindo, que tudo vai dar certo o tempo todo. Viver em uma época narcísica é perceber que todo mundo se ofende se não houver concordância com o que o narcisista pensa. Só consegue ser feliz se as pessoas concordam com ele. Qualquer crítica ou distanciamento de seu pensamento “verdadeiro” faz com que sofra muito, fazendo-o se sentir profundamente ofendido.

O narcisismo representa a dimensão psicológica dessa dependência. Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua autoestima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela contribui para sua insegurança, a qual ele somente pode superar quando vê seu ‘eu grandioso’ refletido nas atenções das outras pessoas, ou ao ligar-se àqueles que irradiam celebridade, poder e carisma. Para o narcisista, o mundo é um espelho, ao passo que o individualista áspero o via como um deserto vazio, a ser modelado segundo seus próprios desígnios.⁸⁰

Na rua Alegre, de onde Nelson Rodrigues retirou alguns personagens para seus contos, a bisbilhotice das vizinhas “gordas com varizes” que se punham a controlar a vida dos outros, da mulher e do marido, os adúlteros que viviam de uma outra forma, afinal, elas estavam livres da dependência eletrônica, não postavam nada no Facebook tampouco no Instagram.

As notícias eram fofocas infantis, às vezes como se fossem cenas do próximo adultério. A vida era mais solta, um certo tipo de nostalgia, a mesma que Nelson quis colocar na frase das mulheres que gostam de apanhar⁸¹, mas apenas as neuróticas reagem; a nostalgia de um homem à moda antiga. O controle era a curiosidade e a falta do que fazer daquelas vizinhas, muitas delas eram viúvas e encontravam um lugar para sua amargura cuidando da vida dos outros.

2.3 A grande, a perfeita solidão, exige a companhia ideal⁸²

Alguém dirá que ‘A vida como ela é...’ insiste na tristeza e na abjeção. Talvez, e daí? O homem é triste e repito: - triste do berço ao túmulo, triste da primeira à última lágrima. Nada soa mais falso do que a alegria. Rir num mundo miserável como o nosso é o mesmo que, em pleno velório, acender o cigarro na chama de um círio. Pode-se dizer ainda que é triste A vida como ela é... – porque o homem morre. Que importa tudo o mais, se a morte nos espera em qualquer esquina? Convém não esquecer que o homem é, se a morte nos espera em qualquer esquina? Convém não esquecer que o homem é, ao mesmo tempo, o seu próprio cadáver. Hora após hora, dia após dia, ele amadurece para morrer. Há gêneros alegres, eu sei. Fala-se em ‘teatro para fazer rir’. Mas uma peça que tenha essa destinação específica é tão absurda, obscena, como o seria uma missa cômica.

⁸⁰ LASCH, 1983, p. 30-31.

⁸¹ RODRIGUES, N. *Elas gostam de apanhar*. Rio de Janeiro: Agir, 2007 (c).

⁸² Idem, 1997, p. 156.

Agora o aspecto da sordidez. Nas abjeções humanas, há ainda a marca da morte. Sim, o homem é sórdido porque morre. No seu ressentimento contra a morte, faz a própria vida com excremento e sangue.⁸³

Nosso “Anjo Pornográfico” escrevia quase sempre em confissão, dizia ter verdadeira e absoluta obsessão pela morte e pelo amor; curiosamente é o que quase sempre um paciente ao divã de um analista.

No conto *O grande Viúvo*⁸⁴, Nelson conta a vida e o drama de Jair, que acaba de perder sua esposa, seu amor verdadeiro. Na volta do cemitério, ele anuncia para a família que Dalila morreu e ele também morrerá, pois é impossível viver sem a mulher amada. Informa que após a construção do mausoléu dela e dele, se matará para vivenciar o amor eterno. A família atônita com o anúncio não sabe bem o que fazer para retirar aquele homem do luto absoluto.

O pai de Jair conversa com a família e diz que se o luto não passar em alguns dias, terá que pensar em alguma forma para trazer seu filho de volta. E assim passaram-se os dias e nada de Jair sair daquela tristeza que o corroía as carnes, lhe doíam as vísceras. Surge então a ideia de desfazer a “imagem de Dalila”: se falássemos que ela era uma adúltera? Que traíra Jair e então não tinha por que sofrer, por uma mulher vil, que não lhe respeitara?⁸⁵ O pai de Jair achava que com a destruição da imagem da mulher, seu filho estaria curado daquela dor.

Após o café da manhã, o pai de Jair anuncia que Dalila tinha um amante. Imediatamente, a reação de Jair foi apenas de querer o nome, saber quem era e que amante era esse. O pai, a mãe e os demais integrantes da família se entreolham e sem saber o que fazer ficam paralisados, principalmente ao verem uma cena de maior violência, quando Jair coloca o cano de seu revólver dentro da boca pedindo que lhe digam o nome, quem foi aquele que teve um caso com Dalila:

Pausa. Espera o nome. E como ninguém fala, ele já dá um pulo para trás e puxa o revólver que, desde a morte da mulher, jamais o abandonava.
 Encosta o cano na fronte:
 – Ou vocês dizem o nome ou me mato, agora mesmo!
 Então, o pai vira-se na direção do primo e o aponta:
 – Ele!

⁸³ RODRIGUES, N., *A vida como ela é*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012 (a), p. 459.

⁸⁴ O grande viúvo – É um conto que está inserido em *A vida como ela é* – em série. Pode ser visto também em vídeo que foi produzido pela Rede Globo de televisão para o programa Fantástico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VU990UBhNQc>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

⁸⁵ Ibidem.

Apavorado, o primo não sabe onde se meter. Jair pousa o revólver em cima do piano. Aproxima-se do outro, lentamente. Súbito, estaca e abre os braços para o céu:- Graças por ter encontrado quem possa falar de Dalila, comigo, de igual para igual! – Agarra o primo em pânico: – Dia para esses cabeças de bagre se ela foi ou não a melhor mulher do mundo? – E chorava no obro do pobre-diabo, como se este fosse, realmente, seu irmão, seu sócio, seu companheiro de viuvez.⁸⁶

Nelson Rodrigues tinha a genialidade em sua alma, conseguia deixar muitos expectadores e leitores de sua obra atônitos, como alguém poderia imaginar um marido traído ser amigo do amante de sua falecida mulher; como alguém poderia imaginar um marido traído ser amigo do amante de sua falecida mulher. Algo que foge das convenções sociais, não havia na obra de Nelson um julgamento moral, existia uma singularidade em sua escrita, um transbordamento da alma humana, ele dizia o que não queríamos saber sobre a alma humana, um verdadeiro moralista.

Em filosofia, moralista significa alguém que dissecava a alma. Não por acaso, Sábatu Magaldi o chamou de jansenista. Jansenistas foram agostinianos franceses do século XVII, entre eles, Pascal, La Fontaine e Racine, que pensavam o ser humano como necessariamente dominado por uma natureza pecadora, diríamos hoje ‘uma natureza psíquica’. Vítimas da herança maldita de Adão e Eva, homens e mulheres arrastariam pelo mundo uma razão submetida a uma vontade orgulhosa, violenta e obcecada pelo sexo e poder. Desejosos do amor, mas incapazes de vive-lo ou mesmo vê-lo. [...] Anatomistas da alma, herdeiros diretos do pessimismo agostiniano jansenista apartado da teologia do pecado original propriamente, esses filósofos da alma descreveram os efeitos do pecado sem a contrapartida de Deus (dissecadores, como diria o escritor Albert Camus, ‘do pecado sem Deus’) e sua misericórdia. E por isso o impacto, muitas vezes, parece pior.⁸⁷

Para Nelson, o mundo estava piorando, o ser humano já lhe parecia um caso perdido. A partir de certa idade, o homem tem o que a esperar a não ser a morte. Se extinguissem a humanidade e sobrasse um homem só, mais só do que Deus, este daria um jeito de estragar. Nelson tinha a clareza de que nem tal solidão daria paz ao homem. Sua insistência para que os jovens envelhecessem seria para ele a possibilidade de o jovem sair da posição de pobre diabo, daqueles que teriam a potencialidade para serem suscetíveis ao totalitarismo.

Eu já fui jovem também e não me reconheço no jovem que fui. Eu só me acho parecido comigo até os dez anos e após os trinta. Eu já era o que sou quando criança. Na adolescência eu me considero um pobre-diabo, uma paródia, uma falsificação de mim mesmo. Depois, a partir dos trinta, eu me reencontro. Por isto, digo aos jovens: não permaneçam muito tempo na juventude que isto compromete. Eu recomendaria ainda aos jovens, aos que forem capazes disto, que sejam neuróticos. Porque a única forma de protesto que eu conheço em nossa época, já que o sujeito individualmente

⁸⁶ RODRIGUES, N., 2012 (a), p. 459.

⁸⁷ PONDÉ, 2013, p. 25.

não pode fazer nada, é a neurose. A neurose é um protesto formidável, portanto à juventude eu recomendo: seja neurótico. Seja livre e neurótico, o resto é só.⁸⁸

Livre e neurótico, uma afirmação contundente. Mas o que vem a ser hoje um neurótico livre, e mais, livre do quê? O narcisista, para Lasch, é aquele que não consegue viver sem uma audiência que o admire, um indivíduo preso a cada dia que passa a expor sua vida, para cada dia mais obter seguidores, sem uma curtida no Facebook, por exemplo, sua vida perde sentido. Sua neurose habita o mundo virtual, tal qual sua liberdade se coloca na rede. O número de jovens, aqueles que Nelson pedia para que envelhecessem hoje morrem de medo do próprio envelhecimento.

Aumenta a cada dia o número de jovens lotando os consultórios de dermatologistas para que lhes garantam a imagem da tenra idade preservada, criam um corpo falso para manter a imagem sustentada da juventude. Uma postagem no Instagram bem-sucedida garante um alívio na neurose da imagem perfeita que alguns buscam incessantemente, a obtenção de *likes* e *repost* aumenta sua autoestima.

Um jovem que habita este local virtualmente perfeito poderá entender o que vem a ser construir um mausoléu ao lado da mulher morta como era o desejo de Jair? Se a imagem dele é soberana, onde cabe o amor em uma vida de imagens fantásticas e perfeitas? A dor da morte, a dor do amor encontra uma brecha neste indivíduo que é tragado pelo pecado do narcisismo, pecado que lhe toma sem que muitas vezes ele próprio perceba? Assim como todos os pecados capitais, pisamos neles e agimos sem mesmo perceber, haveria uma saída para este pecador se ele pudesse incluir a sua vida real, fora da exposição a todo custo e sempre ilimitada. Talvez a possibilidade do amor lhe aparecesse como Graça.

2.4 O único lugar onde o pecado tem castigo é no meu teatro⁸⁹

O jovem, cansado pelo entusiasmo da caça e pelo calor, atraído pela beleza do lugar e pela fonte, descansou aí.

Ao procurar saciar uma sede, brota nele uma outra sede.

Enquanto bebe, arrebatado pela imagem da beleza que ele avista, ama uma ilusão sem corpo. Crê ser corpo o que apenas é água.

Extasia-se ante si mesmo e fica imóvel, de rosto imóvel também, fica hirto como uma estátua de mármore de Paros.

⁸⁸ RODRIGUES, S., 2012, p. 201-202.

⁸⁹ Ibidem, p. 201-202/262.

Estendido no chão, contempla dois astros, que são os seus olhos; contempla os cabelos, dignos de Baco e dignos de Apollo; contempla as faces, virginais ainda, o colo de marfim, a graça da boca e o rubor misturado a nívea brancura. Admira tudo o torna a ele digno de admiração. Sem o saber, a si se deseja; é aquele que ama, e é ele amado.

Ao cortejar, a si se corteja. Arde no fogo que acende. Quantos beijos inúteis deu na fonte que lhe mentia!

Quantas vezes, para abraçar seu pescoço, que via no meio das águas, mergulhou os braços, sem neles se encontrar!^{90,91}

“Sou ou não sou bonito?”⁹², assim começa o conto *A desconhecida* da coletânea de *A vida como ela é*. A história nos fala de Andrezinho (o Casanova de Nelson) um grande amante, irresistível, aquele que nenhuma mulher hesitaria em recusar-se a gostar. Com uma estima invejável, dizia-se a qualquer momento um homem perfeito, belo e galanteador. No boteco do amigo Peixoto, um homem aleijado e amargurado pela vida, provoca Andrezinho dizendo que existia uma mulher no mundo que ele não conseguiria ganhar nenhum tostão dela, tampouco arrancaria dela algum suspiro frente a sua inabalável imagem perfeita, o retrato da beleza. A provocação de Peixoto serviu para provar o quanto ele era mascarado. Em contrapartida, respondeu Andrezinho que isso seria impossível, que não havia mulher que não se apaixonasse por ele.

– Sou ou não sou bonito?

Já o dominavam um desses automatismos irresistíveis. Como fosse realmente bonito e, de resto, simpático, todos achavam graça. Sua sorte no amor era fantástica. Em casa, o telefone não parava. Eram pequenas, de todos os tipos e classes, que o perseguiam. Dizia-se que até senhoras casadas, muito mais velhas que ele, o adoravam. E o jeito, meio terno, meio infantil, meio voluptuoso, com que ele exaltava a própria aparência física, era um atrativo a mais. De resto, com o orgulho de Narciso confesso, Andrezinho implicava, na mesma vaidade, até peças de roupa. Mostrava meias de um amarelo extravagante, as gravatas ultra coloridas, os sapatos. E interpelava os conhecidos: – Que tal? Viste a classe?⁹³

O tom de mistério dado por Peixoto à trama é que possibilita Andrezinho a começar a perceber que ele não é tudo isso, afinal, como existiria alguém que pudesse resistir a uma beleza tão encantadora. Quando começa a ver que perde o sono, pensando em alguém sem imagem, a angústia começa a lhe atormentar. Volta a procurar Peixoto e implorar que fale o nome, mostre uma foto, que diga quem é

⁹⁰ Para que o leitor interessado, porém não especialista em letras antigas, compreenda melhor as Metamorfoses de Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) e sua ambição como poeta, são úteis algumas informações sobre o funcionamento, digamos assim, da Poética antiga.

OVÍDIO (Publius Ovidius Naso). *Metamorfoses*. Livro III, ed. bilíngue. São Paulo: 34, 2017, Apresentação de Joao Angelo Oliva Neto, p. 7.

⁹¹ Ibidem. p. 191.

⁹² RODRIGUES, N., 2012 (a), p. 489.

⁹³ Ibidem, p. 490. (Grifo nosso)

essa mulher desconhecida, entretanto, a resposta de Peixoto continuou a ser negativa.

Convida Peixoto a tomar umas cervejas, e quem sabe assim embriagado lhe contasse algo, mas, para sua surpresa, Peixoto, do alto de seu ressentimento dizendo-se um aleijado, sua forma de vingança seria nunca contar quem era a tal mulher. Andrezinho segue a vida, agora de uma maneira atormentada e sem mais desfilar com tantas “pequenas” recebe um telefonema que muda sua vida para sempre.

[...] Peixoto morrera imprensado entre um bonde e um ônibus. Andrezinho ouviu: ‘Morto?’ E soluçava: ‘Não é possível! Não pode ser!’ Uns 15 minutos depois, entrava no necrotério. Ao ver o outro, na mesa, definitivamente silencioso, sentiu-se condenado a amar uma mulher que jamais conheceria. Enfureceu-se. Atirou-se ao cadáver, sacudia-o, gritando: - Diz o nome! Quero o nome fala!... Foi agarrado, dominado. Então, caiu de joelhos, no ladrilho. Seu choro era grosso como um mugido.⁹⁴

Enquanto bebe seu néctar (bebida dos deuses), Júpiter diz para Juno que tem quase certeza de que as mulheres sentem mais prazer que os homens e maridos durante o ato sexual. Juno, sendo uma deusa ciumenta e que controlava Júpiter a passos curtos, não concordou, para não dar margem para ele se divertir com as Ninfas pelos cantos do Olimpo. Como não houve acordo entre o casal, eles decidiram pedir uma terceira opinião, de um especialista, Tirésias. Cabe salientar que entre os deuses existia certa regra geral em relação à reciprocidade: se um amante se sente desiludido, traído ou algo que o valha, pode se vingar e amaldiçoar o ser amado.⁹⁵

Antes de chegarmos a Tirésias, cabe lembrar que ele já fora homem e mulher. Certa feita, andando em um bosque no Olimpo, encontrou duas serpentes unidas em uma só, após desferir vários golpes, foi imediatamente amaldiçoado e permaneceu sete anos no corpo feminino, no oitavo ano encontrou novamente as serpentes e repetiu o ato para que voltasse a ser homem. Juno e Júpiter chegam finalmente a Tirésias, que não dá toda razão a Juno, que era mulher, e como toda mulher, tem um temperamento forte e vingativo. Dito e feito, amaldiçoou Tirésias e o “cegou”. Júpiter, que não pode destituir o poder de Juno (por ser outra deusa), conseguiu ajudar um pouco Tirésias e o deixou cego, porém com um dom, a vidência.

⁹⁴ RODRIGUES, N., 2012 (a), p. 493.

⁹⁵ OVÍDIO, 2017.

Seguindo o curso da história, tempos depois, a ninfa Liríope vai conversar com Tirésias, que é aclamado como vidente, e pergunta sobre seu filho, Narciso. A mãe quer saber se o filho terá vida longa e se chegará à velhice. Tirésias, que após a maldição de Juno se tornou um deus rancoroso, como não tem a visão, responde a Liríope que seu filho recém-nascido, o belo Narciso, sobreviverá *si se non nouerit*, ou seja, se ele não se conhecer.

Famosíssimo em todas as cidades da Aônia, Tirésias dava respostas infalíveis ao povo que o consultava.

A azulada Liríope foi quem primeiro comprovou a fidelidade dos oráculos dele. O Cefiso envolveu-a, um dia, em sinuosa corrente e violou-a em suas águas. De seu ventre cheio, a belíssima ninfa deu à luz uma criança, que já então podia ser amada, a quem chamou Narciso.

Consultado sobre este veria os longos dias de uma velhice avançada, respondeu o profético adivinho: ‘Se ele não se conhecer’.

Por muito tempo pareceu sem sentido o oráculo adivinho. Comprovam-no o desenlace, os acontecimentos, o tipo de morte e a estranheza de sua loucura.⁹⁶

Narciso cresce com uma beleza ímpar, feições tão leves que pareciam ora femininas ora masculinas. Ele não se deixava tocar nem por meninos e nem meninas. Dizia-se um adolescente vaidoso ao extremo. Certo dia, enquanto caçava, foi visto por uma ninfa chamada Eco, e esta se apaixona perdidamente à primeira vista pelo belo rapaz.

Nesse ínterim, do outro lado do Olimpo, Juno continua com olhos em Júpiter, que continuava como um deus galanteador, adorava passear com as ninfas, e sua Juno marcava presença. Ocorre que as ninfas pensaram em uma forma de ludibriar Juno enquanto se divertiam com Júpiter, e assim pediram à ninfa Eco, que tinha o poder da fala, que distraísse Juno com suas conversas.

A tragédia se dá quando Juno descobre que Júpiter se refastelava com as ninfas e que Eco o acobertou, traindo sua confiança. Como já mencionado, os deuses são dotados de afetos tanto para o lado bom quanto para o lado ruim, se um foi condenado a perder a visão, Eco só poderia perder a fala por tê-la enganado com as palavras.

Juno amaldiçoa Eco subtraindo-lhe o poder de falar. Condenou Eco à eternidade de apenas poder repetir as frases finais das pessoas com quem falasse, ou seja, não poderia mais iniciar as frases, sendo condenada tão somente a repetir

⁹⁶ OVÍDIO, 2017, p. 187. (Grifo nosso)

os finais e, desse modo, apenas ecoar as palavras dos outros, não poderia mais verbalizar os seus pensamentos, mas apenas repetir o restante dos outros.

Apaixonada por Narciso, fala com ele somente através das próprias palavras do belo menino, se fala pela palavra do outro não há espaço para a própria. O que lhe resta é seguir Narciso por entre as árvores evê-lo de longe caçar. Um certo dia, Narciso fala algo, Eco repete e se aproxima dele, que assustado reage e diz que prefere morrer a entregar-se a ela. Eco aumenta sua carga de dor e começa a definhar, quase a descarnar, até que lhe resta só a voz que ecoa pelos bosques sem mais um corpo.

Narciso, sozinho, continua a fugir de todos, e cansado senta-se perto do lago evê sua imagem refletida na água. A profecia de Tirésias, feita anos atrás, então se concretiza, ao ver-se enamora-se por si e tentar se abraçar, em vão. Seu autoamor aumenta, e ele se esgota de tentativas, e como se dilacerasse vai ao seu encontro, à sua imagem, e morre exaurido na tentativa de encontrar seus braços e seu próprio corpo. Morre Narciso, e quando as Ninfas vêm ao seu encontro para resgatar o seu corpo, acham apenas uma bela flor: *Narcissus poeticus*.

Observando mais de perto esse mito, vemos que Narciso está atraído por sua imagem, mas que ao mesmo tempo ele não reconhece a imagem como sua. Mais ou menos como o bebê que descobre sua própria mão, fixando-se a ela, como um objeto fascinante, porque é, simultaneamente, próprio e outro. Além disso, há outro personagem real que está apaixonado por Narciso, a ninfa Eco, que depois é condenada a cumprir a função de refletir a voz nas cavernas. Portanto, o problema não é que Narciso esteja apaixonado por si e se isolaria em um espaço individualista, mas que ele precisa desesperadamente de outros por meio dos quais ele pode receber e confirmar sua própria imagem atraente de fascinação. Ora, o enigma representado por sua própria imagem é fascinante porque o sujeito investiga e descobre as condições pelas quais ele um dia foi amado ou os traços pelos quais poderá voltar a ser amado. É por isso que se diz que o narcisismo é um sistema necessariamente instável, pois ele precisa de constantes reposições e reposicionamentos que jamais podem de fato responder à pergunta que o narcisista está fazendo, uma vez que essa pergunta está alienada ao desejo do outro.⁹⁷

Narciso se perde em seu amor e Andrezinho se perde por amar uma imagem, outra sem forma. Para Narciso, a profecia foi concretizada, mas para o personagem, Peixoto, com sua vingança amaldiçoou Andrezinho às avessas, o retirou de seu autoamor e abriu uma possibilidade de amar uma imagem que não fosse sua, mesmo que ficasse “desconhecida” para ele, mas com a possibilidade de ter saído de si. O amor nos tira de nós mesmos para ir ao encontro de outro, talvez tenha

⁹⁷ DUNKER, 2017, p. 266-267.

havido uma salvação para Andrezinho, porém Narciso não teve a mesma sorte, pois Tirésias não o libertou de sua maldição.

2.5 Amar é ser fiel a quem nos trai⁹⁸

Nelson descreve como o amor sem morbidez não existe. Pessoas que se amam de modo bem resolvido, se abraçam de modo higiênico, respeitam o espaço do outro, mas perdem o ‘mistério’, que, segundo Nelson, só a morbidez dá ao afeto. ‘Ora, sem um mínimo de morbidez ninguém consegue gostar de ninguém’, por isso ‘o desenvolvimento não é a solução’, assim como a beleza tornada um direito do direito do cidadão e a saúde um dever constitucional desfigura a face da beleza e da sua saúde. [...] O problema é que, para Nelson, o amor sem morbidez não é amor. E o desejo é triste. Vemos aqui que a psicologia rodrigueana deita raízes numa visão de o homem como ser doente, e que sua beleza reside justamente nessa desordem. Claro que a própria ideia de afeto pressupõe. Como pode haver afeto saudável e correto? Se pensarmos de forma negativa, não é outro o sentido de quando Nelson dizia que pior do que odiar o marido é ser indiferente a ele. O amor sem morbidez, sem desespero, é uma forma de indiferença é um dos modos de declinar a saúde.⁹⁹

No início do conto *Casal de Três*¹⁰⁰, Filadelfo surge andando cabisbaixo pela rua, quando se encontra com seu sogro dr. Magarão, que o abraça. Diz para ele que anda mal, e enquanto caminham pela calçada, reclama de sua filha que o trata mal a três por dois, chegou a se comparar a Jó por tamanhas provações a que é submetido pela mulher. O sogro, por sua vez, diz para que releve e fique contente, pois esses rompantes são características de mulheres honestas. A brutalidade acompanha seu comportamental, ela é como a própria mãe.

Conta a Filadelfo, com certa felicidade esbravejante, que certa vez conheceu uma mulher, delicada, cheirosa, toda arrumada que teve um caso com metade dos homens do Rio de Janeiro, inclusive com ele, que era muito bem casado. Portanto, que ele se acostumasse e se desse por satisfeito, porque tinha uma mulher honesta.

Em nenhum momento mentiu ao sogro, sua vida conjugal, assim como todas as convivências, estava ao milímetro do tédio, sua vida conjugal era regada pelas gotas da melancolia. Jupira não tinha consideração com ele nem na frente de seus

⁹⁸ RODRIGUES, N., 1997.

⁹⁹ PONDÉ, 2013, p. 128.

¹⁰⁰ Casal de Três – É um conto que está inserido em A vida como ela é – em série. Pode ser visto também em vídeo que foi produzido pela Rede Globo de televisão para o programa Fantástico. O GRANDE VIÚVO – É um conto que está inserido em A vida como ela é – em série. Pode ser visto também em vídeo que foi produzido pela Rede Globo de televisão para o programa Fantástico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VU990UBhNQc>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

amigos, o mandava comer de boca fechada; que tomado por uma enorme vergonha, só faltou se atirar pela janela, e passou a tentar entender que a estupidez era a característica mais marcante daquela mulher. Até o beijo já havia sido suprimido por mais de um ano.

O máximo que ele, intimidado, se permitia, era roçar com os lábios a face da esposa. Se queria ser carinhoso demais, ela o desiludia: 'Na boca, não! Não quero!' Outra coisa que o amargurava era o seguinte: a negligência da mulher no lar. Não se enfeitava, não se perfumava. Deitado, ao seu lado, ele pensava agora, lembrando-se da teoria do sogro: - Será que a esposa honesta também precisa cheirar mal?¹⁰¹

Passado um mês, Filadelfo, arrastando-se para chegar em casa, é tomado por uma surpresa absoluta. Jupira estava pintada e perfumada, usando um vestido maravilhoso e provocador, e se atira em seus braços. Ele se perde absurdamente a ponto de se desequilibrar. Ela o aperta o rosto, beija fervorosamente sua boca, como num arrebatamento de namorada, de uma mulher em plena lua de mel. Sem saber o que fazer frente àquele furacão de desejo. Ele pergunta o que houve, e ela sem muito pensar lhe devolve a dúvida, questionando-o se não gostou.

No dia seguinte, pensou: foi um dia só, mas quando chega em casa na noite seguinte, a cena erótica e sensual se repete com mais detalhes sórdidos que o levam a uma loucura comparada à paixão de casais recém-conhecidos. Passados dias, recebem o casal de sogros para um jantar simples, e após o jantar, encontram-se na janela para fumar e o sogro pergunta como as coisas andam.

Filadelfo, feliz, mas sempre se perguntando quando acabará aquele sonho paradisíaco, responde a dr. Magarão que Jupira se transformara em uma nova mulher, que estava incomodado e com receio do que poderia ser. O sogro mais que rápido, ao longo de sua experiência de um casamento também infeliz, aconselha que ele se faça de cego, afinal o marido não deve ser o último a saber, ele não deve saber nunca.

Em uma manhã qualquer, Filadelfo recebe uma carta anônima que dá local e data de um caso de sua mulher com Cunha, seu melhor amigo, aquele que sem falta jantava em sua casa toda semana, de duas a três vezes. Tomado por uma febre, rasga a carta e segue a vida da forma que lhe dá mais prazer, o que o tirou daquela melancolia absoluta. Coloca reparo no próximo jantar e percebe os olhares, as

¹⁰¹ RODRIGUES, N., 2012 (a), p. 448.

passadas de pernas por debaixo da mesa entre Cunha e Jupira. Conclui que seguir com a lua de mel é sempre melhor, afinal de contas sua felicidade conjugal estava toda pautada no romance extraconjugal de sua esposa com seu melhor amigo.

Como as coisas na vida como ela é, são feitas de surpresas, recebe no seu trabalho um convite de casamento de seu amigo Cunha. Corre para casa e ao chegar encontra Jupira jogada aos prantos pronunciando uma frase, repetidamente: “Quero morrer!”. Tomado por uma fúria, entra em casa sem proferir uma palavra, pega seu revólver e sai para resolver aquilo que seria a sua própria desgraça.

Chega ao apartamento, aquele que seria o próprio endereço do adultério, e ameaça Cunha para que desmanche aquele noivado imediatamente. Na noite seguinte, meio sem saber o que pensar, Cunha aparece para jantar, com o noivado desfeito, e Filadelfo e Jupira o recebem com toda a felicidade de um casal habitando a lua de mel eterna, para jantar e para não correr mais riscos. Informa Cunha, na saída, que a partir daquele dia passaria a jantar todas as noites em sua casa. A mulher, feliz, joga-se ao corpo de Filadelfo recostado no sofá e lhe diz: Você é um amor!

O amor espanta. Alguns afirmam que é uma invenção da literatura europeia medieval – o amor cortês. Nelson achava que não: amar, para ele, era o centro da personalidade. E amor é um desejo desgraçado, incontrolável, quase destrutivo em sua dramaticidade. Para ele, se acaba, nunca foi amor de verdade. Mas uma questão que o assustava era que, para ele, o amor estava acabando como experiência real por conta da nova capacidade do homem de só pensar em saúde mental, física e política. Amar é perder a si mesmo de vista. Quando a mulher se tornou objeto de uma ciência e passamos a vê-la como uma ‘eleitora’ ou ‘profissional’, ela morreu como objeto de amor. Não pensamos a sério no fato de que a politização do sexo destruiu o amor e sua espontaneidade juvenil.¹⁰²

Às vezes, o amor nos salva! Amar é ser fiel a quem nos trai, talvez seja mais uma das máximas que Nelson Rodrigues apresentou ao mundo e que hoje em dia não é muito bem entendida. Quanto ao amor, pode ser até necessário em algum momento, mas para isso é preciso sair de seu lugar confortável e se entregar ao outro. Porém, é preciso descobrir que existe um outro que vá além do “Sou, ou não sou bonito”, além de sua própria imagem refletida. A bruxa, da Branca de Neve, hoje talvez se limitaria a perguntar apenas uma coisinha para seu espelho: “se ela está passável ou não”.

¹⁰² PONDÉ, 2013, p. 107. (Grifo nosso)

2.6 Há homens que por dinheiro são capazes até de uma boa ação¹⁰³

Eu disse ‘vaidade’. Ai está a palavra que explica tudo. O que nos induz à passeata é, digamos, uma vaidade de leitão assado. Se não entenderam a metáfora, tentarei justificá-la. Imaginem um salão imenso. Banquete. Quinhentas pessoas sentadas, entre casacas e decotes. E, lá no fundo, um garçom traz na bandeja um leitão. Levado na bandeja em desfile, o leitão há de se sentir uma vaidade total. Assim também o artista, o literato, o cineasta ou o padre de passeata. O sujeito parece desfilar triunfalmente, numa bandeja imaginária, e de maça na boca, como o leitão assado.¹⁰⁴

Apostando na onipotência dos sujeitos da “cultura do narcisismo”, como apontou Lasch, a publicidade tenta preencher a falta com os produtos de consumo. Este sujeito como todos nós é desejante, vivemos nas sociedades de mercado independentemente de qual classe estivermos e, sendo assim, os indivíduos são como se tentados a viver em um desfrute de toda a gama de bens que lhes são oferecidos, como se o publicitário agisse como um Tirésias, anunciando e profetizando a vida de cada um, que possam se enganar e colocar no lugar da falta o bem de consumo, um produto para aliviar suas angústias.

Neste discurso profético da publicidade, os bens entram com um lugar de dever, um dever de gozar sempre e sem limites, podendo deste modo cair as interdições impostas à sociedade, mascarando um certo mal-estar que habitamos na civilização, autorizando enganosamente a vivermos no imediatismo. Aquele sujeito que foi apontado por Freud como onipotente, hoje, pode tentar habitar um estado além, de forma ilusória. Estando quase sem história, sem o interdito do tempo versus o esforço, alimentando o desejo, logo se pode obter tudo a todo tempo, atendendo ao apelo publicitário do “tudo é possível”: não sofra compre e resolva seus problemas.

Como uma espécie de recalcamento da dimensão simbólica, “o posso tudo, compro tudo e nada me faltará”, coloca o indivíduo narcisista no lugar mais gozoso, sem nenhuma renúncia, somente pleno e sem lugar vazio para lhe angustiar. Para conseguir chegar a um gozo ilimitado e sem fronteiras, é necessário que haja um esquecimento, um soterramento das gerações passadas, com isso, o horror à velhice que atormenta esse indivíduo pode desaparecer aos poucos, e no lugar da vida dos que ficam para trás, vive-se para o futuro que é agora, o imediatismo da

¹⁰³ RODRIGUES, N., 1997, p. 53.

¹⁰⁴ Idem, 2007 (b), p. 395.

vida, a vida exposta 24 horas como se vivêssemos num *Big Brother* do universo, onde tudo é controlado e necessariamente tenha que ser exposto para que o indivíduo tolere suas angústias e possa chegar ao dia seguinte com mais performance e imagens cada vez mais retocadas e melhoradas. O *botox* de hoje preserva o sujeito de ontem, quase que para uma eternidade sempre jovem. Narciso ficaria engelhado à beira do lago ou tiraria uma *selfie* a cada segundo, nosso lago hoje é na nuvem, até nosso lago se tornou virtual, compra-se o lago com melhor tecnologia e com maior capacidade de armazenamento de dados irreais.

Os *reality shows* e mais particularmente os que se desenvolvem em uma casa, mostrando a intimidade das pessoas e suas relações, como o *Big Brother*, apoiam-se em uma combinação destes dois efeitos: a brincadeira com o litoral de intimidade e o efeito de verdade causado pelo imprevisto.

Há uma grande tentação narcísica que liga os dois pontos. Quem acompanha a serie *Big Brother* fica inicialmente cativado pela ideia de que qualquer um pode estar na televisão, ser visto e apreciado por muitos espectadores, tornando-se objeto de interesse e atenção. Qualquer um é alguém – é uma descoberta muito democrática e um ideal simbólico digno de defesa coletiva. Mas com isso tem um efeito colateral. Quando ser alguém é somente o efeito de ser popular, famoso ou célebre, esse alguém assim, formalmente considerado, é meio vazio. Isso diz que essa pessoa deseja ser reconhecida, mas não diz nada de como essa pessoa quer ser reconhecida e muito menos por quem. Ser reconhecido por uma massa amorfa de espectadores imaginários é ser reconhecido por escravos. Nada mal para alguém que antes se sentia ninguém, mas que valor tem isso quando se é alguém entre outros alguém?¹⁰⁵

Na clínica como ela é, aquele indivíduo que é dado como narcisista no senso comum é olhado com um olhar mais cuidadoso. Narcisista não é somente aquele se se olha no espelho a todo o momento e vive dentro de seu umbiguinho. Ele é um indivíduo extremamente solitário e que sofre absurdamente sem demonstrar sua dor. Vive em modo “Andrezinho” sou bonito ou não sou, e vai além, pensa em silêncio o que os outros estão achando de mim, enxergam o que, minha beleza, será. Atormentado pela dependência de uma curtida ou de um *like* em tudo que posta e que faz durante suas 24 horas intermináveis diariamente. No senso comum, com a crítica vem uma espécie de queixa moralista – o espelho de Narciso não lhe respondia nada, ele apenas enamorava-se a cada minuto por sua própria beleza. O indivíduo de hoje criou um espelho responsivo, que a cada minuto lhe responde se está de acordo com a imagem que faz de si, que imagina que os outros lhe atribuíam.

¹⁰⁵ DUNKER, 2017, p. 271. (Grifos do autor)

Na TV paga ou até mesmo em canais convencionais, programas que chamam atenção por pagar prêmios milionários para que pessoas fiquem expostas 24 horas ou até mesmo que se apresentem em estádios famosos, com a ideia de ser “astro por um dia”, como se submeter a um *reality* garantisse se tornar um astro de Hollywood. Na maioria, é necessário passar por várias fases, submeter-se a apreciação de um júri (geralmente composto por famosos) e na fase das audições veem-se cada vez mais pessoas que se expõem a verdadeiros “ridículos” colossais, que fornecem material público para gargalhadas que circulam pelas redes, perpetuando o horror por intermédio de *memes*, salientando a cada *view* o ridículo. O que os leva a este constrangimento público? É somente dinheiro? Uma vida mais fácil?

Colocar pessoas reais para representar a si mesmas, dissolvendo o litoral entre espaço público e privado, parece a brincadeira infantil de flagrar a intimidade dos adultos, ou então olhar pela fechadura da porta. Mas, como no fenômeno correlato das redes sociais, o exibicionismo (ou voyeurismo) não vai sem uma combinação entre narcisismo e identificação. Se olharmos para trás, veremos que a fórmula original do Big Brother, puramente exibicionista, já faleceu faz tempo. Houve uma mutação dos *reality shows* da vida comum, em uma casa comum, com pessoas comuns, para uma espécie de gincana de sobrevivência, força ou habilidade, tipo *Survivor*, *The Voice* ou *Hell's Kitchen*. Um recurso para introduzir mais ‘ação’ na cena e estimular nosso narcisismo concorrencial. Essa correção paliativa, mesmo que combinado as duas coisas como em A fazenda, nos traz de volta a um formato muito regressivo. São variantes das gincanas e dos quis shows dos quais estamos cansados, tanto porque a vida banal se tornando cada vez mais estruturada como um jogo, mais precisamente com um videogame. Uma identificação só se renova se contiver uma pitada adicional de ‘autenticidade’.¹⁰⁶

Não é só um “sou bonito” que conta numa exposição deste tamanho, cabe também pensar se esse indivíduo se agarrou à “fala da mamãe para o bebezão perfeito”: “minha mãe me ama, eu sou lindo e sou maravilhoso para sempre”. O detalhe grotesco é que algumas mães sempre estão na coxia vendo as ridículas apresentações de suas crias.

Curiosamente, o sofrimento do indivíduo narcisista seja tamanho, que submeter-se a essa forma brutal de exposição ainda possa ser melhor do que o silêncio do outro, para quem ele presta contas imaginárias de sua imagem; ver-se pela família e pelos outros e ganhar o reconhecimento merecido do espelho responsável da bruxa, talvez seja melhor que a dor do eterno anonimato frio e

¹⁰⁶ DUNKER, 2017, p. 271-272. (Grifos do autor)

solitário, afinal de contas, pecados públicos ganham mais *likes* do que pecados secretos na nossa vida como ela é.

Depois do momento eu te amo, você me ama, deveria vir o capítulo: O que vamos fazer com isso? Se não passarmos deste primeiro capítulo, a novela vai ser reprisada em torno de duas perguntas, que no final são a mesma: Mas você me ama... mesmo? Ou: Quem e o que podemos excluir para que você me ame mais ainda? Isto Lacan chamou de complexo de intrusão remonta a prática infantil, depois reeditada como identificação histérica, de que a prova do amor de alguém é exclusão de um terceiro que seria preterido. Esta é uma forma pós-moderna de enunciar a crise edipiana. O correlato BBB disso é o paredão, ou seja, um método substrativo pelo qual ele me ama mais do que este outro que nós excluímos. O perigo aqui é que precisamos segregar mais e mais para confirmar nossa escolha narcísica. Isto torna o ciúme e a paranoia uma necessidade, e não a exceção.¹⁰⁷

Apontamos até o momento de qual sujeito narcisista estamos tratando: aquele que não entende o outro como um sem lugar, não entende sequer que existe um outro. É necessário que o consumo ocupe este espaço vago. Para Lacan, o **Outro não existe**, à medida que nos prendemos à expectativa da resposta de nossas demandas. Aqui, o narcisista parece tomar o conceito lacaniano de forma literal.

O narcisismo como **pecado contemporâneo**, podemos dizê-lo de forma metafórica: que um vídeo seu vazou na internet, só que você não sabe que é a protagonista do conteúdo deste vídeo. Assim como em qualquer pecado, habitamos o lugar, mas nem sabemos.

Nos capítulos a seguir, continuaremos com uma análise das peças: *Álbum de família*; *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*; e *Toda nudez será castigada*.

¹⁰⁷ DUNKER, 2017, p. 273-274. (Grifos do autor)

*De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória. O escritor dispõe de tempo para refletir. Pode aceitar e rejeitar, tornar a aceitar; [...] existe também um período em que seu cérebro ‘se esquece’ e o subconsciente trabalha na classificação de seus pensamentos. Mas, para os fotógrafos, o que passou, passou para sempre. É deste fato que nascem as ansiedades e a força de nossa profissão.*¹⁰⁸

¹⁰⁸ CARTIER-BRESSON, Henri. O momento decisivo. In: BACELLAR, Mário Clark (org.). *Fotografia e Jornalismo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971, p. 19-26.

3 ÁLBUM DE FAMÍLIA – SOMENTE OS NARCISISTAS VERÃO A DEUS?

3.1 O pecado é anterior à memória.¹⁰⁹

*Minhas peças têm um moralismo agressivo. Nos meus textos, o desejo é triste, a volúpia é trágica e o crime é o próprio inferno. O espectador vai pra casa apavorado com todos os seus pecados passados, presentes e futuros. Numa época em que a maioria se comporta sexualmente como vira-latas, eu transformo um simples beijo numa abjeção eterna.*¹¹⁰

Nelson Rodrigues não era um cínico, tarado ou imbecil como alguns pensam, muito pelo contrário, ele foi um grande romântico (tardio) e recebeu do crítico e amigo Sábato Magaldi o elogio acadêmico de ser o “jansenista brasileiro”. Jansenista¹¹¹ no sentido de ser aquele que estuda a alma humana, que era capaz de fazer qualquer um revirar as tripas lendo uma crônica de jornal nos bondes da cidade, e ver que ali estavam expostos alguns de seus próprios podres, desejos secretos e sujos, que todo ser humano tem e nega. O centro da vida é o sentimento, são os nossos afetos, tentar racionalizar o tempo todo, isso só nos faz adoecer. E é nesse adoecimento humano que a cada dia criam-se saídas mágicas e espetaculares, é nesse ponto que pensamos encontrar os nossos narcisistas atuais.

Quando nesta dissertação colocamos a palavra “pecado”, a utilizamos como metáfora da condição humana, assim como a figura da adúltera, aquela que como a prostituta carrega na pele, no corpo, o desejo desorganizado do próprio ser humano. Não trataremos o pecado contemporâneo, e assim o chamamos como uma metáfora para o narcisismo, como quem trata religiosamente e com cunho moral dos pecados capitais.

¹⁰⁹ RODRIGUES, N., 1997, p. 131.

¹¹⁰ Ibidem, p. 109.

¹¹¹ Jansenismo – “No sentido estrito, o jansenismo (j) é uma heresia delimitada por várias condenações do magistério pós-tridentino; no sentido mais amplo, designa-se dessa maneira um movimento interno do catolicismo que nega a necessidade dessas condenações e limita seu alcance, e que procura sobretudo apresentar do cristianismo uma imagem mais fiel às suas origens e aos seus objetivos. Na origem, está o Augustinus (1640), obra de Cornélio Jansen (1585-1638), professor de Sagrada Escritura na Universidade de Louvain e depois bispo de Ypres. A elaboração dessa síntese agostiniana sobre a salvação e a graça era uma contraofensiva destinada a enfraquecer a importância das opiniões molinistas (molinismo) ensinadas por alguns jesuítas. Sua publicação violava as decisões pontifícias que proibiam disputas sobre esses temas a partir do encerramento das congregações *De auxiliis*.” DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA. Jean-Yves Lacoste (Dir.). Paulo Meneses (Trad.) São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004.p. 925.

Agora, num pequeno exercício de teologia natalina, no meio da missa de meia-noite, pensei: mas ele vem nos salvar de quê? De qual falha ele nos reabilita ou nos absolve? Afinal, antes de ele chegar, o que era pecado? Por esse caminho, cheguei ao pensamento seguinte: talvez a gente se considere perdido no pecado justamente para fundamentar a necessidade de sermos salvos e redimidos.

De novo. Será que, pelos nossos pecados, precisamos ser salvos e, portanto, esperamos o Cristo que nos redimirá? Ou será que gostamos de esperar e acolher um salvador e redentor e, por isso, imaginamos estar sempre em apuros, na danação?

Ou seja, estamos afogando? Ou somos como falsos naufragos que pedem ajuda porque gostam da festa como os marinheiros que os resgatam?

Não sei se nossos prazeres mais desvairados são falhas, pecados ou, simplesmente, bons momentos. Mas entendo que esses prazeres precisam aparecer como falhas e pecados se curtirmos a ideia de sermos salvos e redimidos.

Mais uma pergunta: será que existem ainda prazeres praticáveis, que não sejam envergonhados ou atormentados pela culpa e a esperança da redenção?¹¹²

Este termo não carrega em si o peso do perdão e tampouco de redenção, assim como aponta o psicanalista italiano Contardo Calligaris¹¹³, ou seja, o pecado por ele tratado no texto é aquele para o qual cabe a salvação, existindo uma busca de algo além, para que a pessoa seja perdoada e siga repetindo da mesma maneira para todo o sempre.

Saber-se pecador é ter a certeza de que não deve se levar tão a sério nesta vida, e que nada nos impede de mergulhar de cabeça nos pecados triviais e conhecidos, é talvez uma possibilidade de estar melhor na vida. Como ir a uma festa e não saber se comerá absurdamente chafurdando no pecado da gula, se destruirá um coleguinha de trabalho para dar braçadas na piscina da inveja, que nunca terá um descontrole emocional e falará palavras com o som da ira, e outros tantos pecados que a maioria de nós, quando percebe, já está atolado até o último fio de cabelo existente.

Vemos um tipo de hipocrisia secular, e Nelson Rodrigues, como um profeta que enxergava o óbvio, já falava daqueles que tentariam viver longe das mazelas da vida e dos seus pecados ocultos, fazendo-se de santo a qualquer custo. Aqui, o narcisismo encontra o que estamos chamando de pecado contemporâneo, também podendo ser chamado de uma espécie de categoria de comportamento.

¹¹² CALLIGARIS, Contardo. Estou cansado da ideia, comum nas missas, de que precisamos ser salvos. 2017. *Jornal Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/12/1946368-natal-o-redentor-e-o-pecado.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2018.

¹¹³ Ibidem.

À medida que o narcisista nega sua condição miserável e finita, ele nega sua real condição. O narcisista abraça uma imagem de si pura e virtuosa. “Somente os neuróticos verão a Deus”¹¹⁴ – este aforismo rodrigueano ganha uma proporção redentora nas peças de Nelson. Porque reconhecer a si mesmo como pecador e culpado só pode acontecer no enfrentamento da angústia. A escolha será sempre entre angústia ou gangrena.

Nelson Rodrigues, em seus textos, expõe algumas cenas quase que didáticas, do que se assemelha em nossa atualidade ao que estamos chamando de narcisismo contemporâneo, como exemplificado no diálogo a seguir:

GUILHERME – Eu tenho que salvar você – DE QUALQUER MANEIRA!
 GLÓRIA – E mesmo que tudo seja verdade... Que papai tenha pisado a mulher... Que faça isso ou aquilo com mamãe... Que seja o demônio em pessoa. Mesmo assim, eu gosto dele, adoro!
 GUILHERME – Só de uma coisa você não sabe!
 GLÓRIA – Onde está papai?
 GUILHERME – Você sabe por que eu fui ser padre? Por que resolvi renunciar ao mundo?
 GLÓRIA – Não interessa!
 GUILHERME – POR SUA CAUSA!¹¹⁵

Guilherme, colado a uma imagem que ele criou dele mesmo, castra-se literalmente para se tornar o único homem bom que serviria para sua irmã. A imagem colada fez com que ele agisse, mutilando-se, demonstrando, deste modo, que não conseguiu lidar com o máximo da angústia, e agiu para poder atender a uma expectativa que ele imaginava que a irmã Glória poderia ter colocado sobre ele. Contudo, isso aconteceu somente na cabeça de Guilherme, seu sofrimento tomou a dimensão de um grande fantasma, seu sofrimento foi ao extremo, e em suas próprias e aterrorizantes elucubrações, fez atos para salvar Glorinha. Conseguimos aqui fazer uma correlação com esse indivíduo narcisista que sofre calado, tentando responder à imagem que ele presume ter criado para as pessoas, e que estas estão esperando a sua resposta dentro dessa expectativa.

EDMUNDO – Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, e ninguém mais existisse, a não ser nós, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se a nossa família fosse a única e primeira. [uma espécie de histeria]. Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. [caindo em si]. Mas não, não! [mudando de tom] – Eu acho que o homem não devia sair

¹¹⁴ RODRIGUES, N., 1997, p. 118.

¹¹⁵ Idem. *Álbum de Família*. Teatro completo Nelson Rodrigues: peças míticas e psicológicas. vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 (b), p. 390. (Grifos do autor)

nunca do útero materno. Deixa ficar lá, toda a vida, encolhidinho, de cabeça para baixo, ou para cima, de nádega, não sei.¹¹⁶

Outro exemplo que podemos utilizar é o tormento que Edmundo faz em sua própria vida, não consumando o casamento com sua mulher Heloísa. Ele não poderia trair seu único amor. Aquela com quem ele gostaria de permanecer unido até a morte, como se pudesse voltar a habitar o lugar mais seguro e acolhedor, onde ninguém poderia lhe ferir e nem lhe contrariar – o útero materno –, sim o lugar que protege do mundo. Vislumbramos aqui um movimento parecido, que podemos verificar aos quatro cantos neste comportamento narcísico de isolar-se para não desmanchar suas próprias identificações e tentar, deste modo, proteger-se do mundo externo, que é mal e atemorizante.

3.2 Se Deus existe, o sexo é um detalhe¹¹⁷

Escrevo para não me sentir só. E nesse sentido, nesse sentido específico no qual a solidão é nossa substância, minha e de meu leitor, descrevo aqui o cenário da minha filosofia selvagem. Apenas almas que se sabem parceiras da adúltera e do suicida me importam. Às outras, desejo que fiquem mudas, em silêncio, como que diante de um santuário.¹¹⁸

Os meses finais do ano de 1945 e início de 1946 deram a Nelson Rodrigues uma imensa montanha de elogios, sua “vaidade” era agraciada por todos que assistiam à nova montagem de *Vestido de Noiva* e de sua nova peça *A mulher sem pecado*. Nesse período, ele tinha plena necessidade de ser a todo tempo elogiado, corria pelas redações atrás de cartas que dessem uma espécie de aprovação, de que sua escrita estava correta e que serviria para ser apresentado ao público. Nelson parece buscar o elogio de seu pai em todos esses autores e homens de respeito, por um elogio que talvez não viesse nunca mais, por mais que ele esperasse: Mário Rodrigues não falaria mais.

Seu sucesso estava a galopes, as peças estavam sendo apresentadas no sumuoso teatro Phoenix, no Rio de Janeiro, as pessoas começavam a acreditar naquela singular dramaturgia rodrigueana, que como um perfume se espalhava por entre as poltronas do teatro. Até aquele momento, parecia que nada mais abalaria a sua carreira, a não ser o seu próprio movimento.

¹¹⁶ RODRIGUES, N., 2017 (b), p. 390. (Grifo do autor)

¹¹⁷ Idem, 1997, p. 50.

¹¹⁸ PONDÉ, 2013, p. 24.

Como nem só de maravilhas é feita a vida, senão ela não seria como ela é, Nelson Rodrigues, em 1946, apresenta sua nova criação para o seu repleto e querido público carioca: *Álbum de família*.

Em pleno 17 de fevereiro de 1946, a sua terceira peça foi submetida à Censura Federal. Os censores fizeram a leitura da peça e ficaram barbarizados, alegando que a obra continha um material absurdo, uma verdadeira preconização sobre o incesto e a incitação ao crime, escapando desta maneira o lesbianismo, que também era posto em seu texto. Por coincidência ou não, foi um ato de censura do governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, que após quinze anos de Getulismo, prometia em suas campanhas o fim da censura à impressa. A proibição de *Álbum de família* foi para Nelson um grande choque.

Com uma reação imediata, Nelson Rodrigues se pôs a distribuir cópias escritas da maior peça já redigida para o teatro brasileiro, pedia a amigos intelectuais, muitos deles sem compromisso com o governo, para que lessem e emitissem opinião favorável. Após quatro meses nesta busca desenfreada por opiniões favoráveis à sua peça, Nelson tenta uma saída inusitada – publica a peça em livro, para que todos pudessem ter acesso ao conteúdo tão difamado.

E então Álvaro Lins escreveu seu rodapé no 'Correio da Manhã', intitulado 'Tragédia ou farsa?'. Começava dizendo-se amigo do autor e oferecendo-lhe a sua solidariedade, 'como o faria em relação a qualquer outro autor, amigo ou inimigo, cuja obra fosse atingida pelo veto de um poder incompetente e ilegítimo'. Infelizmente, não podia oferecer-lhe 'solidariedade literária'. A peça era 'vulgar na forma, banal na concepção'. 'Chula', 'primária', 'grosseira'. 'De desoladora miséria vocabular'. 'Um mar de enganos, erros, atrapalhações e insuficiências'. 'Um equívoco como tragédia.'

O que mais irritava Álvaro Lins era a inflação de incestos: Jonas ama a filha Glória; Glória ama o pai, Jonas; dona Senhorinha ama os filhos Guilherme, Edmundo e Nonô; Edmundo e Nonô amam a mãe, dona Senhorinha; Guilherme ama a irmã Glória. Que família! 'Se todos são incestuosos, onde está a tragédia?'¹¹⁹

A crítica de Álvaro Lins foi como uma facada em Nelson. Alguns de seus amigos tentavam lhe ajudar com críticas favoráveis, na medida do possível, porque a peça tocava muito a todos. Difícil passar impune com um texto que revirava do avesso as tripas de todos. Se fossem a favor, também tinham receio de serem julgados e condenados como fizeram a Nelson, e se seguissem as ideias de Álvaro Lins, ficavam em situação desagradável com o próprio autor.

¹¹⁹ CASTRO, 1992, p. 197.

Os moralistas venceram. ‘Álbum de família’, escrita no final de 1945 e interditada em fevereiro de 1946, só seria liberada em dezembro de 1965 e levada pela primeira vez em julho de 1967 — e, ao contrário do que previra Jaime Costa, o público não impediria o final do espetáculo. E Nelson, a partir daquela interdição, começaria a escrever para si mesmo o papel que não escolhera, mas que tão bem lhe assentava: o de maldito.¹²⁰

Mas por que será que esta peça foi tão perturbadora e assim se faz até nossos dias? Onde será que Nelson Rodrigues tocou? Os seres humanos retratados em *Álbum de família* podem estar a um passo de nós. Podemos pensar pior, eles podem estar entre nós ou em nossos próprios álbuns de família.

Este talvez fosse o real motivo de proibirem de maneira tão severa a peça por tantos anos. Será que Nelson retratou demais os desejos, aqueles mais obscuros, mais perversos, de todos nós? Talvez por isso ganhou o notório e centenário nome de maldito? Ao abrirmos o álbum, de uma outra família, fictícia, poderemos verificar em suas entrelinhas e nas suas maledicências, nas entradas ditas pela voz do *Speaker*, as nuances desse modo familiar assombroso, estranho e talvez mais íntimo do que imaginamos.

3.3 Quando o sujeito é uma besta e não é capaz de fazer nada, faz filhos¹²¹

Em Nelson, todos os personagens sofrem. Os homens, porque são traídos; as mulheres, porque gostam de ser maltratadas para se sentirem amadas. O sentido de se angustiar ou apodrecer, oposição que define a estrutura da psicologia rodrigueana por excelência, é este: sofrer nos garante a condição de seres humanos.¹²²

Cenário: ano de 1945, a passos largos, Nelson Rodrigues começa a escrever aquela que vem a ser a sua terceira e bombástica peça. Um álbum de família, sim, são fotos que marcam toda a passagem dos personagens, atos e pontos importantes de uma família, marcam o tempo, nascimentos, momentos felizes, infelizes, casamentos, e marcam a lembrança de alguém que talvez não conste mais em vida e permaneça apenas na lembrança de uma fotografia.

FOTO 1 - Abre-se o pano: aparece a primeira fotografia do álbum de família, datada de 1900 – Jonas e Senhorinha, no dia seguinte ao casamento. Os dois têm a ênfase cômica dos retratos antigos. O fotógrafo está em cena, tomando as providências técnico-artísticas que a pose requer. Esmera-se nessas providências, pinta o sete; ajeita o queixo de Senhorinha; implora um sorriso fotogênico. Ele próprio assume a atitude alvar que seria mais

¹²⁰ CASTRO, 1992, p. 200.

¹²¹ RODRIGUES, N., 1997, p. 63.

¹²² PONDÉ, 2013, p. 37.

compatível com uma noiva pudica depois da primeiríssima noite. De quando em quando, mete-se dentro do pano negro, espia de lá, ajustando o foco. E vai, outra vez, dar um retoque na pose de Senhorinha. Com esta cena, inteiramente muda, pode-se fazer o pequeno balé da fotografia familiar.

Depois de mil e uma piruetas, o fotógrafo recua, ao mesmo tempo em que puxa a máquina, até desaparecer de todo. Por um momento, Jonas e Senhorinha permanecem imóveis; ele, o busto empinado; ela, um riso falso e cretino, anterior ou não sei se contemporâneo de Francesca Bertini etc. Ouve-se, então, a voz do Speaker, que deve ser característica, como a da D'Aguiar Mendonça, por exemplo.

NOTA IMPORTANTE: o mencionado Speaker, além do mau gosto hediondo dos comentários, prima por oferecer informações erradas sobre a família. O Speaker é uma espécie de opinião pública.¹²³

Sábato Magaldi¹²⁴, em seu livro *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*¹²⁵, nos ajuda a localizar com mais clareza por onde andou o pensamento de Nelson quando escrevera a peça: situada entre 1 de janeiro de 1900 até 1924, em uma fazenda em S. José de Golgonhas (talvez a fusão de Gólgota de Cristo e Congonhas). O alvorecer do século fez alusão ao início da vida, no diálogo são mencionadas duas cidades de muitas tradições – Belo Horizonte e Três Corações –, uma obra recheada de imagens e símbolos. Alguns mais claros e outros obscuros e impronunciáveis.

A seguir, os personagens que constam neste álbum e algumas de suas características peculiares:

- Speaker: de um mau gosto, prima por oferecer informações erradas sobre a família.
- Jonas: pai, vaga semelhança com Jesus.
- D. Senhorinha: mãe, esposa, bonita e conservada.
- Guilherme: filho mais velho do casal, seminarista e místico.
- Edmundo: filho, com uma coisa de feminino e um amor proibido.
- Nonô: filho louco, o possesso; anda nu e uiva como um bicho, dá o tom a alguns acontecimentos dentro dos cômodos da fazenda.

¹²³ RODRIGUES, N., 2017 (b), p. 349. (Grifos do autor)

¹²⁴ Sábato Magaldi foi um dos grandes organizadores da obra de Nelson Rodrigues, de quem era amigo, e foi responsável pela classificação de suas peças segundo tema e gênero (Tragédias Cariocas, Peças Míticas e Peças Psicológicas). Seus prefácios às peças são verdadeiros ensaios sobre a obra do dramaturgo.

¹²⁵ MAGALDI, Sábato. *Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues*. São Paulo: Global, 2004, p. 51.

- Glória: última filha, virgem e intrusa; vê o pai como a imagem de Jesus Cristo; espantosamente parecida com D. Senhorinha.
- Teresa: colega de Glória, a promessa de amor homossexual.
- Tia Rute: irmã de Senhorinha, solteira, tipo da mulher sem o menor encanto sexual.
- Heloisa: mulher de Edmundo, vive um casamento não consumado.

Na peça *Álbum de família*, Nelson conta a história de uma família tradicional (1900) na qual os primos Jonas e Senhorinha se casam. Um fotógrafo monta a primeira foto deste álbum retratando a imagem perfeita dos recém-casados. Existe em todo o perpassar da peça a figura curiosa, como a de um coro trágico, o Speaker, que dará informações sobre todas as fotos, e no decorrer, sempre lança no ar comentários imbecis, dizendo da forma grotesca que esta família se movimenta.

Tentando captar todos os sentidos, Nelson coloca de cara os gemidos de uma menina que parece estar em alto sofrimento e entrando em trabalho de parto, estes gemidos vão aumentando ao longo dos diálogos, dando assim a sensação de horror e até mesmo pena, uma forma de sensibilizar todos com estes sons. Logo, descobre-se que se trata de uma menina, pequena, de tenra idade e que foi desvirginada por Jonas e engravidou, indo parir em um cômodo de sua fazenda.

A cunhada logo surge como Tia Rute, aquela que por ter sido “amada” por Jonas uma única vez, lhe paga o favor sempre trazendo meninas para ele se aproveitar e realizar todas as suas fantasias mais obscuras. Já que Jonas não pode ter a filha para ele, aproveita-se de meninas em substituição. A imagem de sacrifício de meninas fica no ar, talvez possa ter sido a ideia de Nelson Rodrigues como a saída incestuosa de Jonas em relação à filha Gloria, de 15 anos de idade.

Dentro da fazenda, assim como dentro da casa de todos os seres humanos, acontecem coisas estranhas para uns e normais para outros. Nelson, em nenhum momento, quis dizer que aquela família era a cara da loucura, ao contrário, quis mostrar o quão real pode ser o amor entre pais e filhos, irmãos e irmãs, filhas e pais, mães e filhos. Enfim, toda e qualquer forma de relacionamento “impossível” entre parentes consanguíneos. Precisamos tentar quebrar a barreira deste impossível de ser realizado, sem realizá-lo claro, para tentarmos absorver cada recado implícito

que Nelson descrevera em sua peça. Ali estão afetos verdadeiros, a angústia é verdadeira assim como o amor proibido da maioria dos personagens.

A querida Tia Rute, a feia, é aquela que traz as meninas para Jonas, isso em retribuição por ele ter sido o único homem que teve coragem de tocá-la, de enxergar a verdadeira beleza dela, porém, o feito aconteceu com Jonas completamente bêbado. O filho Guilherme, tomado pelo impulso de se livrar da maldição do desejo de possuir a própria irmã Glória (concorrendo com Jonas, neste desejo), castra-se, pois acredita que assim não poderá mais fazer mal a ela e, sim, protegê-la.

O grande Jonas, aquele que é comparado por sua filha a Jesus, justifica suas obscenidades com todas as meninas virgens por estar se vingando de D. Senhorinha, que em uma noite qualquer o traiu. Jonas apenas viu o vulto de um homem saindo de seu quarto. Naquele dia, Senhorinha deixou de merecer o respeito de seu marido, que em forma de vingança vil, faz o que quer com meninas, e as faz parir em sua própria fazenda.

Nelson Rodrigues, como um grande dramaturgo, sabia escrever uma tragédia de modo muito peculiar, com pitadas cômicas, para que o público conseguisse suportar o restante, o impactante, o clímax da peça. Esta figura de bobo da corte, aquele que podia dizer a verdade, foi colocado na voz do *Speaker*, como disse o próprio autor, aquele que tinha uma habitual imbecilidade e fazia quase todos os seus comentários com tom de ironia, e dava ao público ideias erradas sobre a família, colocava sempre uma dúvida no ar para chamar atenção sobre algo nas fotos. Escancarar o interior, como quem mostra um algo podre, que ninguém quer ver, foi o papel do *Speaker*.

Para mostrar a casca, o lado de fora, existia o fotógrafo, que armava a melhor maneira de retratar aquela família esquisita, que nos faz lembrar algo nosso. Você já parou para pensar o quanto estranho é seu álbum de família?

O fotógrafo, mais uma vez, faz o impossível para capturar a imagem da família perfeita, nos tempos de hoje, seria a foto perfeita para uma rede social, pois renderia vários *likes*. Pai, mãe e filhos em ordem de nascimento. O *Speaker*, como de costume, dá uma intensidade ao veneno para chamar atenção aos detalhes sórdidos que talvez a plateia ou até mesmo os leitores façam força para deixar passar. Será que quando lemos tamanha demonstração de desejos soltos,

incontroláveis e com certeza permeados de julgamentos moralizadores, conseguimos prestar realmente atenção em tudo?

Daí que a solidão seja o sentimento essencial da tragédia, assim como o isolamento seria uma experiência central da epopeia e a confiança, o tema-chave do romance.

A conclusão cristalina vale tanto para a literatura quanto para a psicanálise: sem a experiência da própria solidão, a vida nos parecerá posta, artificial ou vulgar. A verdadeira e produtiva viagem solitária pode ser a dois, em grupo e até mesmo em meio à dissolução do indivíduo na massa, mas o pior mesmo é que quando tentamos evita-la. A solidão é uma das faces do que os psicanalistas chamam de separação ou de castração. Nela, objeto como o qual nos identificamos para cobrir nossa falta e nossa falta no Outro é finalmente deslocado de sua função encobridora. Experiência simbólica por excelência, ela traz consigo não apenas a separação para com os outros, mas a distância e o estranhamento com relação a si mesmo. Solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidade do ser.¹²⁶

Talvez Nelson tenha feito isso de propósito, as pessoas só sabem apontar o defeito alheio, tentar olhar para dentro de seu círculo pode ser uma forma de salvação da maledicência ao outro. A solidão dos personagens se mostra a cada ato, assim como cada um que assiste a esta peça, assiste só, porque o que se passar entre nosso visual e nosso ouvir faz em algum momento com que pensemos sobre nossas fotografias, em nossos álbuns.

O fim dessa tragédia familiar, assim como todas, é com a morte: de Glória, assassinada pelo irmão Guilherme, que se joga nos trilhos do trem depois de consumar o feito contra a irmã; Edmundo que se suicida por não conseguir consumar o ato sexual com sua mãe, e por saber que ela já havia ido para cama com seu irmão Nonô, que após isso enlouqueceu; e a mãe D. Senhorinha, que mata Jonas e sai porta afora da fazenda para viver o amor proibido com o filho louco, uma forma de enlouquecer também e, talvez, a própria morte da personagem ao realizar o incesto com o filho, não se sabe o que sobra para uma mulher após tanto ato.

3.4 As mortas não traem¹²⁷

[...] O corpo é o lugar do tédio porque nos leva ao limite da validade do gozo, contra as modinhas que pensam a vida como uma idiota balada. Confiar no desejo do corpo é como pensar que, porque temos sede, podemos beber água o tempo todo como ‘sentido da vida’.

¹²⁶ DUNKER, 2017, p. 19-20.

¹²⁷ RODRIGUES, N., 1997, p. 11.

*Nelson ao levar seus personagens à escravidão desesperada do desejo, ilumina como ninguém o beco sem saída de um corpo ‘liverto’ das amarras morais. E no caso das mulheres, o corpo gêmeo de desejo de sofrer na carne as marcas do seu gozo. O gozo de sua tara pela submissão em silêncio e em vergonha. O problema com o desejo de apanhar não é apenas o risco da dor, mas o fato de que nem o ‘vagabunda’ que acompanha a bofetada dissolve o tédio de quem resolveu apanhar da vida ‘sem medo de ser feliz’. Devemos ter medo de ser feliz.*¹²⁸

Um dos objetivos desta dissertação é pensar se o indivíduo narcisista, aquele que vive de certo modo em uma angústia enorme e numa solidão grandiosa. Este indivíduo que estamos colocando em evidência, em nossa lente, perceberia essa angústia em seu álbum de família, é claro se, na medida do possível, existir um álbum. Na realidade, se uma das características deste indivíduo é não ter mais a ideia de geração, as tradições estão cada vez mais sendo deixadas de lado, se o que passou não importa, a ideia é viver cada dia como se fosse o último.

Nada demais viver o presente, mas se olhar para trás, talvez não exista mais aquele fotógrafo que retirou do mundo a imagem para que você possa tentar se referenciar de algum modo ou para ter a ideia de que não pode ser igual, que tem que fazer diferente. Apagam-se os álbuns para esquecer que, talvez, tenha-se vindo de um pai estilo Jonas? Ou para não lembrar de uma mãe aparentemente omissa e inconfessa, que deseja o lugar do filho possesso ao invés de se posicionar perante a vida? Viver uma vida solitária e vazia de fotografias em seu álbum faz o indivíduo se centralizar cada vez mais em si.

Se pudéssemos ser radicalmente fiéis, como queria o personagem de Nelson Rodrigues, nos congelaríamos em uma única relação amorosa. A fidelidade, nesse sentido, é uma espécie de ficção para suspender a morte e que paradoxalmente nos mortifica quando diz: ‘Serei sempre idêntico a este que agora enuncia que te ama’. O trágico humano é que seu desejo é irredutível à garantia prometida pelo contrário *con-traído*. Como saber que não seremos jamais ‘seduzidos’? O desejo é prisioneiro de sua própria enunciação, ele é seu próprio acontecimento. As mortas não traem simplesmente porque não desejam; elas são absolutamente fiéis.¹²⁹

Não podemos deixar de notar que nosso profeta Nelson Rodrigues já cutucava (e não era no Facebook) a sociedade ao dizer que D. Senhorinha era exemplo para as meninas novas que não tinham modos e que estavam tomando seus refrigerantes na própria garrafinha, provocações à parte, se ele vivesse hoje, em pleno século XXI, talvez acharia a garrafinha o menor dos problemas.

¹²⁸ PONDÉ, 2013, p. 40-41.

¹²⁹ DUNKER, 2017, p. 57.

Nelson nunca foi um homem que taxasse de forma moralista, pensamos que seus escritos podem fazer uma chamada de atenção para alguns comportamentos distanciadores da vida como ela é.

Já parou para pensar se o que você faz hoje deixaria seus avós com vergonha? A honra de seu nome se perdeu nos tempos ou está mergulhado neste caldo narcísico? Hoje, você toma direto na garrafinha ou de canudinho para que renda cada vez mais?

Na peça, Nelson Rodrigues nos acena para uma espécie de “pandemônio louco”, o que viria a ser isso? O Facebook, o Instagram ou qualquer outra rede social, onde você possa compartilhar sua solidão imagética, e que faz evidenciar a felicidade sempre, de todos e a todo tempo, pode ser hoje visto como uma espécie de pandemônio de identificações?

Estar cercado de gente não é o mesmo que estar fazendo parte no teatro do mundo, cultivando e aprimorando seu personagem, ganhando algumas gramas a mais de reconhecimento e atenção. Estamos cercados de gente quando vemos uma ópera ou quando vamos a um show de rock, mas naquele momento parece que há uma única conversa entre a solidão do cantor e a nossa.

Sabemos que precisamos de solidão quando nos sentimos vazios ou isolados. As patologias da solidão apontam que estamos em falta com a verdadeira solidão. A coisa se torna venenosa, porque nossa primeira reação é combater esses estados de isolamento e o vazio com ‘falsas experiências de solidão’ ou com ‘próteses de experiências de reconhecimento’, às vezes com festas, outras pelo engajamento em conversas ou relações ‘vazias’.¹³⁰

Nelson Rodrigues escreveu uma tragédia de proporções bíblicas, o incesto figura praticamente como um protagonista de sua peça, e com isso inaugurou a nova temática na dramaturgia existente na época, e assim lançou seu teatro como “desagradável”. Com *Álbum de família*, a aparentemente normalidade de um casal com filhos começa a se desmistificar no decorrer da peça para a plateia, não existe ninguém que consiga sustentar uma máscara aparente, tudo se dissolve entremeado pelos afetos e desejos humanos.

Mas basta uma ligeira reflexão para perceber que a exogamia ligada ao totem realiza mais – e, portanto, visa a mais - do que a prevenção do incesto com a mãe e as irmãs. Ela torna impossível, para um homem, a união sexual com todas as mulheres de seu próprio clã, ou seja, com bom número de mulheres que não são suas parentas de sangue, pois as trata como se o fossem. De início não vemos como se justifica psicologicamente essa enorme limitação, que ultrapassa em muito o que lhe pode ser análogo nos povos civilizados. Compreendemos apenas o papel do totem (animal)

¹³⁰ DUNKER, 2017, p. 32-33.

como ancestral é aí levado a sério. Todos que descendem do mesmo totêmico são parentes sanguíneos, são uma família, e nessa família os mais remotos graus de parentesco são vistos como obstáculo à união sexual.¹³¹

Não encontramos em nenhuma obra, de nenhum comentador, e nem em sua biografia, algo que diga a respeito de Nelson Rodrigues e a existência de uma afirmativa sobre seus estudos sobre psicanálise, nenhuma alusão a Freud em suas crônicas, a única aproximação era sua amizade com Hélio Pellegrino (psicanalista e amigo). Parece que Nelson usou de sua sabedoria, de seus próprios princípios, de sua criação, do que nos é internalizado desde sempre em nossas vidas.

Ele expõe em *Álbum de família* o incesto como algo que acontece de verdade nas famílias, mas que o tabu da nossa civilização consegue controlar os instintos puros e animalescos de ser humano. A peça parece atravessar a psicanálise à medida que coloca evidenciados complexos que passam por nossa vida, as traições, os amores impossíveis, a trágica forma para poder encerrar aqueles desejos, porém, com isso, ele causou nas pessoas uma reação negativa e aversiva frente àquilo que é mais que humano e atravessa a vida de todos.

O fato é que a peça de Nelson se torna conscientemente inconcebível: no amor de Jonas por sua filha Glória, que encontra uma saída tirando a virgindade de meninas que para ele têm a mesma imagem dela; da relação sexual de D. Senhorinha com Nonô, que foi consumada e que fez com que o próprio filho não sustentasse em seu corpo, procurando uma saída pela via da loucura após o incesto posto. Glória, por sua vez, ao beijar sua coleguinha de internato, ao fechar os olhos, imagina a figura de seu pai, o amor é tamanho que cada vez que olha a imagem de Cristo a vê transfigurada na figura de Jonas. O filho Guilherme, que também deseja sua irmã, nesse sentido fica em uma posição de rivalidade com seu próprio pai para disputar o amor de Glória, ele como saída foge para o Seminário, quem sabe a religião contenha seus desejos, mas não obteve sucesso e em certo dia se “castra efetivamente” para poder proteger a irmã Glória. Edmundo casa com Heloisa, inclusive tem sua foto posta em evidências nesse álbum, só que nunca consuma o casamento, a relação sexual de marido e mulher, porque em sua mente, não pode traír ao seu único amor verdadeiro, sua própria mãe.

¹³¹ FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912/1914)*. Obras completas, volume 11. Paulo César de Souza (Trad.) São Paulo: Cia. das Letras, 2012, p. 24-25.

3.5 Não admito censura nem de Jesus Cristo¹³²

Há uma desordem afetiva no ser humano que todo mundo experimenta e, por isso, é necessário mentir, muitas vezes como ato de misericórdia. ‘Mintam, pelo amor de Deus’, porque a verdade é insuportável. O autoconhecimento é uma forma de tormento. A tradição espiritual cristã é marcada pela consciência de que conhecer a si mesmo é, antes de tudo, um ato de imolação. Nossa fragilidade ontológica pede a mentira como modo de sociabilidade e sensibilidade pedagógica. Mas o que no plano da conveniência é uma necessidade, no plano do pensamento é uma traição, por isso Nelson se dizia ex-covarde. Há que dizer a verdade, pelo menos como forma de reconhecimento de nossa miséria e abandono.¹³³

Miséria e abandono recheiam as páginas do *Álbum de família*, e a cada cena descrita por Nelson se mostra o fétido e desagradável do seu humano sem limites e sem tabus. A cada aparecimento de um filho e de suas mazelas, percebe-se que no relacionamento familiar é necessário, em alguns casos, um tanto de mentira para que sustente as relações familiares.

Será que podemos pensar nestas mazelas humanas descritas por Nelson em 1946, expostas no Facebook? Quantas curtidas será que teriam essas publicações. Tuitaríamos frases de Gloria com “X”, e as classes que sustentam a todo custo o amor livre dariam total apoio; e a castração de Guilherme, será que atrairiam seguidores? O comportamento louco de Nonô postularia uma página para garotos apaixonados por sua mãe? As redes sociais estão ocupando o lugar que antes pertencia às religiões como produtores de sentido. Tudo tem que estar ali, ao olhar de um Deus maior, com 1 Terabyte de opiniões e com conexão de fibra ótica para dizer a todos, em todos os momentos, o que fazer, a quem seguir, no que se espelhar e como agir. A exposição parece estar tomando, às vezes, de Nonô lambendo o chão por estar atormentado por ter transado com sua mãe.

Não se sabe mais o que por vezes acontece com as pessoas e seu relacionamento nas redes sociais, tudo tem que ser dito, todos têm opiniões e são especialistas em tudo, o mundo privado virou do avesso e precisa a todo momento ser colocado na nuvem e na exposição pública para que seja aprovado pelo Outro.

No início deste capítulo, fizemos a seguinte pergunta, parafraseando um dito por Nelson Rodrigues: Somente os narcisistas verão a Deus? Esperamos que não, porque se eles se olham a todo tempo, para atender a uma suposta demanda dos

¹³² RODRIGUES, N., 1997, p. 42.

¹³³ PONDÉ, 2013, p. 30.

outros, Deus nem existe, seria um além do próprio narcisista que de tanto sofrer não visualiza o seu redor, tampouco as páginas antigas de seu próprio álbum de família.

3.6 Quem nunca desejou morrer com o ser amado nunca amou, nem sabe o que é amar¹³⁴

Nada impede que o amor tenha sido, de fato, uma experiência histórica literária datada e que Nelson tenha percebido seu lento processo de desuso. Se nós celebramos os tempos modernos, nos quais todos somos livres para sermos nada um para o outro, antes de tudo pela disponibilidade para relações apenas de uso, logo esqueceremos daqueles casais que se matavam por amor e chegaremos à conclusão de que tudo era apenas um mal funcionamento do cérebro, ou uma dependência psicológica de algum tipo.¹³⁵

Nelson Rodrigues realmente virava do avesso as tripas de todos os censores e daqueles que o atribuíam nomes como “maldito”. Maldizer alguém é colocá-lo distante, mas qual forma correta deveria usar alguém para bem-dizer o amor de um pai para com a filha, também de um irmão que para poder conter seus desejos pela irmã precisa se mutilar?

Alguns especialistas em algo puderam pregar Nelson na cruz, porque ele expôs ao público o que muita gente poderia sentir e que por algo maior consegue guardar em suas entranhas. Morrer com a pessoa amada seria uma forma de vingança ou de eternizar aquele amor impossível, talvez nem com mil teses e dissertações poderemos compreender o que Nelson quis dizer nas entrelinhas deste álbum, mas tentamos escandir as letras coladas de sangue e desejo com que foi escrita esta peça, mais fotos estão por vir, mas será que mutilar-se seria a única forma de sobrevivência dos indivíduos narcisistas dos tempos atuais? Mutilação no sentido de estrangulamento de quaisquer sentimentos, como se sentir fosse sempre o pior, aquilo que o amor produz tira as pessoas da realidade e da capacidade de produzir, se autoproduzir, autoproteger. Sem um além de si do próprio narcisista ele protege-se contra o amor e o pavor de perder-se. A figura fica sempre próxima da perfeição que possa ser postada e curtida a todo instante, mantém-se a imagem e destroem-se os afetos. Quem sentir algo procura um médico para anestesiá-lo do mundo, afinal de contas, atualmente, a condição de sofrer para o ser humano está ficando cada vez mais distante, pois não se tem tempo nem para sentir dor.

¹³⁴ RODRIGUES, N., 1997, p. 125.

¹³⁵ PONDÉ, 2013, p. 108.

Por isso, a peça-chave para o entendimento da contribuição da obra do Sr. Nelson Rodrigues ao teatro, neste campo da concepção criadora – isto é, da matéria-prima de sua arte – é *Álbum de Família*. É um mural primitivo, pintado com sangue e com excremento, onde se espoja toda a brutalidade poética do bicho-criatura humana. Dentro desta peça há por sua vez, uma fala-chave, com que o autor, involuntariamente, pôs na boca de um de seus personagens mais secundários, porém não menos patético que todos os de sua peça, de seu teatro, de toda a sua arte. Eis-la:

EDMUNDO (*mudando de tom, apaixonadamente*) – Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, e ninguém mais existisse, a não ser, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se a nossa família fosse a única e a primeira. (*uma espécie de histeria*). Então, o amor e o ódio teriam de nascer de nós.

É, exatamente, isto mesmo: ninguém mais existe; aquela família é a única e a primeira, é a família do homem. Não é a família humana, no que a expressão tem de lugar-comum de fraternidade, de civismo, de humanitarismo, mas no que tem de humanismo: o homem diante de si mesmo e das criaturas nascidas e mortas dele mesmo, de seu amor, de seu ódio. O homem gerando o parto e a morte. Por cissiparidade, por autofagia. Entre um e outra, o sonho que, em Edmundo, é a volta ao útero materno ('o céu, não depois da morte; o céu, antes do nascimento – foi teu útero); o sonho, que, em Senhorinha, é a partida para 'se encontrar com Nonô e se incorporar a uma vida' – embora um e outro caminho levassem sempre ao parto e à morte, pois o destino de Nonô com Senhorinha seria o de se tornar um novo Jonas redivivo, onde outros Edmundos e Nonôs seriam gerados e mortos, se a peça não tivesse que acabar naquela linha final, embora não acabe nunca a sua história, porque é a história do homem. Assim é *Álbum de Família*, assim é qualquer de suas peças, todo seu teatro, em suma.¹³⁶

Guardadas as devidas escolhas religiosas, transpor por sobre a imagem de Jesus Cristo a imagem e semelhança de seu próprio pai, é um dado bem interessante que Nelson Rodrigues faz nesta parte do álbum. A menina Glória chega em casa atordoada, perguntando: "cadê papai?" Como uma filhinha qualquer que sente saudade de casa, após longo período em colégio interno. Mas a imagem contradita é realmente algo que diz um quê a mais para nós.

Sabemos que nossos indivíduos narcisistas, aqueles que fazem uso a todo tempo da identificação, vivem sempre colocados à imagem de alguém, por pensarem que as pessoas esperam deles a imagem ideal, a resposta perfeita, e para que não sejam contraditos com as imagens escolhidas, se esforçam ao máximo para sustentá-las a qualquer preço. Pois bem, as crianças nascem e os pais atualizam seus respectivos narcisismos, mas no caso de Glória, imaginar Jonas como Cristo não diz algo muito mais fantasioso para poder suportar um algo não dito

¹³⁶ Esta citação encontra-se no livro Teatro completo – Fortuna Crítica onde Sábato Magaldi faz referência ao texto de Pompeu de Souza em sua Introdução ao livro: RODRIGUES, Nelson. *Teatro quase completo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965. (Grifo do autor)

que sufocaria a todos? Imaginamos os pais super-heróis, aqueles que podem tudo e que sempre estarão presentes e onipresentes para nos cuidar.

Talvez o pecado contemporâneo faça com que Glorias, Nonôs, Edmundo e Guilhermes publiquem suas fotos soltas, sem vínculos, sem álbuns e sem nenhuma tradição familiar para serem apenas curtidas, comentadas, compartilhadas, que fiquem vagando como fantasmas nas nuvens, sem precisarem pensar que no fundo, o homem gera o parto e a morte, e sustentar isso nos tempos atuais é quase impossível para alguns.

A parábola do filho pródigo é, no primeiro instante, a vitória do amor sobre o rigor da lei. Mas ela também indica que o pecador, humano e falso, o esbanjador, é nossa personagem que, juntamente com o pai misericordioso, constituem a dupla central da narrativa. Aquele que demonstrou pouca inteligência financeira, foi insensato, chegado às prostitutas, incapaz de distinguir verdadeiros e falsos amigos é o foco principal e título da parábola. Ele, o mais novo, é o humano, o jovem pleno de vida e vitalidade e vazio de bom senso. Trata-se de um rapaz de iniciativa, ou até se preferirem, um empreendedor fracassado, mas um empreendedor.

O mais velho é o acomodado na virtude, no emprego da empresa familiar, cumpridor do horário, roupas sempre corretas, provavelmente casado e fiel, que, mesmo adulto, ainda mora com o pai. O mais velho é a imagem da virtude e ... da chatice. É curioso que os fariseus, de ontem e de hoje (e como eles se multiplicaram...) usam essa parábola encarnando um discurso que os aproxima mais do irmão mais velho do que do caçula. Os moralistas, aqueles que Jesus condenou, pregam com esse texto. Assemelham-se a um fenômeno que sempre me intrigou: assistir em um teatro luxuoso, tomado por plateia bem arrumada e perfumada, uma peça de Nelson Rodrigues que acaba com a moral da família de classe média. A mesma classe média bate palmas, feliz e extasiada com um texto que a combateu, bem como a seus valores. Saem felizes como público, sem terem entendido que são, no fundo, as personagens.¹³⁷

¹³⁷ KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar: Deus e o homem na história* / Leandro carnal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 78.

4 BONITINHA, MAS ORDINÁRIA – O NARCISISTA SÓ É SOLIDÁRIO NO CÂNCER?

4.1 Confio em tudo, menos em nossa frívola e relapsa caridade¹³⁸

Hoje em dia, todos andam em bando. Fala-se muito em liberdade, mas trata-se apenas de afetação, assim como o amor pelo passado, que se dissolve quando lembra que no passado não havia celulares nem divórcio. Odeia-se a liberdade como se odeia um cão raivoso ou uma cadela no cio, quando não é você o macho a quem ela se entrega com o gosto típico da cadela ao ser possuída. O conforto nos faz andar em bandos. Vivemos numa sociedade do conforto, e não há conforto que faça mais mal do que o da alma. Odiamos e pensamos coletivamente. Desejamos a unanimidade (sempre burra, segundo Nelson) em tudo. Mede-se a canalhice de alguém pela necessidade que tem de ser ‘institucional’. O caráter exige um mínimo de mal-estar para a vida ‘institucional’. Quando alguém fala em nome do coletivo, saiba que se está diante de um mau-caráter. Gente assim não suporta a ‘dessemelhança genial’ que humilha a unanimidade.¹³⁹

“Com Nelson, só a tiro!”, bradava Otto Lara Resende. Infelizmente, o homicídio está capitulado no Código Penal.¹⁴⁰ Para Nelson Rodrigues, dar o nome do amigo Otto à sua peça era um enorme elogio, mas para o próprio elogiado foi quase digno de sair aos tapas com Nelson, além de colocar uma frase em sua titularidade ainda colocava seu nome vinculado à “ordinária”. O que pensariam dele, como seria visto a partir de então pela sociedade? Em contrapartida, o outro amigo – Hélio Pellegrino –, psicanalista amigo de Nelson, incentivou dizendo que Otto ficaria feliz com a ilustre homenagem: “Otto vai adorar, Nelson. Vai até se oferecer para pagar o gás neon!”¹⁴¹ A mais pura verdade é que Otto não foi nem assistir à peça que carregava seu nome, e percebeu com o tempo que se ele não ligasse e em nada demonstrasse a Nelson sua irritação, menos ele falaria em seus ouvidos.

No entanto, não apenas o nome da peça irritava Otto, isto se diluiria com o tempo. Nelson carregou nas homenagens ao mineiro e deu de presente a suposta criação da frase mais que espetacular e secular: “O mineiro só é solidário no câncer”, que para não ser nunca esquecida foi repetida 47 vezes no texto original. Algo que fez marca em Otto e cravou-se no pensamento da população que a ligaria ao nome de Nelson Rodrigues até hoje.

¹³⁸ RODRIGUES, N., 1997, p. 36.

¹³⁹ PONDÉ, 2013, p. 71.

¹⁴⁰ CASTRO, 1992, p. 325.

¹⁴¹ Ibidem, p. 325.

Agora era vez de Otto seguir o próprio conselho. Tinha de fingir que não se importava de ver o seu nome nos anúncios, nos cartazes, nas críticas, na fachada do teatro, na boca dos personagens e da plateia. Otto podia não dizer nada, mas seu mal-estar chegou a Nelson através dos outros. Nelson se defendia: ‘Mas o título da peça é a verdadeira estátua, o busto de corpo inteiro de Otto!’

Outros queriam saber se Otto iria brigar com Nelson. A briga nunca chegou a acontecer e Nelson também comentou: ‘Assim é o mundo. Impotente de sentimento, o ser humano precisa ver o desamor por toda a parte. Ninguém admite que o nome de minha peça é uma homenagem, uma cándida, límpida, inequívoca homenagem’.¹⁴²

Na época em que Nelson escreveu a peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, ainda estava casado com Elza e aguardava para sair de casa e ir morar com Lúcia, somente após a suposta aceitação de sua família. Os pais de Lúcia não viam nenhuma lógica em aprovar e abençoar sua união com Nelson. O homem tinha o sangue de Barba de Fogo, além disso aumentava cada vez mais a sua fama de “tarado”, e ainda ganhava da futura sogra os adjetivos mais constrangedores, entre eles, os mais bonitos e publicáveis seriam imorais e sem-vergonha, mas ele sabia bem a quantidade daqueles impronunciáveis.

Nelson, astuto, tentando manter suas artimanhas sedutoras, pediu ao amigo Otto que o ajudasse e que intercedesse a seu favor com a família. Uma tentativa fracassada antes de acontecer. Otto respondeu com certa vingança pelo nome da peça: “Você passou a vida toda convencendo a sociedade de que era um rinoceronte hidrófobo. E agora queria ser recebido na sala”?¹⁴³

Otto, tentando ajudar, também disse que largasse mão de pedir a Alceu Amoroso Lima, pois ele havia tecido várias críticas negativas sobre *Álbum de família*.

Em uma carta, Alceu escreveu para Nelson dizendo a frase:

‘Ou você se converte ou você se suicida’. Nelson nunca entendera: a que se converte um convertido? Apesar de usar um cordão com um crucifixo no pescoço, que só tirava para tomar banho, não cultuava santos e nem fazia jejuns, exceto os exigidos pela úlcera. Mas sua religiosidade era evidente em sua obra até incômoda para seus mais íntimos no dia a dia. Usava com frequência a expressão ‘Deus me perdoe!’, o que talvez pudesse ser um supletivo, mas a sinceridade com que se despedia de todo mundo dizendo ‘Deus te abençoe’ nunca foi posta em dúvida. E, aos materialistas, para quem a morte é o fim de tudo, dizia: ‘É um absurdo o sujeito se demitir da vida eterna, como se fosse um suicida depois da morte’.¹⁴⁴

¹⁴² CASTRO, 1992, p. 327.

¹⁴³ Ibidem, p. 328

¹⁴⁴ Ibidem, p. 330

Não bastasse a carta, ainda existiam telefonemas curiosos na história desses dois amigos, em que Alceu, ao fim de cada telefonema, repetia que rezava por Nelson, que Deus o abençoasse e outras coisas sempre com sentido muito religioso, até que um dia Nelson ouviu algo atravessado e se ofendeu, brigaram sem mais falar nem mesmo ao telefone.

Como característica positiva, Nelson tinha a persistência e resolveu ir até Hélio Pellegrino pedir ajuda, este lhe disse que pediria a dom Helder Câmara que o ajudasse, que ligasse para a família e que marcassem uma reunião. Nunca se soube o que aconteceu em tal reunião, somente que depois dela, a família reprovou com veemência a união dos dois. Por fim, já em esgotamento total, pediu que dom Marcos Barbosa tentasse a aprovação da união, o que também fracassou. “A relativa aceitação de Nelson pelos pais de Lúcia, no entanto, só aconteceria depois que nascesse a prematura Daniela – e do drama que eles viveriam com ela.”¹⁴⁵

Quanto à obra em si, vários juram que é neurótica. Realmente, há, em Otto Lara Resende, alguns momentos que justificam essa impressão.

Por exemplo: dois namorados da minha tragédia instalam o seu idílio num túmulo vazio. Alguém dirá com uma boquinha de nojo: ‘Mórbido!’ Exato. E por quer não? Desde o paraíso, com efeito, que sucede o seguinte: - quem ama traz em si o apelo da morte. É o sonho, uma nostalgia e, numa palavra, é a vontade de morrer com o ser amada.

Por que repudiar a morte, se ela está em nós, tão de nós, tão docemente em nós?

O sujeito que nasce já começa a morrer.

Por outro lado, nada de falar mal dor neuróticos. Diante de um mundo que fracassou, o homem do nosso tempo tem de fazer escolha: ou a angústia ou a abjeção. Hiroshima tornou nossa alegria hedionda. Só os canalhas têm a sanidade do passarinho.¹⁴⁶

Passa-se agora para a peça propriamente dita: *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (1962), que foi agrupada nas *tragédias cariocas*, critério adotado por Sábato Magaldi (1980) e com a supervisão do próprio Nelson Rodrigues. Vale ressaltar que esta subdivisão feita por Sábato teve intuito apenas didático, pois os elementos míticos e psicológicos das peças de Nelson estavam também presentes nas tragédias, talvez, ali encontraram certo equilíbrio, vindo do próprio dramaturgo que amadurecia em vida e isso se refletia em sua escrita.

¹⁴⁵ CASTRO, 1992, p. 331.

¹⁴⁶ RODRIGUES, S., 2012, p. 84-85.

4.2 O sexo é o que restou da pré-história, do vil passado do homem¹⁴⁷

Todos me perguntam: ‘Por que Otto Lara Resende?’ Geralmente, só os mortos e, ainda assim, só os defuntos monumentais são títulos de peça: Júlio Cesar, Ricardo III, Napoleão. E, no entanto, a minha nova tragédia carioca tem o nome do vivíssimo e contemporâneo Otto Lara Resende. Eu explico. Cada dramaturgo carrega o seu ‘Cesar’, o seu ‘Ricardo’. O meu é, justamente, o mineiro de São João Del Rey, Otto Lara Resende. Pode-se ainda perguntar: que feitos, ou que livros ou, mesmo, que crimes cometidos o meu amigo, capazes de justificar uma promoção assim desvairada? De fato, o Otto ainda não nos deu nenhuma Guerra e Paz. Publicou apenas dois volumes e vem aí com um terceiro, O retrato na gaveta, que é uma pequena e irretocável obra-prima. Os despeitados poderão rosnar, com ácida objetividade: ‘É pouco!’ Realmente, três livros não são precisamente uma biblioteca. Mas aí é que esta: autor sem livros, ou de poucos livros, ele tornou-se famosíssimo. O sujeito não entra num boteco, numa farmácia, num salão, sem tropeçar no seu nome. Em casa, ele tem uma visitação de morto oficial. Há toda uma geração mineira atrelada à sua figura. Outro dia, esbarrei num bêbado imundo. Resmungava qualquer coisa. Era o nome de Otto que escorria do seu lábio como uma baba.¹⁴⁸

Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária traz o cenário de uma abastada e impudica família, os Werneck, dando voz também a Peixoto, casado com Teresa, genro inescrupuloso de dr. Werneck, que arquiteta em conluio com o sogro um casamento interesseiro entre sua cunhada, Maria Cecília, e Edgard, o contínuo da empresa Werneck, a troco de uma soma obscura.

O fator aparentemente crítico da história de Maria Cecília é a impossibilidade de desposar-se como uma donzela devido a um estupro sofrido em um lugar ermo, por cinco crioulões, como conta Peixoto no início da peça. Daí a necessidade de arrumar-lhe um casamento urgente até mesmo para que a história não caísse na boca do povo.

WERNECK – Bem. Portanto, você sabe que a moça. A moça que sofreu o acidente. Foi um acidente. Assim como um atropelamento, uma trombada. Pois a moça é minha filha. Quer dizer, a filha do seu patrão. Isso é importante. A filha do seu patrão. Entendido?

EDGARD – Sim, senhor.

WERNECK – Gostei da inflexão. Um ‘sim, senhor’ bem, como direi.

D. LÍGIA – Um momento. Com licença, Heitor. [para Edgard, com sofrida ternura]. Você é um rapaz novo, de forma que. Meu filho! Houve o que houve com minha filha, mas ela é a menina mais pura. Tinha acabado de chegar do colégio interno. Posso dizer que, até aquela ocasião, nunca foi beijada por nenhum homem. Posso jurar! Juro por tudo!

WERNECK – Lígia, estamos perdendo tempo!

D. LÍGIA – [na sua histeria de puritana] – Não havia menina mais virgem!¹⁴⁹

¹⁴⁷ RODRIGUES, N., 1997, p. 153.

¹⁴⁸ Idem, 2017(a), p. 615-616.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 531. (Grifos do autor)

A proposta feita a Edgard sinaliza a ponta do fio de uma meada que vai se desenrolando ao longo da trama, que tanto o impressiona, dada a sua história de vida, e se entremeia entre impulsos de aceitar ou não tal oferta, tanto pelas lembranças de sua vida como por um amor que diz ser verdadeiro, por sua vizinha Ritinha – com a qual sonha uma vida comum –, que ao contrário de Maria Cecília, não tem uma vida confortável e nada fácil, prostitui-se para manter a si mesma, sua mãe e três irmãs.

A prostituta não é a profissão mais antiga, mas a vocação mais antiga. Toda atriz sonha fazer uma prostituta. A discussão sobre a vocação feminina para ser prostituta é talvez o tema mais controverso em Nelson, mas ao mesmo tempo o que cala mais fundo. O imortal hábito feminino é gostar de ser objeto sexual. Sentir-se cachorra, fácil, vadia, pelo menos por meia hora. [...] O fato de a mulher ser penetrada, ‘receber’ (o erotismo da palavra ‘violada’ está aí), ficar de quatro, revela mais da alma feminina do que o blábláblá da Simone de Beauvoir, que confunde queixas quanto a poder trabalhar fora de casa com gosto sexual e com natureza feminina. A alma feminina pode pilotar aviões, mas quer ser a puta de um homem. Sem sua puta ela sucumbe à tristeza do desejo. O imortal hábito feminino é o hábito de ser objeto.¹⁵⁰

Entretanto, há um outro impasse, vinculado a uma frase que Edgard não deixa de pensar e mexe muito com ele: “O mineiro só é solidário no câncer”. Algo como dizer que o homem é solidário na desgraça, até mesmo porque a desgraça é com o outro e não com ele próprio, e talvez por isso não seja bom o suficiente.

Mas em sua essência não é o que Edgar realmente crê. Porque se ceder a esse pensamento, deverá renunciar a um sentimento verdadeiro por Ritinha e aceitar vender-se a um casamento com Maria Cecília, e assim passará a ser indigno. E esse impasse o divide nessa sua trajetória, que em muitos momentos parece confirmar a frase de Otto Lara.

Em determinado momento, Edgard acaba sabendo da verdadeira saga de Maria Cecília, pela boca de Peixoto. A moça não foi estuprada, muito pior do que isso, ela pediu para ser violada e tudo não passou de uma farsa. Ela, que foi amante de Peixoto, cedeu a desejos incontidos de ser currada por vários homens e, então, entregou-se aos cinco crioulões, trazendo para a sua realidade a história de uma mulher que passou por esta situação, como lera em um jornal à época, o que aguçou suas fantasias sexuais.

¹⁵⁰ PONDÉ, 2013, p. 103-104.

Não, o homem não se espanta mais. Sem espanto, caímos de quatro, assim como sem a alma imortal. Claro que a afirmação pode ser um lamento confessional diante da possível morte de Deus. Mas também pode ser uma releitura da afirmação dotoievskiana ‘se Deus existe, tudo é permitido’. E acrescenta o próprio autor russo: ‘e se a alma for mortal’. E essa máxima fala da necessidade de um caráter absoluto para que exista algum valor não solúvel em água ou no desejo que pinga.¹⁵¹

Entre as idas e vindas desse desenrolar, Edgard dá voz à sua essência e decide não participar dessa farsa, entende que ser abastado não é garantia de uma vida digna e renuncia ao dinheiro que poderia mudar a sua vida, mas não ao amor de sua vida, Ritinha, com quem deseja uma vida em comum, e assim o faz.

PEIXOTO – Eu me apaixonei por ela.

E ela me dizia: – ‘Eu queria uma curra como aquela no jornal.’ Pôs isso na minha cabeça. Então, eu catei cinco sujeitos. Paguei os cinco. Custou cinquenta contos. Ela queria que eu ficasse olhando. Compreendeu, Edgard? Foi ela! Ela que pediu pra ser violada!

EDGARD – É verdade? Responde! É verdade?

MARIA CECILIA - Está me machucando!

EDGARD – [furioso] – E você me chamou de ‘Cadelão’ – por quê?

MARIA CECILIA [desprendendo-se com violência e recuando.

Desfigurada pelo ódio] – Ex-contínuo!

PEIXOTO – Tem 17 anos e é mais puta que. E só sabe amar assim.

A única coisa que a prende a mim é o apelido de ‘Cadelão’. Foge dessa mulher. Foge, porque eu não fugirei nunca!

MARIA CECILIA – Não, Edgard, não! [Maria Cecília quer agarrá-lo.

Ele a empurra. Corre. Sozinhos, Maria Cecília e Peixoto.

A menina corre para ele. Abraça-se voluptuosamente ao cunhado.]

MARIA CECILIA – ‘Cadelão.’ [Peixoto a empurra.]

MARIA CECÍLIA – Você me empurra?

[Peixoto olha em torno. Seu olhar pousa numa garrafa. Apanha a garrafa e a quebra.]

MARIA CECÍLIA – Não! Não!

PEIXOTO – Eu não mereço viver. Nem você. Vou acabar agora com tua cara. Assim.

[Grito de mulher. Peixoto segura Maria Cecília pelo pulso. Torce o braço da pequena. Projeção – No assoalho, Maria Cecília e Peixoto mortos. Primeiro plano no rosto de Maria Cecília destruído e ensanguentado. Súbito, música violenta e triste.]¹⁵²

Peixoto, por sua vez, conclui que não há uma saída para ele e Maria Cecília, que não a aniquilação de todo esse mal e, assim, ceifa a vida da bela moça e a própria.

¹⁵¹ PONDÉ, 2013, p. 93.

¹⁵² RODRIGUES N., 2017(a), p. 593-594. (Grifos do autor)

4.3 O casamento que começa por um favor está liquidado¹⁵³

Eis o que eu queria dizer: - considero Opinião um nome impróprio e, repito, um nome alienado. Com as técnicas modernas de promoção, o homem cada vez pensa menos. É o jornal, é o rádio, é a televisão, é o anúncio, é o partido que pensa por nós. Nós ‘achamos’ o que os outros ‘acham’. A ‘opinião’ deixou de ser um ato pessoal, uma posição solitária, um gesto de orgulho e desafio. Há sujeitos que nascem, envelhecem e morrem sem ter jamais ousado um raciocínio próprio. Há toda uma massa de frases feitas, de sentimentos feitos, de ódios feitos. Ainda outro dia, ouvi um sujeito falar sobre a França. Inflexionava como as manchetes.¹⁵⁴

Um estupro encomendado, esse era o verdadeiro pano de fundo daquele casamento arranjado que Werneck queria para sua filha Maria Cecilia. Será que é verdade aquele velho ditado: “a ocasião faz o ladrão”? Nelson Rodrigues, em sua tragédia carioca, espalha sobre a pele de todos na plateia uma belíssima reflexão sobre a natureza humana, lançando ao pensamento alheio a ideia de que o homem pode ou não mudar a sua realidade – se não seguir a opinião alheia, se sustentar suas causas e consequências e, quiçá, ter um pouco de raciocínio próprio.

Quem era Edgard? Seria uma espécie muito distante de nós? Talvez se fôssemos expostos a uma quantidade razoavelmente alta, de qualquer conteúdo ético, poderíamos concordar com aquela frase roedora de que “Todo mineiro é solidário no câncer”? E a partir disso, justificar o recebimento de um cheque de uma vultosa quantia, que lhe tiraria da sarjeta, de uma casa onde não tinha água, e ainda levaria sua velha mãe para um lugar melhor, onde ela não precisaria mais passar tantas necessidades, e quem sabe no futuro ter um enterro digno, diferentemente do que o seu próprio pai teve. Por onde será que podemos caminhar sem esbarrar nessa poça de sordidez ou qual a forma de mergulhar de vez naquilo que nos torna mais solidários?

EDGARD – Mas uma frase que se enfiou em mim. Que está me comendo por dentro. Uma frase roedora. E o que há por trás? Sim, por trás da frase? O mineiro só é solidário no câncer. Mas olha a sutileza. Não é bem o mineiro. Ou não é só o mineiro. É o homem, o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um só é solidário no câncer. Compreendeu?

PEIXOTO – E daí?

EDGARD – Daí eu posso ser um mau-caráter. E pra que pudores ou escrúpulos se o homem só é solidário no câncer? A frase de Otto mudou a minha vida. Quero subir, sim, quero vencer.

PEIXOTO – Bem. Uma curiosidade: - o que é que você faria, o quê, pra ficar rico? Cheio de burro? Milionário?

¹⁵³ RODRIGUES N., 1997, p. 39.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 273.

EDGARD – Eu faria tudo! Tudo! Com a frase do Otto no bolso, não tenho bandeira. E, de mais a mais, sou filho de um homem. Vou lhe contar. Quando meu pai morreu tiveram de fazer uma subscrição, vaquinha, pra o enterro. Os vizinhos se cotizaram. Comigo é fogo. A frase de Otto me ensinou. Agora quero um caixão com aquele vidro, como o do Getúlio. E enterro de penacho, mausoléu, o diabo. Não sou defunto de cova rasa!¹⁵⁵

Nelson Rodrigues abre as portas do inferno e apresenta ao público a tragédia que habita em nós. Não temos como viver eternamente utopias infantis e que imbecilizam cada dia mais os seres humanos. Edgard e Peixoto podem ser seus amigos, morar ou trabalhar ao seu lado ou, até pior, podem estar dormindo com você.

Essa ideia vendida em revistas, workshops, livros de autoajuda, seminários e atividades em grupo para aumentar a autoestima e de que “você pode ser feliz, você deve ser feliz” é completamente equivocada. A felicidade tem dois verbos no mundo contemporâneo: poder e dever, com isso, muitos se logram em alimentar essa forma gozosa, a cultura da compaixão, cultura essa que como “preminho”, o de vida imbecil, você alcança a felicidade. A vida poderá ser perfeita se assim você o desejar.

Ao ser humano mais pé no chão, a felicidade acontece quando menos se espera. Não vivemos 24 horas felizes, até mesmo porque seria tedioso viver em constante estado de alegria total. A vida é como ela é, os afetos, as angústias, as coisas boas e ruins perpassam nossos corpos, não existe uma fórmula mágica para a felicidade, alguns podem ser premiados outros não. Como diria Nelson: “Sem sorte, não se chupa nem um chica-bom. Você pode se engasgar com o palito ou ser atropelado pela carrocinha.”¹⁵⁶

A vida é uma forma de ‘desperdício’ de si mesma. Uma das manifestações da cultura do narcisismo é a recusa desse ‘desperdício’. Uma forma de mesquinharia psicológica. Visto de fora, o narcisista parece alguém que se ama muito porque olha para si mesmo todo o tempo. Por essa razão, muitos pensam que ele é um ser autossuficiente, uma espécie de sonho de consumo da cultura do narcisismo, como já afirmava Lasch em seu clássico Cultura do narcisismo. Para Lasch um dos ‘novos’ heróis era justamente esse ser aparentemente autossuficiente. Mas tenhamos sempre em mente que esse constante ‘olhar para a si mesmo’ do narcisista é fruto da sua insegurança essencial, de sua falta de amor-próprio ou autoestima (nos termos de Freud, criador do conceito narcisismo, fruto de sua ‘baixa libido narcísica’, resultado de uma primeira infância permeada pela presença do

¹⁵⁵ RODRIGUES N., 2017(a), p. 512-513. (Grifos do autor)

¹⁵⁶ Idem, 1997, p. 156.

abandono). Enfim, o narcisista, na verdade, é aquele que ama pouco a si mesmo, portanto, o contrário do que parece ser.¹⁵⁷

Ilusões à parte, a ideia de perfeição que assombra o ser humano já deveria ter deixado de existir, já que há tantos séculos, as teorias comprovam que perfeição que o ser humano não consegue atingir a perfeição. Nelson Rodrigues dizia que perfeição era coisa de menininha que toca piano. Quanto maiores as fantasias, maiores os seus fantasmas.

“Para ter coragem, precisei sofrer muito. Mas a tenho. Posso subir numa mesa e anunciar de frente alta: ‘– Sou um ex-covarde’. É maravilhoso dizer tudo.”¹⁵⁸ Na nossa própria tragédia diária, é necessário um tanto de coragem para sobreviver. Ficar colado em uma utopia da felicidade suprema é um modo de vida que distancia as pessoas das suas responsabilidades, o que as torna mimadas, frágeis e sensíveis a quaisquer enfrentamentos.

No terceiro capítulo desta dissertação, fizemos a aproximação de uma frase famosa de Nelson Rodrigues e perguntamos: “Somente os narcisistas verão a Deus?”. Feliz ou infelizmente, chegamos a uma possível resposta: não.

Mas e agora, que a nossa aproximação ficou mais provocativa em relação à frase de Otto Lara Resende e o sujeito narcisista, será que “Aquele que habita o pecado contemporâneo também só é solidário no câncer?”

Se Nelson Rodrigues abriu a porta do inferno, mostrando nos palcos que as pessoas que conseguirão ver a Deus são aquelas que com muita angústia e tentando sobreviver no sem sentido da vida, talvez possam vê-lo, mas não terão essa garantia e, ainda assim, continuarão a viver.

Se uma das características do sujeito narcisista é não estabelecer vínculos firmes, deixar de lado a família e suas gerações, álbuns e heranças, ter medo a todo instante, depender da palavra do outro que “positiva” seu comportamento, podemos dizer que ser solidário poderia lhe render uma notoriedade, uma página cheia de *likes* e muitos amigos, talvez. Faria uma imagem bonita e agradável para todos. Se for para lhe render visualizações e um *status* de bondade *plus*, o pecador contemporâneo poderá se aproveitar desta solidariedade e viver distribuindo pela

¹⁵⁷ PONDÉ, Luiz Felipe. *Amor para corajosos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017, p. 45-46.

¹⁵⁸ RODRIGUES, N., 1997, p. 46.

vida e pela rede flores de gratidão cor de rosa, assim, certamente, poderá aumentar sua quantidade de seguidores.

O ser humano está mergulhado em um mar de desejos, amores, ódios, pulsões, instintos, sexo e morte a todo o tempo, traições, infidelidades, juras secretas, desejos escondidos, proibidos e pervertidos, com suas sexualidades reviradas contendo todos os gostos e dissabores que a vida lhe proporciona, imersos nisso, se veem no palco como personagens nas mãos de Nelson Rodrigues.

Somos esse conjunto de afetos impuros, incorretos e descontrolados, e para vivermos neste mundo, temos que escolher entre a coragem ou o medo, porque o herói trágico é aquele que enfrenta seu medo até o fim, e este herói é aquele que fica longe deste “mineiro solidário no câncer”.

Sua peça ‘Bonitinha, Mas Ordinária’ é essencialmente dominada pela angústia moral dostoievskiana. Nela, o herói, Edgar, é atormentado pela famosa frase, supostamente de Otto Lara Resende, ‘mineiro só é solidário no câncer’. Segundo a fortuna crítica, esta sentença niilista seria, por sua vez, semelhante a uma de Ivan Karamazov: ‘Se Deus não existe, tudo é permitido’; se não há Deus, não há impedimento absoluto contra o que quisermos fazer. Se o mineiro só é solidário no câncer, é porque sua solidariedade não passa de um gozo secreto pela miséria do ‘amigo’ doente. Se a única solidariedade possível é essa, então não há solidariedade de fato, logo, não há esperança para o mundo. Ambas as frases decretariam o niilismo como condição amoral do mundo. E o niilismo não é uma brincadeira de adolescente que atropela gatos com sua bicicleta, é um fardo, um fado, um problema filosófico, para alguns, o maior dos séculos 19 e 20, que reuniu ao seu redor gente como Nietzsche, Freud, Schopenhauer, Dostoiévski, Turguêniev, Cioran, Bernanos, Berdiaev e o próprio Nelson. [...] Certa feita, falando sobre sua peça ‘Bonitinha, mas Ordinária’, Nelson disse (respira fundo): ‘A nossa opção, repito, é entre a angústia e a gangrena. Ou o sujeito se angústia ou apodrece. E, se me perguntarem o que eu quero dizer com minha peça, eu responderia: que só os neuróticos verão a Deus’.

Bem-aventurados os de sorriso raro e de beleza tímida. Bem-aventurados os que se desesperam, mas não desistem, porque deles é o reino dos céus.¹⁵⁹

Neste modo de comportamento contemporâneo, em que as pessoas se isolam, distanciam, vivem quase de um modo autista em alguns casos, fazer o bem para alguém que esteja doente e, sendo assim, conseguir ver um alívio em si, é o mesmo que ser solidário no câncer, afinal, quem está com câncer é o outro e não você. Mas se o sujeito narcisista não vê ninguém além de si, vive tentando responder à demanda de um Outro que ele imagina existir, por que então haveria

¹⁵⁹ PONDÉ, Luiz Felipe. Só os neuróticos verão a Deus? *Folha de S.Paulo*. 28 mar. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803201120.htm>>. Acesso em: 20 maio 2018.

necessidade de ajudar a alguém além dele mesmo? Não podemos nos esquecer que ele sofre, e se colocar na cabeça que os Outros acham que ele é um “homem bom”, e que para isso é necessário promover a ajuda aos golfinhos rosas na Tailândia ou adotar filhotes de tubarão no mar da China, também haverá a sua parcela de participação nos cuidados paliativos daqueles com “câncer”, para serem admirados, apontados como pessoas boas, e poderão ostentar a imagem perfeita ao que tantos idealizam.

O perigo de não cair neste lugar que promove destaque é uma linha muito fina, que fala de desejos humanos incontroláveis. Que nas cartilhas da felicidade espalhadas por aí, tem itens que favorecem a esse escorregão, se você for bom com os outros terá mais rápido o direito de ser feliz.

4.4 Os pactos de morte desapareceram. Ninguém mais se mata por amor¹⁶⁰

Em Nelson, nunca existe espancamento de mulher, mas bofetadas desesperadas entre casais que se amam e mulheres que pedem para ser violadas, como a bonitinha, mas ordinária, que gostava de ser chamada de cachorra. A pobre loira ficava em pânico imaginando seu corpo virando poeira com a idade. Por isso, decidiu ser fácil e transar com todo mundo ‘como um homem’, segundo ela. E pediu para apanhar. Caiu no tédio da carne (nela, dolorida), aquele tédio típico de quem acredita que o desejo seja a chave da vida bem-sucedida.¹⁶¹

Dentre várias frases famosas que são atribuídas ao dramaturgo Nelson Rodrigues, e que na maioria das vezes provoca fervor entre os presentes é: “Dinheiro compra tudo. Até amor verdadeiro”¹⁶² Na peça *Otto Lara Resende*, a questão do dinheiro anda junto com a frase do mineiro. Afinal de contas, será que vale a pena para Edgard enfrentar a tudo e a todos, suportar a prepotência do sogro dr. Werneck, e aturar um casamento sem amor, sem afeto por causa de um cheque de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros). Na realidade, o que estava sendo jogado entre Werneck e Edgard é o fato de tapar o escândalo da filhinha nobre que sofrera o acidente tramado trágico de ser violentada por cinco crioulões.

EDGARD – Fique sabendo. Vocês não me compraram. Eu não me vendi. Aceitei esse casamento porque. Já conhecia Maria Cecilia. Sempre achei que podia me apaixonar por Maria Cecilia.

PEIXOTO – E a tua vizinha?

¹⁶⁰ RODRIGUES, N., 1997, p. 126.

¹⁶¹ PONDÉ, 2013, p. 39.

¹⁶² RODRIGUES, N., op cit., p. 53.

EDGARD – Aquilo não foi nem flerte. E, ainda por cima, uma vigarista. Mas ouve. Eu já gosto de Maria Cecilia.

PEIXOTO – Posso falar?

EDGARD – [olhando em torno] – estou esperando Maria Cecilia.

PEIXOTO – É rápido.

EDGARD – Ela deve estar estourando.

PEIXOTO – Acaba logo. Você diz que eu estou bêbado. Mas escuta. Toda a família tem um momento, um momento em que começa a apodrecer. Percebeu?

Pode ser a família mais decente, mais digna do mundo. E lá um dia, aparece um tipo pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo. Está ouvindo, Edgard?

EDGARD – Acaba.

PEIXOTO – [lento] – Com minha autoridade de bêbado, te digo: a família da minha mulher, de tua noiva, começou a apodrecer. E, nós, eu e você, também, Edgard, também!¹⁶³

Se não existe nada que sustente aquela condição, nenhuma moral é postulada, o negócio resume-se então em pegar o dinheiro e se casar. Mas para Edgard, o dinheiro viabilizaria a ele e à mãe uma vida mais digna no sentido financeiro da coisa, porque a aceitação daquilo tiraria toda e qualquer forma de dignidade, submeter-se a tudo por uma quantia, uma posição na sociedade e no trabalho se tornaria um ex-contínuo que não tinha mais o que fazer, porque assumiria a condição e a função trabalhista de genro do patrão.

Nelson Rodrigues, mais uma vez, expõe a olhos nus a condição miserável do homem – se correr o bicho pega e se ficar o bicho come. Nesta congruência, existe lugar para o amor? Já que o dinheiro compra tudo. Um homem que se diz sem preço, imune a qualquer oferta pode chamar mais atenção do que aqueles que possam, sim, se sentir tentados a valorar em algum momento algo em sua vida.

Em *Crime e Castigo*¹⁶⁴, romance clássico de Fiódor Dostoevski, Raskólnikov diante de suas angústias e de seu quase completo enlouquecimento é salvo por Sônia, a mulher que era uma prostituta, mas que resolve ficar presente em sua vida,

¹⁶³ RODRIGUES, N., 2017 (a), p. 560-561. (Grifos do autor)

¹⁶⁴ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Evandro Carlos Jardim (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 2001. Nota do Autor: Publicado em 1866, *Crime e Castigo* conta a história de Ródion Ramanovich Raskólnikov, um pobre estudante que mata a golpes de machado uma velha agiota a quem deve dinheiro e por quem se sente explorado. Raskólnikov convence a si mesmo de que não é tão errado matar uma pessoa tão maldosa, de quem o mundo não sentirá falta. O crime, no entanto, inesperadamente, torna-se um duplo homicídio quando Raskólnikov é surpreendido pela presença de Lisavieta, irmã mais nova da vítima, que também é morta com golpe de machado. Apesar de escapar impune, o personagem começa a sofrer com a culpa e com a tensão dos seguidos interrogatórios. Dostoiévski aproxima o leitor do dilema do protagonista: negar o crime e viver atormentado pelo remorso ou confessar os assassinatos para ter a chance de redenção? Sônia, prostituta miserável por quem acaba apaixonado, Raskólnikov confessa as atrocidades e é condenado, onde começa sua reabilitação moral, exatamente na região em que o próprio Dostoiévski cumpriu pena e observou com lupa os dilemas morais dos seus colegas de cárcere.

para que ele pudesse se entregar pelo crime que cometera à velha usurária e sua irmã. Que preço Sônia pagou por ficar ao lado de Raskólnikov, será que ela precisava de dinheiro e por isso optou por ficar ao seu lado? Acreditamos que não, foi sua livre escolha ficar ao lado de seu amado em uma prisão na Sibéria, até que ele cumprisse sua pena e conseguisse sua redenção, que veio para sua vida em forma do amor de uma prostituta.

Nelson Rodrigues parece colocar na vida de Edgard a vizinha Ritinha, esta sim se prostituía para sustentar três irmãs e D. Berta, sua mãe, acometida por uma doença e que sofria constantemente ataques nervosos conjugados com uma amnésia que a fazia andar de costas pela casa, como se assim pudesse voltar o tempo e resolver um problema que fora acusada muitos anos atrás.

Ritinha está para a bonitinha assim como Maria Cecilia está para a ordinária. Nessa inversão de papéis, Nelson possibilita que Edgard faça a escolha certa, para que não precise passar a vida toda se culpando e angustiando, como viveu Raskólnikov antes de Sônia.

[Os dois caminham pela calçada. A rua acaba na praia. Correm na direção do mar. Edgar arranca os próprios sapatos. Ritinha o imita. Atiram os sapatos para o ar. Edgard vai um pouco na frente.]

RITINHA – Eu não tive.

EDGARD [na frente] – O que?

RITINHA – Não posso falar alto.

EDGARD – Grita.

RITINHA [gritando] – Nunca tive prazer como homem nenhum! Você vai ser o primeiro. [Chegam na praia]

EDGARD – Está vendo isso aqui?

RITINHA – O que é?

EDGARD[exaltadíssimo]–Ocheque!Otalcheque! Cinco milhões de cruzeiros!

RITINHA – Cinco milhões!

EDGARD – Cinco milhões. E vou queimar.

RITINHA – Escuta.

EDGARD – Fala.

RITINHA – É muito dinheiro. E você não acha que.

EDGARD – Acaba!

RITINHA – Esse dinheiro pode ser importante para nós.

EDGARD – Vamos começar sem um tostão. Se um tostão. E se for preciso,

um dia, você beberá a água da sarjeta. Comigo. Nós apanharemos agua com as duas mãos. Assim. E beberemos água da sarjeta. Entendeu? Agora olha. [Edgard acende o isqueiro e queima o cheque até o fim.]

EDGARD – Está morrendo! Morreu! A frase do Otto!!! [Os dois caminham de mãos dadas, em silencio. Na tela, o amanhecer no mar.]

RITINHA – Olha o sol!

EDGARD – O sol! Eu não sabia que o sol era assim! O Sol!

[fim do terceiro e último ato.]¹⁶⁵

¹⁶⁵ RODRIGUES, N., 2017 (a), p. 596-597. (Grifos do autor)

Edgard, no fim da peça, escolhe o amor, escolhe sua dignidade, e para surpresa de todos, podemos dizer que esta peça de Nelson Rodrigues – *Otto Lara Rezende ou Bonitinha, mas ordinária* – seria um dos seus pouquíssimos textos que aparece quase com um final feliz ou que dá uma margem a se pensar numa vida comum, cotidiana e que cabe em todos nós, espectadores de Nelson.

O amor na obra rodrigueana é um dos afetos escolhidos e sempre repetido em suas obsessões, nada que fuja da nossa vida banal, que vivemos em nossa própria carne o tédio da vida como ela é.

Nesta peça, Nelson Rodrigues apresentou um grande conjunto de virtudes, com diálogos magistrais que causam perplexidade. Um texto de 1962 que pode, como um clássico, perpassar e fazer sentido à luz dos nossos dias, em vários sentidos. Quase um tratado das fragilidades humanas, em que a tentação do dinheiro, a luxuria e o poder mobilizam questões comportamentais de sua época, e continuam fazendo sentido. Todo este cenário nos faz pensar se a famosa frase de Otto Lara Resende: “O mineiro só é solidário no câncer”, na veemência do velho Werneck, afirmado para Edgard, em meio à sua tormenta de valores éticos, que se todos nós formos contínuos, seremos como o mineiro, cabendo tão somente na pele dos quem não têm dignidade.

Será que hoje ainda vale a frase: “No Brasil todo mundo é Peixoto!”? E neste significante retrato atemporal, podemos pensar como Nelson, que “A família é o inferno de todos nós”?

'A verdadeira elegância é invisível', isso é fato. Mas por quê? Porque é coisa de alma. No caso de Nelson, ela ganha contornos históricos precisos: num mundo no qual todos são iguais, bestas feras em busca de uma felicidade quantificável em objetos materiais, a elegância desaparecerá de vez em quando não mais os objetos materiais que serão todos iguais (um dia teremos saudade da breguice materialista da classe média), mas os comportamentos, os anseios, os olhares.

Segundo Nelson, a elegância mais primitiva é ser o que você é sem querer copiar ou atingir o que os outros desejam. A semelhança com o poeta russo Brodsky é grande, apesar de que, no lugar da elegância, Brodsky fala do Bem, original, espontâneo, sem cópia. A tendência a uma estética da moral em Nelson é grande: deduzir o amargor das coisas, como primeira experiência do mundo a partir da moradia em uma fruta, é traço dessa estética.

Resistir a desejar o que se deve desejar é a marca mais profunda da elegância num mundo em que os idiotas venceram, traço imperdoável da democracia. A elegância num mundo saturado do que é visível nada tem a ver com objetos materiais, mas com uma forma primitiva de coragem, aquela que sustenta o caminhar livre de alguém num mundo hostil ao indivíduo e louco de amor pela igualdade e por sua irmã gêmea, a mediocridade. Em nosso mundo, a elegância respira solidão.¹⁶⁶

¹⁶⁶ PONDÉ, 2013, p. 135-136.

5 TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA – PIEDADE OU CONDENAÇÃO?

5.1 O que é a praia senão a nudez com Freud?¹⁶⁷

*E o diabo criou o idiota da objetividade. Há em nós algo que morre quando vivemos só na realidade. O lugar da mentira no pensamento de Nelson é o próximo ao da misericórdia: ‘mintam, mintam por misericórdia!’. E o diabo para Nelson não é o pai da mentira, mas aquele incapaz de amar. [...] o que Nelson tinha em mente: mentir por misericórdia significa reconhecer nossa vergonha, nosso desejo que pinga e que nos destrói quando o perseguimos. Não se trata de defender a mentira como modo de vida: significa conhecer que parte da vida respira porque alguns de nós têm pena de nós e, por isso, não nos falam o quanto podemos ser feios. A verdade é como a virtude excessiva.*¹⁶⁸

“Nelson Rodrigues em novela de televisão, só de madrugada” – era a nota do juiz de menores.¹⁶⁹ Para os ouvidos invejosos, o nome de Nelson circulava como uma ameaça, já pensou se ele começasse a aparecer na televisão com sua obra? Walter Clark¹⁷⁰, queria produzir novelas brasileiras, pois os dramalhões cubanos já o estavam cansando e, para ele, não tinha outra pessoa tão capaz para escrever algo tão nacional.

E foi assim que Nelson escreveu a primeira novela – *A morta sem espelho* –, o texto lançava no ar um quê incestuoso, pois a atriz principal deixava claro o adultério, o que todos estavam de longe sabendo que era o que mais acontecia na realidade cotidiana. Uma novela assim, para o horário nobre das oito e meia da noite, provocou os censores a tal ponto que resolveram mudá-la de horário, para as onze da noite. O elenco contava com nomes fortes como Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Ítalo Rossi, Sergio Brito e a estreia de Paulo Gracindo como ator de TV, entre outros.

Walter Clark, tentando uma aprovação, pede a dom Helder Câmara¹⁷¹ que assista à gravação de alguns capítulos para tecer uma opinião, e assim aconteceu. Após assistir, disse que deveria ser mais tarde o horário da novela. O problema de fato não estava na novela, mas sim no nome: Nelson Rodrigues.

¹⁶⁷ RODRIGUES, N., 1997, p. 126.

¹⁶⁸ PONDÉ, 2013, p. 111-112.

¹⁶⁹ CASTRO, 1992, p. 340.

¹⁷⁰ Walter Clark (1936-1997) foi um destacado produtor e executivo da televisão brasileira.

¹⁷¹ Helder Câmara (1909-1999) foi um religioso, bispo católico e arcebispo emérito de Olinda e Recife.

Qualquer novela assinada por Nelson faria com que os censores se sentissem de sapatilhas sobre brasas. Assim, na sua novela seguinte, ‘Sonho de amor’, em 1964, o nome de Nelson apareceu, mas ela foi anunciada como ‘uma adaptação de ‘O tronco do ipê’, de José de Alencar’. E a terceira e última novela de Nelson, ‘O desconhecido’, só foi exibida em julho e agosto daquele ano, com direção de Fernando Tôrres e grande elenco (Nathalia Timberg, Carlos Alberto, Jece Valadão, Joana Fomm, Vera Viana, Aldo de Maio, Germano Filho), depois de uma hilariante negociação de Walter Clark com o general Antônio Bandeira, chefe da Censura.¹⁷²

Se na televisão ele causa alarido, vamos voltar aos palcos. Nelson escreve *Toda nudez será castigada* e a encaminha para alguns atores lerem. O resultado e as respostas à Nelson não foram tão positivos e animadores, o que já era de se esperar, sendo Nelson aquele que revira a alma humana.

‘Li três páginas de ‘Toda nudez será castigada’ e o personagem principal me repugnou’, declarou Gracinda Freire a ‘Fatos e Fotos’ em 1965. ‘Nelson Rodrigues é o maior comerciante do teatro. É o dono absoluto da indústria do sensacionalismo.’ “Li e recusei”, justificou-se Tereza Rachel na mesma revista. ‘Não por uma questão de puritanismo, mas de categoria. A peça é ruim.’ Outra atriz disse a Cleyde Yáconis, quando soube que esta havia ficado com o papel: ‘Não sei como você tem coragem. Eu não faço no palco um personagem que finge que lava a xoxota na bacia!’. Era a própria categoria teatral ou, pelo menos, as atrizes a quem ele oferecera o papel de Geni em sua nova peça, ‘Toda nudez será castigada’. Nenhuma delas queria interpretar a prostituta que se casa com um viúvo, tem um caso com o filho deste e corta os pulsos para morrer. O papel de Herculano, o viúvo, também parecia maldito. Nelson chegara a convidar Rodolfo Mayer. Mas seu ex-vizinho na rua Agostinho Menezes não quis conversa: ‘Se quiserem, podem me chamar de covarde, mas não tenho coragem de aceitar esse papel.’ Todos temiam a opinião do público e ninguém queria saber do argumento de Nelson: ‘A peça é uma cambaxirra. **Não tenho culpa se o espectador resolve projetar em mim a sua própria obscenidade.**’¹⁷³

Talvez a resposta de todos demonstre algo óbvio e ululante, que ele consegue escrever os desejos que a maioria não tem coragem de realizar. Mais uma vez Nelson Rodrigues provoca alvoroço em todos, a censura resolveu se pronunciar quando a peça estreou. Com frases quase que decoradas, já que se somavam dez peças interditadas e posteriormente liberadas, Nelson Rodrigues não se deixa abater e segue seu tortuoso e maravilhoso caminho em sua dramaturgia escancarada de paixões e afetos mobilizam até os dias de hoje.

¹⁷² CASTRO, 1992, p. 342.

¹⁷³ Ibidem, p. 343 (Grifo nosso)

5.2 A primeira mulher nua que vi na vida foi um umbigo.¹⁷⁴

*E Marilyn deixou de ser mulher. Era a folhinha. Nunca perdeu a obsessão da própria nudez. Quando pensou em se matar, teve que se despir para morrer. Morreu nua, morreu folhinha. Só hoje nós compreendemos a solidão de sua nudez. Era bonita e não foi jamais amada, nem amou ninguém. Portanto, a sua beleza está acima de qualquer dúvida ou sofisma.*¹⁷⁵

Em 1965, Nelson Rodrigues produz *Toda Nudez será Castigada*, traçando paralelos entre temas como sexo, religião e puritanismo. Este tripé envolve ao longo de uma trama, muito bem encadeada, situações de ódio, trapaças, usurpação, vingança, homossexualismo, religião, moralismo e falso moralismo.

PATRÍCIO (exaltando-se) — Eu sou o cínico da família. E os cínicos enxergam o óbvio. A salvação de Herculano é mulher, sexo! (triunfante) Para mim, não há óbvio mais ululante!

GENI — Que conversa! Um sujeito cheio da gaita, não há de faltar mulher. patrício — Você parece burra! Eu não digo qualquer mulher. Quer saber de uma coisa? De cada mil mulheres, só uma não é chata sexual. Novecentas e noventa e nove são chatérrimas.

GENI — Quer dizer que eu não sou chata?

PATRÍCIO (delirante) — Na cama não! (muda de tom) Eu sou lapidar. Para Herculano, que é um semi-virgem — tem que ser mulher da zona! Como você! (radiante) Estou ou não estou sendo lapidar?

GENI — Que idade tem seu irmão?

PATRÍCIO — Quarenta e dois.

GENI — Está gasto?

PATRÍCIO — Gasto, como? Não te disse que ele é uma semivirgindade? Não sabe nada. Geni, você pode ensinar a ele o diabo! O diabo! O meu papel é trazer o Herculano aqui. Não sei como, nem se é possível trazer o bicho aqui, tem que ser aqui. O local precisa ser escrachado.

GENI — E o que é que eu ganho com isso?

PATRÍCIO — Calma, calma! Te prometo que. Mas olha. Me dá aquela fotografia, que você tirou nua. Aquela.

GENI — Pra quê?

PATRÍCIO — O seguinte. Como quem não quer nada, eu deixo lá. (Geni apanha a fotografia)

GENI — Só tenho essa cópia.

PATRÍCIO (depois de olhar e guardando) — Devolvo, só quero ver a reação.

GENI — Mas vem cá. Teu irmão é pão-duro como você?

PATRÍCIO — Eu não sou pão-duro. Da família, quem tem menos sou eu. Perdi tudo, na falência. Mas olha. Se o Herculano vier, você, aos pouquinhos, pode fazer sua independência.

GENI — Vou ser franca contigo.

PATRÍCIO — Deixa de ser mercenária, Geni.

GENI — Não, senhor! Caridade eu não faço! (muda de tom) Você precisa saber que eu estou comprando um apartamento. Na planta. Vai ter reajustamento, o diabo. Sabe quanto é a entrada? E tenho que dar dinheiro na semana que vem. O homem disse que não esperava nem um minuto.

¹⁷⁴ RODRIGUES, N., 1997, p. 170.

¹⁷⁵ Idem, 2007 (b), p. 293

PATRÍCIO (berrando) — Geni, meu irmão é um casto. E o casto é um obsceno. Essa fotografia vai ser um tiro!¹⁷⁶

Um de seus protagonistas, Herculano, é um viúvo que opta de início por manter-se assim, sem a presença de outra mulher em sua vida, passando a viver apenas com seu filho Sérgio, e lhe prometera essa condição.

Em uma das fases de sua vida, em pleno desalento, pelas mãos de seu irmão Patrício, conhece Geni, uma mulher tão encantadora quanto astuciosa. E nesse momento crucial, se vê entre sua palavra e seus desejos.

HERCULANO — Meu filho, precisamos ter uma conversa séria. De homem para homem. Você é um adulto, Serginho. Não pode ter reações de.

SERGINHO — Reações de quê?

HERCULANO — Há uma coisa que se chama senso comum.

SERGINHO (cortando) — O senhor me responde uma pergunta?

HERCULANO (num apelo) — Me chama de você!

SERGINHO — O senhor ainda gosta de mamãe?

HERCULANO — Você fala como se sua mãe estivesse viva!

SERGINHO (feroz) — Pra mim, está! (fora de si) Vou ao cemitério e converso com o túmulo. Mamãe me ouve! Não responde, mas ouve! E, à noite, entra no meu quarto.

HERCULANO — Meu filho, você está com os nervos, entende?

SERGINHO (caindo em si) — O senhor não respondeu se gosta de minha mãe?

HERCULANO (nítido e forte) — Tenho pela memória de sua mãe.

SERGINHO (num repente histérico) — Memória, memória, é só isso que o senhor sabe dizer? Papai, eu vim aqui lhe fazer uma pergunta, só uma pergunta. (muda de tom, apaixonadamente) O senhor se mataria por mamãe?

HERCULANO — Eu sou católico.

SERGINHO (desesperado) — Isso não é resposta!

(Herculano deixa Serginho e passa para um novo foco de luz, onde estão as tias, todas de luto.)¹⁷⁷

Entre sua promessa ao filho e seus instintos humanos, carnais, passa a viver um conflito que acaba vindo à tona, e por falta de sorte, a notícia cai nas mãos de suas tias carolas, moralistas, tão algozes que não dão a Herculano uma chance de trégua, a tal ponto de afetar seu relacionamento com o filho, desembocando em um rompimento.

HERCULANO — Meu filho, toda família tem seus mortos.

SERGINHO — Não é isso! (fora de si) O senhor entende e finge que não entende! (incisivo) Meu pai! Quando mamãe morreu, o senhor queria se matar, até esconderam o revólver. (mais doce, quase segredando) Então, eu pensei que o senhor se matasse.

HERCULANO (amargurado) — Meu filho, eu não acredito, nem posso acreditar. Você deseja a minha morte, deseja, quis a morte de seu pai?

serginho (ofegante) — Ainda não acabei.

HERCULANO — Fala.

¹⁷⁶ RODRIGUES, N., 2017 (c), p. 433-434. (Grifos do autor)

¹⁷⁷ Ibidem, p. 454. (Grifos do autor)

SERGINHO (quase doce) — Eu, então, pensava: — meu pai se mata e eu me mato. Uma noite, vim até a porta do seu quarto. Eu vinha pedir ao senhor para morrer comigo. Nós dois. Mamãe queria que eu morresse e o senhor morresse. (num rompante). Mas o senhor não se matou.¹⁷⁸

Nelson procurou mostrar os altos e baixos cotidianos, utilizando-se de personagens protagonistas e antagonistas, principais e secundários, que trazem em seu contexto pessoal e social uma vida para mostrar, um faz de conta, em que uns dominam outros, uma vida de aparências.

TIA — Prenderam o menino. Botaram o menino no xadrez junto com o ladrão boliviano. O outro era muito mais forte. (exaltando-se) E, então, (tem um verdadeiro acesso) o resto não digo! Vocês não vão saber! (recua diante de Geni) — Essa mulher não vai ouvir de mim nem mais uma palavra.

HERCULANO — Mas está vivo? TIA (incoerente, cara a cara com o sobrinho) — Teu filho foi violado! Violado! Não é isso que você queria saber? (vai até Geni e repete para Geni) Violado! Violaram o menino!

HERCULANO (soluçando) — Não! Não!

TIA (mudando de tom. Um lamento quase doce) — O menino serviu de mulher para o ladrão boliviano! Gritou e foi violado! O guarda viu, mas não fez nada. O guarda viu. Os outros presos viram.

GENI (agarrando-se a Herculano) — Eu não vou-me embora! Eu fico! Eu fico! Herculano! HERCULANO (para Geni) — Cachorra! Cachorra! TIA (como uma demente) — Está morrendo no hospital! (Herculano foge gritando. Então, como uma louca, a tia começa a dizer coisas.)

TIA (andando pelo palco) — Quando eu era garotinha, eu vi meu pai dizer uma vez: — “Pederasta, eu matava!” (com súbita energia para Geni) Mas o menino não é nada disso. Um santo, um santo!

GENI (desesperada) — Madame, eu sei, eu sei! Eu conheço Serginho! Ele vai ficar bom, não vai morrer!

TIA — Devia morrer. Era melhor que morresse. Mas não quero que ele morra. E papai vivia repetindo. Aquela coisa sempre: — “Pederasta, eu matava! Matava!” Eu nem sabia o que era pederasta!

GENI — O que aconteceu com seu sobrinho pode acontecer com qualquer um! TIA (repetindo) — Pode acontecer com qualquer um!

GENI — Acontece muito nessas prisões! TIA (como uma demente) — Acontece, acontece. Meu pai, se fosse o (como uma demente) — Acontece, acontece. Meu pai, se fosse o Hitler, mandava matar todos os pederastas. O guarda viu, estava lá e viu. Os outros presos viram. (com ferocidade) Você é mulher da vida, mas tem que me acreditar. Meu menino não conhecia mulher, nunca teve um desejo. As cuecas vinham limpinhas, nada de sexo.

(Súbito, a tia vira-se para o alto. Fala nítido como uma fanática.)

TIA — Meu menino era impotente como um santo.¹⁷⁹

Entre eles: a família Herculano, que tem voz ativa por meio das tias do viúvo, um pároco que não exerce sua vocação e missão – não prega e acata os mandos e desmandos das tias de Herculano; um delegado que não protege – se limita e não cumpre seu papel como um representante da lei; e um médico que não cumpre com o seu juramento – se omite diante das possibilidades em relação aos seus

¹⁷⁸ RODRIGUES, N., 2017 (c), p. 455. (Grifos do autor)

¹⁷⁹ Ibidem, p. 455. (Grifos do autor)

pacientes; e pessoas comuns que vivem à mercê dessa hipocrisia social. Mais de 50 anos se passaram e o cenário continua tão atual, será? Existe hoje uma nudez tão castigada como a de Geni?

5.3 Deus prefere os suicidas¹⁸⁰

A nudez na nossa cultura, é inseparável de uma assinatura teológica. Todos conhecem a narrativa do Gênesis, segundo a qual Adão e Eva, após o pecado, percebem pela primeira vez estarem nus: ‘Então, abriram-se os olhos de ambos e viram que estavam nus’ (Gên. 3,7). De acordo com os teólogos, isso não ocorre por causa de uma simples ignorância precedente que o pecado anulou. Antes da queda, mesmo sem estarem cobertos por nenhuma veste humana, não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que os envolvia tal como um traje glorioso.¹⁸¹

O Senhor das Palavras sempre disse não ter medo de morrer, ao contrário, deixou claro em sua obra que o homem vive na emergência da vida, lidando com as suas próprias imprudências, fugindo dos riscos que ele mesmo cria, tentando, de um jeito ou de outro, lidar com a contingência que se exprime como se fosse uma nostalgia da própria morte.

Em *Toda nudez será castigada, obsessão em três atos*, a tragédia carioca tem seu tom logo de início, com a história contada por uma suicida, e a partir de então, o desenrolar da vida dos personagens e suas paixões.

GENI — Herculano, quem te fala é uma morta. Eu morri. Me matei. (ao mesmo tempo em que Geni fala, ilumina-se parte do palco. Aparecem Patrício e as tias. Enquanto durar a fala de Geni, Patrício e as tias permanecerão imóveis e mudos)

GENI — Herculano, ouve até o fim. Você pensa que sabe muito. O que você sabe é tão pouco! (com triunfante crueldade) (violenta) Há uma coisa que você não sabe, nem desconfia, uma coisa que você vai saber agora, contada por mim e que é tudo. Falo pra ti e pra mim mesma. (dilacerada) (ressentida e séria) Escuta, meu marido. Uma noite em tua casa.¹⁸²

Geni não suportou o desespero de ser abandonada por seu amor verdadeiro. Serginho, seu amante e enteado, fugira com seu ladrão boliviano, aquele mesmo homem que o estuprara na delegacia. Ser colocada no lugar de nada não é algo tão fácil de suportar.

Nelson Rodrigues, na maioria dos seus textos, tentou demonstrar na figura da prostituta e da adultera o atravessamento da piedade e da misericórdia. São figuras

¹⁸⁰ RODRIGUES, N., 1997, p. 170.

¹⁸¹ AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Davi Pessoa Carneiro (Trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 92

¹⁸² RODRIGUES, N., 2017 (c), p. 428-429. (Grifos o autor)

que se sabem pecadoras, impuras e vivem os pecados e o tédio em sua própria carne, em sua maioria, é por intermédio delas que talvez a Graça opere.

A nudez de Geni talvez tenha sido a única castigada, pois aquela que poderia ter sido a figura mais mau caráter de todas naquele contexto familiar, foi a única com a verdadeira capacidade de amar.

Há uma diferença entre trair pelo sexo e por amor. Por amor, a adúltera se deixa varar pelas balas, pelo sexo, ela foge e pula pela janela. Nelson conta histórias assim várias vezes e tira essa conclusão moral. Mas, às vezes, há uma variação na história, e a adúltera, no chão da rua, depois que pulou pela janela, chora e se joga aos pés do marido, implorando seu perdão. Este então perdoa e o povo ao redor grita: ‘não perdoe esta vagabunda’!

O povo não perdoa e gosta de humilhar a adúltera, principalmente as mulheres, que odeiam toda e qualquer mulher que goze mais do que elas. Quando o perdão aparece, o povo mostra sua verdadeira face: flagelo do mundo, repressor da misericórdia, amante da desgraça alheia.¹⁸³

Morte e sexo sempre são os maiores produtores de angústia no ser humano, lugares que não podem ser cobertos por palavras, deixam as pessoas num lugar obscuro e sombrio. Nelson Rodrigues sempre trouxe à tona aquilo que havia de mais perturbador para todos. Mostrar escancaradamente que uma prostituta que não mereceria qualquer forma de amor, de carinho e até mesmo de respeito ficou evidenciada em *Toda nudez será castigada*.

Herculano, o viúvo, que nunca havia tido nenhum tipo de conjunção carnal a não ser com sua primeira e única esposa, se vê tomado por uma paixão avassaladora por Geni, uma mera prostituta. Como amar alguém que vende o corpo por qualquer preço a qualquer um? O cheiro putrefato do sexo vil inunda o olfato de Herculano e o faz apaixonar-se perdidamente pelo que há de mais proibido para um homem tradicional e de boa família.

[...] mesmo nesses instantes fugazes, a nudez só acontece, por assim dizer negativamente, como privação da veste de graça e como presságio da resplandecente veste de glória que os bem-aventurados irão perceber no Paraíso. Uma nudez plena se realiza, exclusivamente no Inferno, no corpo dos danados irremissivelmente oferecido aos tormentos eternos da justiça divina. Não há, nesse sentido, no cristianismo, uma teologia da nudez, mas apenas uma teologia da veste.¹⁸⁴

Quando a paixão toma um homem e o faz perder-se pode ter decorrências catastróficas para uma família. No caso de Herculano, seu filho Serginho, que fechou luto com o pai, não tinha uma vida além de idolatrar a alma de sua falecida

¹⁸³ PONDÉ, 2013, p. 115.

¹⁸⁴ AGAMBEN, 2015, p. 93.

mãe, fica indignado e horrorizado quando percebe que seu pai estava prestes a trair sua mãe (morta), não era capaz de perdoar o pai por estar apaixonado por alguém.

A obsessão desta família em não perder Herculano para Geni é sempre carregada de tensão e violência, até de suas tias, as solteironas e ressentidas que tratam Serginho de maneira afeminada, como se protegessem uma menina em uma redoma de vidro.

Como a vida prega peças, Serginho se envolve em uma confusão e termina preso e estuprado em uma delegacia de subúrbio. Herculano sai desesperado com tamanha desgraça ao encontro do filho na delegacia. Serginho foi conduzido a um hospital e Geni vai ao seu encontro para dar-lhe conforto em gesto e palavras, já que se sentiu próxima a ele, por ter sido violentado.

Geni, mesmo sendo uma prostituta, talvez fosse a única capaz de entender a dor daquele menino; ou pelo fato de ser uma mulher, quisesse dar carinho ao filho de seu futuro marido Herculano. Ledo engano, Geni chega para ver Serginho no hospital e ele, após discutirem no quarto, trama com ela e resolve se vingar do pai, e a obriga a casar-se com Herculano e tornar-se sua amante. E assim deu-se a desgraça, a tragédia da traição ocorria todas as noites nas barbas de Herculano, enquanto ele dormia, o filho o traia com a madrasta, a prostituta que não tinha direito a amar.

SERGINHO — Não tira a roupa! Está tirando a roupa, por quê?

GENI (desatinada) — Você não pediu, não mandou?

SERGINHO (furioso) — Ou pensa que eu vou fazer alguma coisa em você?

GENI — Eu conto o que nós fazemos, tudinho, eu e teu pai!

(Serginho parece falar agora para alguém invisível.)

SERGINHO — Eu não estou traindo meu pai! Prostituta não trai! (num berro) O que é você, hem, sim, você?

GENI (atônita) — Eu?

SERGINHO — Você não é prostituta? (com a voz estrangulada). Diz!

GENI — Sou.

SERGINHO (possesso) — O quê? O quê?

GENI (numa explosão) — Prostituta!

(Serginho, com triunfante crueldade, põe-se a berrar.) — Então, vai-te embora! Sai daqui! Sai daqui!

SERGINHO — Então, vai-te embora! Sai daqui! Sai daqui!

GENI (desesperada) — E não volto nunca mais?

SERGINHO (baixo e ofegante) — Volta casada. Casa com meu pai e volta. Como esposa. (berrando novamente). Tem que ser a mulher do meu pai, a esposa (baixo novamente) e minha madrasta.¹⁸⁵

¹⁸⁵ RODRIGUES, N., 2017 (c), p. 428-429. (Grifos do autor)

Nessa família, uma das particularidades era o grande véu negro do luto posto que parecia servir para continuar cobrindo afetos e desafetos dentro daquela casa.

5.4 Não se apresse em perdoar. A misericórdia também corrompe¹⁸⁶

Pessoas narcisistas ou autocentradas têm dificuldade de investir no mundo, por isso amam com menos capacidade. O mundo contemporâneo, que tende ao narcisismo como forma de cidadania, levará o amor à extinção com certeza. Na chave platônica, o mundo contemporâneo afunda na carência à medida que as pessoas cada vez mais gravitam ao redor do seu ‘próprio eu’. [...] Uma das saídas dessa banalidade é a possibilidade que um novo amor pode dar a alguém de se redescobrir um outra pessoa: outra personalidade, normalmente mais aberta e corajosa; outras hábitos, que normalmente inauguram uma sensação de habitar outro mundo até então desconhecido e acima de tudo improvável; outras necessidades, muitas vezes menos materiais e mais desapegadas de neuroses de consumo; outros gostos, muitas vezes fruto apenas do ato de se arriscar a provar coisas há muito estabelecidas pelo seu cotidiano como fora de seu espectro de sensações; outros limites para a vida, justamente porque o amor faz você se sentir mais ousado com relação à vida que teve até então. [...] Num mundo dominado pelo álcool gel com paradigma de vida segura, o amor é uma das maiores forças de rompimento com o medo. E, como toda pessoa que tem menos medo, a chance de morrer mais cedo é maior. Pode existir safe sex, mas não existe safe love.¹⁸⁷

As nomenclaturas que aparecem em palestras, conferências, revistas, jornais, e às vezes na fala de alguns pacientes que frequentam a Clínica como ela é, e queixam-se dos próprios filhos, que são destas gerações provindas das mais diversificadas nomenclaturas – geração milênio, x, y, z, imperadores narcísicos, geração “i”, geração dos idiotas, geração dos felizes, e por aí seguem os nomes que, em resumo, seria fruto de uma criação de pais que se perderam em seu próprio narcisismo e fizeram de seus filhos imbecis de pai e mãe. Seres altamente mimados, que não sabem viver em um mundo real e, por costume de criação (é apenas uma hipótese), não conseguem viver em um mundo diferente ao dele próprio.

O estranhamento de alguns indivíduos faz com que se crie, cada vez mais, um estilo de comportamento que os distancia de tudo aquilo que não se parece com eles, que não tem a ver com o seu gosto particular e peculiar, como se vivessem uma espécie de vida “amorfa”, quase anestesiada para a vida como ela é, uma anestesia psíquica que lhes distânciaria dos demais indiferentes e que aparentemente os faz mais fortes e produtivos.

¹⁸⁶ RODRIGUES, N., 1997, p. 133.

¹⁸⁷ PONDÉ, 2017. p. 108-109.

Nesta dissertação, tenta-se verificar se esses indivíduos “narcisistas”, que não se percebem pecadores, que não compreendem a misericórdia que Nelson Rodrigues expõe em suas obras, talvez sejam indivíduos que sofram a cada dia mais e mais, pois habitam um lugar onde a misericórdia não tem vez e tão pouco importa o pecado no sentido de se saber um desgraçado, mortal. Uma saída seria suportar a dor e o medo e, quem sabe, assim, poder ter uma possibilidade de desejo. Esse indivíduo que observamos aqui, é um meio para tentarmos saber se a leitura de uma peça como *Toda nudez será castigada* seria mote para alguma queda de identificações fixas, ideais e perfeitas.

Na dramaturgia de Nelson, ele não mostra a perfeição, a doçura ou a candura do ser humano, ele fala de nós, escreve palavras que nos colocam a todo instante no palco, revirando e regurgitando aflições que tocam em nossos pontos negros.

Sim, somos aquilo e muito mais, e sofremos na carne quando temos asco de um álbum de família podre, negado para todo o sempre que se pareça com a nossa família. Que nunca gostaríamos de ter um tio como Herculano, que morre de medo de três tias velhas e ressentidas, que se coloca como capacho de seu filho Serginho, que é o rei dos mimados e, no fim, mostra-se mais vil que a prostituta, a mulher da vida que não merece amor e que não tem valor. Ficamos enojados com o cheque que Werneck oferece a Edgard, mas sim, preferimos uma viagem à Suíça a ter um final de semana numa praia cheia de pessoas fazendo farofa.

O ser humano, quando consegue saber que o cheiro dele não é diferente do outro, fica melhor na faixa. Achar-se superior ao mundo dos mortais não leva ninguém a lugar algum ou, melhor dizendo, leva ao lugar das palavras mágicas que estão adoecendo as pessoas a cada dia que passa. E com esse adoecimento, fogem da vida banal e chata, que não tem o menor sentido para um mundo embotado, onde se façam valer apenas as suas vontades, os seus dizeres e as suas escolhas. A vida de identificações destes indivíduos observados aqui é aquela que corrói lentamente, em pontos que as pessoas não sentem a dor devido às inúmeras formas de remédios, drogas e workshops que possam aliviar a vida real e os coloquem na vida plena de sentidos e sem dores aparentemente normais.

Nelson Rodrigues dizia que o homem é triste porque vive e não porque morre, esta era a fala de seu amigo Otto Lara Resende. Se a tristeza tem lugar e nome posto que vivemos, é porque a “vida como ela é” foi, é e sempre será este conjunto

de obsessões, fetiches, paradoxos que perpassam por todas as famílias. Famílias adjetivadas por Nelson e que ressoam em nós até hoje.

Seus aforismos são ditos aos quatro ventos, e alguns ainda nos deixam em carne viva. Um homem que dizia acreditar no amor, que este nunca morreria, era capaz de chorar se fosse necessário. Com sua mala de tragédias, tem uma farta bagagem para mais de um século de poesias, prosas, crônicas, contos, peças teatrais, e muito mais que Nelson Rodrigues conseguiu fazer do seu jeito singular e criativo, que toca a muitos ainda no século XXI.

A piedade do sujeito narcisista já está corrompida há muito tempo, porque se no seu mundo espelhado só cabe ele, do jeito dele e ninguém mais, não há espaço para outros diferentes dele. A cruzada da pós-modernidade talvez termine nos hospitais psiquiátricos, porque se o ser humano continuar vivendo só o seu mundinho, com seu próprio *modus vivendi* e *operandi* diverso do mundo real, corre o risco, com este novo modo de comportamento, de gerar uma nova espécie, que habita o mundo irreal, cibernetico, sem contato físico, afetivo e quase sem contato visual.

Uma sociedade quase que “***neuro***”-“***ótica***” – com uma visão doentia, ensimesmada e que se espelha em suas identificações, não mais no mundinho dos neuróticos conhecidos de Freud e Lacan.

Sucederá um novo lugar, onde a moeda será paga em bitcoins para o barqueiro, restará somente o adoecimento e os seus espectros espelhados pelo mundo. Em um lugar assim, não nos cabe pensar sequer em piedade, porque o próprio jeito constituído só dá espaço à condenação de um outro diferente de si, se não está parecido a este totem macabro recoberto de espelhos, condena-se o diferente, e aquele que no passado remetia e significava alteridade, será engolido pelos espectros do novo mundo.

O pecador inspira piedade e não condenação, nesse pecado novo contemporâneo não há salvação, graça e nem misericórdia, caberá a cada um algum milagre que quebre seu espelho e, talvez, o faça querer experimentar a vida como ela é. Um rasgo de esperança sempre ficará em nós pecadores e desgraçados do mundo contemporâneo.

*Como se orasse pelo momento de subir ao céu, o anjo pornográfico dizia:
Escrevo à noite.
Vem na aragem noturna um cheiro de estrelas.
E, súbito, eu descubro que estou fazendo a vigília dos pastores.
Aí está o grande mistério.
A vida do homem é essa vigília e nós somos eternamente os pastores.
Não importa que o mundo esteja adormecido.
O sonho faz quarto ao sono.
E esse diáfano velório é toda a nossa vida.
O homem vive e sobrevive porque espera o Messias.
Neste momento, por toda a parte, onde quer que exista uma noite, lá
estarão os pastores — na vigília docemente infinita.
Uma noite, Ele virá.
Com suas sandálias de silêncio entrará no quarto da nossa agonia.
Entenderá nossa última lágrima de vida.¹⁸⁸*

¹⁸⁸ CASTRO, 1992, p. 420.
Crônica de Natal para “O Globo”, intitulada “A vigília dos pastores”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pessoa narcisista é uma pessoa com baixíssima autoestima. Ninguém tem uma autoestima plena, o narcísico menos ainda ele é um miserável afetivo. O narcísico é aquele, que quando leva um fora, desmonta mais que o normal. É o chato de quem ninguém gosta porque reclama que ninguém gosta dele o tempo todo.

Mas tem uma coisa mais importante na personalidade narcisista. Ele é incapaz de amar ou investir afetivamente no mundo; ele precisa que os outros invistam nele o tempo todo e é uma pessoa cansativa. A generosidade e a gratidão inexistem numa personalidade narcísica. Incapacidade para o vínculo afetivo abundante é a marca de uma cultura narcísica, típica do mundo contemporâneo.¹⁸⁹

Nelson Rodrigues foi o objeto de estudo neste trabalho, simplesmente por ser um homem único e singular em seu modo de viver e de escrever, que com seu jeito peculiar mostrou ao mundo aquilo que se chama talento. Foi um autor que não desistiu de conhecer, de tentar entender e mostrar quem é o ser humano, e escancarar o mundo, “a vida como ela é”, o ser humano como ele é.

A psicanálise lacaniana se ocupa do ser humano, caso a caso, sem métricas, mas, sim, com um olhar único sobre a pessoa. E Nelson foi assim, único e com este estilo próprio, e fez das tragédias de sua vida o motor para sua escrita, não perdeu tempo em lamentações eternas, nem tampouco ficou ressentido sem produzir na vida.

A proposta nesta dissertação centrou-se em verificarmos se com a leitura do Teatro de Nelson Rodrigues, sendo escolhidas cuidadosamente três de suas dezessete peças – *Álbum de família; Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária; Toda nudez será castigada* –, o perpassar por estas peças poderia ser uma forma de saída para o sofrimento do “indivíduo narcisista”, este que vive o hoje, com suas subjetividades contemporâneas e um modo de comportamento que pensamos em nomear como um novo pecado contemporâneo.

Cabe salientar que de modo algum tencionamos colocar a leitura e tampouco a literatura como uma espécie de cura, remédio e nada que o valha, como também não buscamos uma espécie de redenção ou salvação para tal indivíduo que apontamos no decorrer desta dissertação.

¹⁸⁹ PONDÉ, Luiz Felipe. *Filosofia para corajosos*. São Paulo: Planeta, 2016. p. 162.

A saída que falamos em nossa hipótese é, após a leitura, de não somente as peças de Nelson Rodrigues, mas inclusive ler algo desse autor, que faça com que o leitor se sinta na pele de algum daqueles personagens e, quem sabe assim, consiga enxergar que a vida é como ela é, que tem defeitos, desejos obscuros, vontades proibidas, amores imperfeitos, e que morte e sexo atormentam o ser humano desde sempre.

Qualquer pessoa menos idiota que o normal sabe que ser eu mesma não é uma coisa óbvia no dia a dia e que se desfaz no primeiro momento em que nossas teorias sobre nós mesmos e os outros se chocam com a realidade dos fatos. Para um narcisista, é essencial manter o ônus dos vínculos em baixa; do contrário ele sofrerá mais que o normal. Os pais, por sua vez, aderiram ao projeto de braços abertos, tendo poucos filhos, ou nenhum, e amando Golden retrievers no lugar de filhos, dizendo para eles (filhos humanos ou caninos) que eles são mais inteligentes que os outros, e que, no caso dos filhos humanos, já são conscientes da problemática da sustentabilidade desde o berço. O governo, que não podia faltar, tornará lei o amor aos filhos, punindo pais que digam ‘não’ com produtores de baixa autoestima.

O cerco se fecha, e nossos autores dirão que uma cura possível seria a experiência da gratidão. Mas a gratidão é inviável num contrato social em o que o direito a tudo (o tal do *entitlement*) é a base do cotidiano, porque se eu tenho direito a tudo, tudo que recebo é obrigação daquele que me dá; logo, nunca experimento a ideia de que recebo algo de alguém que seja fruto da graça do mundo.¹⁹⁰

Que perceba que o problema não está só em si (na própria pessoa), e com isso faz de sua vida algo isolado do mundo real; e consequentemente, não consegue produzir relações afetivas, vive em competição com seus espectros fantasmagóricos, sofre como ninguém e age no mundo de modo a repelir e não se aproxima dos outros.

Viver assim e não tem a visão de que o sofrimento perpassa todos os outros corpos, que a linguagem não atende a todas as angústias, que existiram e sempre existirão palavras que faltam em alguns momentos de nossa vida, porque a vida não é perfeita e não temos como supostamente construir uma “bolha protetiva e de vida ideal”.

Pensamos que neste modo de comportamento fugido da “vida como ela é”, adoecemos cada vez mais, o que metaforicamente chamamos de pecado contemporâneo aproxima-se dos sete pecados capitais já conhecidos, o que nos leva a pensar que podemos vivê-los sem hora e lugar predefinidos.

¹⁹⁰ PONDÉ, 2016. p. 164-165.

Não saberemos nunca quando ele – o pecado – nos encontrará, e não existe a possibilidade perfeita de criarmos uma parede de proteção. Logo, o pecado contemporâneo do narcisismo pode sim estar lhe corroendo as vísceras, passando em sua corrente sanguínea como um corpo estranho, porém, ao mesmo tempo, íntimo demais a você.

Ninguém está livre do narcisismo, todos precisamos de um pouco dele, para acordar, levantar e se olhar no espelho diariamente e não contar como um dia a menos de vida, mas, sim, acordar, levantar, trabalhar, se alimentar, se divertir, amar, chorar, brigar, viver. Enfim, este narcisismo nos faz viver a vida, pois o que nos embota é o seu excesso, aquilo que vai sem limite junto de você para um abismo sem nome e sem lugar.

Nossas pontuações, nesta dissertação, são estímulos para que você possa refletir a quantas anda o seu pecado novo e, se quiser, também perceber como você tem se movimentando pelo mundo.

Por exemplo, todos nós pecamos e não percebemos, parafraseando o mundo digital – vamos ver os pecados cibernéticos e atualizados na rede:

Você está andando naquela linda rua bucólica da Suíça (aliás você a preferiu à praia com farofa lembra?), e ali tira uma *selfie* com um belo fundo europeu para provocar os coleguinhas pelo Facebook – lá está a **inveja**. Depois, você volta de viagem e com a fome do mundo pede suas comidinhas pelo iFood – olha aí a **gula**. Já que você está aproveitando o passeio, fez alguns cursos de poucas horas lá na Suíça e logo atualizará o LinkedIn para utilizar-se um pouco do **orgulho**, afinal são cursos feitos na Suíça. Seguiu para uns assobios digitais e com toda **ira** do mundo provocou alguns coleguinhas no seu Twitter. O dia passa e você resolve colocar em prática toda a sua **preguiça** e se deita para assistir a uma pequena série de 200 capítulos da Netflix. Pois é, fazer tudo isso sozinho(a), às vezes, pode até pintar uma vontade de ter alguém ao lado, compartilhando um momento único, então, porque não abrir o Tinder e colocar em prática a tão esquecida **luxuria**. E para completar, o nosso indivíduo pode levar vantagem ao se apropriar do wi-fi do seu vizinho – olha aí a **avareza**.

Os pecados estão aí, em toda parte, e aqui parafraseamos a vida das redes sociais, apenas para que se torne, como chiste, uma possibilidade de visualização do que acontece com todos.

Sem qualquer aspiração de colocar qualquer cunho moralizante, mas, sim, pinçar algo do comportamento humano de forma ética e deixar claro que todos estamos mergulhados na mesma lama, o mundo é igual para todos nós. Entretanto, não o são as formas de se relacionar com a vida, com seus afetos com o Outro, e é sobre este foco que tentamos chamar atenção.

A leitura de Nelson Rodrigues nos convoca a uma confissão acerca do narcisista que habita em nós. Acreditamos que este tema segue muito além desta dissertação, ele nos convoca a vários estudos, pesquisas, nos chama para saber se a geração milênio, século XXI, x, y, z independentemente do nome que melhor convier ou surgir, continuar agindo de modo alienante, onde isso vai desembocar?

Nossa pesquisa tem este campo a ser trilhado ainda e postula ao psicanalista o desejo de seguir ouvindo o ser humano, não só em sofrimento, mas todo ser humano falante.

Diante de todo este cenário, esse tal narcisismo é... Batata!

Vamos lá. Primeiro, porque, normalmente, cada um de nós é um ator sem plateia. Representamos, no máximo, para uma namorada, para meia dúzia de familiares, meia dúzia de vizinhos, meia dúzia de credores. E o sujeito que entra no Chacrinha sai de lá célebre. Aparece para milhões. E essa celebridade fulminante é a maior delícia terrena.¹⁹¹

Posto isso, caro leitor, fica aqui uma reflexão: o quanto você compartilha do novo pecado contemporâneo?

¹⁹¹ RODRIGUES, N., 2007 (b). p. 393.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Davi Pessoa Carneiro (Trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CALLIGARIS, Contardo. Estou cansado da ideia, comum nas missas, de que precisamos ser salvos. *Jornal Folha de S.Paulo*. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/12/1946368-natal-o-redentor-e-o-pecado.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- CARTIER-BRESSON, Henri. O momento decisivo. In: BACELLAR, Mário Clark (org.). *Fotografia e Jornalismo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes (USP), 1971.
- DICIONÁRIO CRÍTICO DE TEOLOGIA. Jean-Yves Lacoste (Dir.). Paulo Meneses (Trad.). São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Paulo Bezerra (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 2001.
- DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu, 2017.
- _____. *Patologias do social: arqueologia do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912/1914)*. Obras completas, v. 11. Paulo César de Souza (Trad.) São Paulo: Cia. das letras, 2012, p. 24-25.
- _____. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. (1912). v. XII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Introdução ao Narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Obras Completas. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar: Deus e o homem na história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- LACAN, Jacques. *Escritos / Jacques Lacan*. Vera Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Outros Escritos / Jacques Lacan*. Vera Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

- _____. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Jacques Lacan. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LASCH, Christopher. *A Cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MAGALDI, Sábatu. *Teatro da Obsessão*: Nelson Rodrigues. São Paulo: Global, 2004
- MAGALDI, Sábatu (Org.). *Teatro Completo*. Fortuna Crítica da Editora Nova Fronteira, Rio, 1981-89, em 4 vols., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, volume único.
- OPERA MUNDI. *Hoje na História: 1805 - França e Espanha se unem contra Inglaterra na Batalha de Trafalgar*. 21/10/2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/7099/conteudo+opera.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- OVÍDIO (Publius Ovidius Naso). *Metamorfoses*. Livro III. Edição bilíngue. São Paulo: 34, 2017.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Só os neuróticos verão a Deus? *Folha de S.Paulo*. 28 mar. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803201120.htm>>. Acesso em: 20 maio 2018.
- _____. *A Filosofia da Adúltera: ensaios selvagens*. São Paulo: LeYa, 2013.
- _____. *Filosofia para corajosos*. São Paulo: Planeta, 2016.
- _____. *Amor para corajosos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- RODRIGUES, Nelson. *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Óbvio ululante*. Rio de Janeiro: Agir, 2007 (a).
- _____. *A cabra vadia: novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007 (b).
- _____. *Elas gostam de apanhar*. Rio de Janeiro: Agir, 2007 (c).
- _____. *Memórias: a menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- _____. *A vida como ela é*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012 (a).
- _____. _____... *em série*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012 (b).

- _____. _____. *em 100 inéditos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2012 (c).
- _____. *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*. Teatro completo Nelson Rodrigues: peças míticas e psicológicas. Vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 (a).
- _____. *Álbum de Família*. Teatro completo Nelson Rodrigues: peças míticas e psicológicas. vol. I. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 (b).
- _____. *Toda Nudez será castigada*. Teatro completo Nelson Rodrigues: tragédias cariocas. vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 (c).
- RODRIGUES, Sonia (org). *Nelson Rodrigues por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.